

Universidade do Algarve
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Mestrado em Processos de Criação

Projeto/Dissertação

“Self is a Process” (C.G. Jung)

O processo de criação enquanto constituição de subjetividade
na relação com os outros

Estudante: Nicole Lissy

Número: 31246

Orientador: Dra. Mirian Tavares

Coorientador: Dra. Cecília Salles

Fevereiro 2025

Declaração de Autoria do Trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Nicole Lissy

© Copyright: Nicole Lissy

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda(s) a(s) comunidade(s) na(s) quais estou, e já estive, inserida até ao presente momento.

Com um agradecimento especial às minhas duas orientadoras, Mirian Tavares e Cecília Salles, e todas as amigas e amigos (incluindo o meu amigo fictício), que me têm acompanhado nesta viagem científico-criativa.

Um agradecimento especial também aos meus pais, pelas conversas orientadoras, a Ana Brandão pelas fotografias das obras, inseridas nesta dissertação, e ao meu amigo Pedro Mesquita.

RESUMO

O foco do meu trabalho é a análise de um projeto de autoria, contextualizado na afinidade de outros projetos artísticos, com o objetivo de contribuir para o debate acadêmico sobre processos de criação, na perspectiva de criar o começo de uma investigação multidisciplinar que contribua para uma nova reflexão, tanto no pensamento artístico, como no pedagógico. As investigações existentes deixam clara a natureza complexa desta reflexão, e a presente dissertação pretende contribuir para as recentes discussões, tendo consciência que sempre será apenas um primeiro passo para a construção de eventuais futuras investigações. Tal como em processo criativo, este processo de investigação nunca apresentará um resultado acabado, mas um resultado que poderá ser o início ou uma continuação de um caminho de investigação teórico-prática multidisciplinar. Utilizo perspectivas teóricas encontradas na semiótica e na constituição de subjetividade na relação com o outro para tratar o processo de criação como fenômeno imerso nas relações e interações de um sujeito em comunidade.

A ação artística torna-se presença em diferentes contextos espaço-temporais e materializa-se em forma de desenho, enquanto dispositivo para arquivo de memória de encontros entre sujeitos. Privilegia-se uma abordagem interdisciplinar, que concilia conhecimento acadêmico e práticas artísticas, explorando as interações como não-lineares e geradoras de impulsos criativos. O presente trabalho sugere possíveis caminhos para uma reflexão sobre o retrato enquanto desenho abstrato e arquivo de memória de momentos de interação que possam formar um ponto de partida para uma reflexão sobre a ideia de processo de criação e a implicação que esta ideia tem no desenvolvimento psicológico do indivíduo (criativo) em comunidade. Encontro na crítica dos processos de criação o suporte necessário e recorro a literatura de C.G. Jung e Gerald Hüther para compreender melhor o processo de criação enquanto desenvolvimento psicológico na interação com outros, e enquanto constituição da subjetividade. Apresento aqui uma tentativa de deixar um impulso para uma reflexão mais profunda nas consequências que estas ideias possam ter no nosso pensar artístico e pedagógico.

Palavras Chaves: Processo de Criação, Desenho, Retrato, Community Art, Interação artístico-pedagógica;

ABSTRACT

The focus of my work is the analysis of an authorial project in the context of the affinity with other artistic projects, with the aim of contributing to the academic debate on creative processes from the perspective of initiating a multidisciplinary investigation that encourages contributions to new reflections, in both in artistic and pedagogical thinking. Existing research clearly highlights the complex nature of this reflection, and this dissertation intends to contribute to recent discussions, being aware that it will always be just a starting point, first step for in the possibility of future research investigations. Just like in the creative process itself, this research process will never offer a final result, but a result that could be the beginning or continuation of a theoretical or theoretical-practical multidisciplinary research path. For this I use theoretical perspectives found in semiotics and the constitution of subjectivity in relation to the other, the subject in the community, to address the creative process as a phenomenon immersed in the relationships and interactions of a subject within the community.

Artistic action becomes present in different space-time contexts and materializes in the form of drawing as a tool device for the archiving of memory and documenting of encounters between subjects. An interdisciplinary approach is privileged, combining academic knowledge and artistic practices, exploring interactions as non-linear and generative of creative impulses. This work suggests possible pathways for reflection on the portrait - both as an abstract drawing and as an archive of memory of moments of interaction, which may form a starting point for reflection on the idea of the creative process and its implications for the psychological development of the (creative) individual within the community. In the critique of creative processes, I find the necessary support and turn to the literature of C.G. Jung and Gerald Hüther to better understand the process of creation in interaction with others, as the constitution of subjectivity, in an attempt to leave an impulse of reflection on the consequences these ideas may have on our artistic and pedagogical thinking.

Keywords: Creative Process, Drawing, Portrait, Community Art, Artistic-Pedagogical Interaction

Índice

Introdução	7
1. Retratos	18
2. Memória Descritiva do Projeto	38
3. Desenho enquanto Arquivo de Memória	62
4. ALMA: Self e Subjetividade	70
5. Cor de Alma	88
6. Conclusão: Sujeito em Comunidade (Community Art)	102
7. Bibliografia	108
Anexos: Arquivo de Imagens	110

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é apresentar uma reflexão teórica sobre o projeto RETRATOS DA ALMA, no qual se manifesta plasticamente sob a forma do desenho, mais especificamente sob a forma de retrato abstrato, uma reflexão sobre o desenvolvimento psicológico de indivíduos em relação com outros. A metodologia usada para tal reflexão foi a fenomenológica (Charles S. Peirce), que enfatiza a relevância da observação do objeto de estudo, direciona o olhar e define o recorte da pesquisa. No contexto do trabalho artístico-pedagógico que faz parte do processo do projeto RETRATOS DA ALMA, surgiu a importância da discussão da constituição da subjetividade no âmbito das redes da criação.

A partir das afinidades com os projetos artísticos (e pedagógicos) “Schule des Sehens” (escola do ver) de Oskar Kokoscha e “The Artist is Present” de Marina Abramovic, pretendo, portanto, discutir a constituição de subjetividade na relação com os outros, enquanto processo criativo.

Desejando contribuir para as recentes discussões em torno deste assunto, fundamento a investigação em leituras transdisciplinares, numa abordagem que visa conciliar o conhecimento acadêmico e diversas práticas artísticas. Com perspectivas teóricas encontradas na semiótica do retrato e na constituição de subjetividade na relação com outros, a partir do gesto do desenho, discuto o processo de criação como fenômeno imerso nas relações e interações do sujeito com a comunidade, explorando as interações artísticas (e acadêmicas) como não-lineares e geradoras de impulsos criativos (e teóricos).

Parto da premissa de que a ação artística se torna presença em diferentes contextos espaço-temporais e que se materializa em forma de desenho enquanto dispositivo para arquivo de memória de encontros entre sujeitos. O presente projeto/dissertação pretende sugerir possíveis caminhos para uma reflexão sobre o retrato enquanto desenho abstrato e dispositivo de arquivo de memórias de momentos de interação. Busco, por um lado, uma reflexão que seja compatível com os meus procedimentos artísticos, e, por outro, a uma ideia de reflexão em contexto artístico-pedagógico, que, por sua vez, encontra na crítica dos processos de criação o suporte necessário para ser tratada como constituição de subjetividade em relação com outros. Coloco então a hipótese de que a constituição da

subjetividade na comunidade que a rodeia, possa ser entendida como processo de criação do “self” (individual e coletivo). E precisamente para este processo tenho intenção de contribuir com o projeto/dissertação que aqui apresento.

Proponho, portanto, uma organização por áreas que se irão interligar na discussão teórico-prática desta dissertação:

Discuto o processo de criação do projeto artístico RETRATOS DA ALMA, da minha autoria, baseando-me principalmente no trabalho teórico de Cecília Salles que, em “Redes da Criação” (2006), procura compreender o modo como se desenvolvem os diferentes processos de construção de obras de arte. Salles sustenta as suas pesquisas na análise e observação de diversos processos de criação, a partir dos documentos deixados pelos artistas: diários, anotações, esboços, rascunhos, maquetes, projetos, roteiros, copiões, etc., bem como entrevistas a artistas cujos processos estuda.

No processo de desenvolvimento deste projeto/dissertação, procedi à recolha de documentos dos meus próprios processos de criação. Estes documentos, de origens diversas, olham também para as diversas componentes do trabalho: por um lado, a componente artística, por outro, a do desenvolvimento de pensamento e reflexão, orientando a escrita desta dissertação. Esta documentação acompanha e descreve o processo do projeto artístico aqui discutido, à luz das leituras feitas e da experiência prática artística e artístico-pedagógica. Os textos de Cecília Salles formam uma base teórica para as reflexões que esses documentos podem proporcionar: Uma maneira de se aproximar da arte, que incorpora o seu movimento construtivo e reflexivo nos dois níveis, prático e teórico.

Quero, principalmente, focar-me na proposta central de “Redes em Construção” (2006), uma vez que consigo encontrar muitos paralelos entre esta teoria e a minha prática artística e reflexiva. Ambas partem da necessidade de pensar a criação como uma rede de conexões, cuja densidade está estreitamente ligada à multiplicidade das relações que a mantêm. No caso do processo de desenvolvimento do projeto artístico aqui analisado, podemos dizer que, ao longo deste, a rede ganha complexidade à medida que novas relações vão se estabelecendo, podendo nós acompanhar esse desenvolvimento a partir dos registos anteriormente referidos.

Considero importante evidenciar que, a tentativa de sistematizar, sob a forma de Projeto/Dissertação, um pensamento processual e relacional, pode ser difícil, mas

proponho-me a discutir, em todo o caso, como artista, as minhas macro relações com a cultura e sociedade na qual me insiro. Este mapa de relações ajudará a compreender os modos de conexão das redes de pensamento em criação e a refletir sobre o conceito de autoria de um sujeito inserido em comunidade. Centrando-se a observação no processo, a partir de um olhar interno que reflete as relações entre mim, a comunidade e a obra.

Irei apoiar a pesquisa teórica em “cartas escritas a um amigo fictício”, um exercício criativo e de auto-observação, que acompanhou o processo de pensamento e escrita. As cartas formam um registo de desenvolvimento do mesmo, enquanto decorreu a pesquisa para esta dissertação. Os textos de Cecília Salles apoiam assim, não só a minha análise do projeto artístico, mas também se materializam enquanto análise da minha análise. Tanto o projeto artístico, como o estudo do mesmo, discute o potencial das relações do sujeito com a comunidade envolvente, colocando em questão a ramificação do processo criativo individual e coletivo.

Interligando pensamentos encontrados em leituras, crio, assim, uma base que funciona como rede de apoio mais sólida e teórica para o desenrolar do projeto artístico que se desenvolve à volta destas questões.

No contexto do recorte definido para este projeto/dissertação, esclareço como utilizo o termo ALMA, descrevendo o processo criativo de um projeto artístico e artístico-pedagógico, na sua prática, refletindo sobre as seguintes questões:

O que é um retrato?

O que acontece no ato do “retratar”, ou seja, no encontro de sujeitos e na interação que se reflete no gesto do retrato, entre artista e modelo?

Que processo de pensamento e ação/interação impulsiona na restante comunidade envolvente, ou seja, no público que assiste ao ato do “retratar” nas diferentes fases?

Que transformação no pensamento e comportamento poderá acontecer através destas interações e deste processo de criação específico?

Na primeira parte da minha reflexão teórica, contextualizo brevemente o retrato na história da arte e delimito a forma como entendo o conceito de retrato para o projeto analisado no âmbito do projeto/dissertação.

Na segunda parte pretendo definir o que entendo por ALMA, no contexto deste trabalho. Proponho analisar possíveis materializações de ALMA, processos que levam às mesmas, e relacioná-las numa perspetiva transversal e flexível, definindo, para o presente trabalho, focos específicos, a fim de facilitar alguns desdobramentos interdisciplinares na complexa relação entre o processo, o pensamento individual e o coletivo. Baseando-me principalmente em textos de Colapietro, Cecília Salles e Murrey Stein. Abordo o processo de criação enquanto processo de interação de um indivíduo criativo inserido na comunidade que o rodeia.

Analiso, portanto, em todos os capítulos, os procedimentos da minha prática artística e artístico-pedagógica, observando os métodos que adaptei para o processo de criação e pensamento. Com base na ideia do desenho como dispositivo de arquivo de memória de encontros entre almas, analiso, com o apoio da literatura, o processo de criação de um método, que surge da interação com o/a outro/a. Início, com o meu trabalho artístico, pedagógico e teórico, uma reflexão sobre a suposição de que os processos criativos e as práticas artísticas podem ser compreendidos enquanto necessidade básica no desenvolvimento de um *self* individual e coletivo. Ao longo do desenrolar do projeto/dissertação, acompanho o passado e o presente do processo de criação artística, descrevo o método criado e registo reações e resultados, sob a forma de vestígios e de desenhos, meus e das pessoas com as quais interajo ao longo do processo do projeto.

As interações, as relações, o diálogo e as transformações provocadas (ou não) nos encontros descritos, são o meu foco de interesse, no presente trabalho. Proponho, por isso, uma reflexão pratico-teórica sobre a complexa relação entre o processo de criação e a interação com outros.

No corpo do texto, apresento algumas imagens dos retratos resultantes dos processos descritos, e, em anexo, apresento vestígios e arquivos de memória dos processos do projeto artístico e da interação artística e artístico-pedagógica ao longo desse processo, ou seja, apontamentos, rascunhos, exercícios e desenhos feitos pelas pessoas que foram retratadas e que me retrataram de volta. Apresento imagens dos desenhos resultantes das interações, sobre as quais reflito nas diferentes fases do projeto, que desde 2021 me leva a uma maior reflexão e compreensão dos objetivos do meu trabalho artístico e artístico-pedagógico, no geral.

Para a criação/escrita deste projeto/dissertação, adapto um método criativo, como em quase todas as áreas da minha vida. Início o meu pensamento no reavaliar e reutilizar processos de pensamento e trabalhos já escritos/criados, textos, conversas e relações já existentes, às quais se juntam ligações novas ao longo do processo de escrita e criação deste projeto/dissertação. Compreendo que toda esta base teórico-prática cria a forma como penso e interajo com novos impulsos que recebo, em forma de livros que leio, imagens que vejo, conversas que tenho e com a literatura que consulto para aprofundar a parte da escrita desta dissertação.

Para registar o processo de pensamento e escrita, adaptei um exercício que nos foi proposto pela Professora Camila Manguiera Soares, no âmbito das aulas de mestrado, que se intitula “Carta para um amigo”. Apropriei-me do exercício para a escrita desta dissertação na perspectiva de acompanhar e registar o desenvolvimento do meu pensamento, de forma livre e criativa, sem julgamento nem exigência de perfeição ou exatidão científica. Em forma de diálogo com um amigo fictício e com a literatura que fui lendo ao longo do processo de escrita, registo com estas cartas, como fui criando novas ligações no desenvolvimento não-linear do meu próprio pensamento.

Esta prática tem-me ajudado a avançar no trabalho de escrita da dissertação. Nas cartas também registo conversas e ideias que vou tendo ao longo do processo. Ideias que surgem, por um lado, pela leitura, e, por outro, pelas conversas com amigos e família, com as minhas orientadoras e outras pessoas que possam estar envolvidas “por acaso” nestes processos de criação e pensamento. Paralelamente, vou desenvolvendo o conceito para uma exposição das obras materializadas ao longo do processo, desenhos, objetos e vestígios de processos, que antecedem o projeto/dissertação. Anexo um plano concreto sobre uma possível apresentação de resultados do processo aqui descrito e analisado, materializações artísticas, artístico-pedagógicas e académicas.

(Fig.1) Sem título, 2023. Caneta preta e aguarela sobre papel 100cm x 70cm



Querido amigo muito querido,

Precisei de algum tempo até conseguir sentar-me para te escrever. Parece que tive de ganhar coragem ainda. O trabalho vai muito lentamente, mas já consegui encontrar uma certa estrutura de pensamento e sinto-me mais confiante. Como sempre, encontrei caminho a caminhar, envolvida numa conversa interessante com a minha mãe, na qual falo sobre as ideias e vontades que tenho para a tese de mestrado. A minha mãe faz perguntas onde não me compreende. Não é fácil, porque tenho de traduzir pensamentos portugueses para o alemão. A minha mãe completa com alguns pensamentos, através da maneira como ela compreende C.G. Jung, o processo criativo, e o que este tem a ver com processos psicológicos. Sempre achei muito interessante o que ela tem para dizer. Não foi trabalhoso. Foi uma conversa leve e estimulante. Quando cheguei a casa, senti a necessidade de começar a escrever tudo o que surgiu nessa conversa, o que foi falado e o que estava presente no meu pensamento acerca do falado. De repente estava com muita pressa. Escrevi em folhas, rápido e numa mistura de línguas, porque uma coisa falada e pensada em alemão faz referência a textos ou aulas recebidas em português. Algo me vem à cabeça em inglês e como apenas serve para mim, escrevo num caos linguístico, mas consigo dar ordem ao meu pensamento e às minhas vontades...

Compreendo mais uma vez, e adoro, que o processo de pensamento é bem parecido ao processo de criação de matéria, aliás, para mim é um diálogo constante entre ambos e reparo que também para o percurso de trabalho nesta tese recorro a matéria física... papel, caneta, tesoura, post-its, criando imagens e organização materializada. Preciso de ocupar as mãos enquanto penso, também para desacelerar a pressa que surge de repente. Tenho a sensação que me posso esquecer, se não escrever ou registar de imediato e ao mesmo tempo, que me posso atrapalhar, se não criar algum suporte em material.

(fig. 18-22)

Fico entusiasmada, porque parece que consegui encontrar um fio que liga o que li de Colapietro com os livros de Cecília Salles e C.G. Jung. Tudo parece fazer sentido e quero, no primeiro capítulo, comparar a informação que encontro nestes três autores, de forma a conseguir expressar também a minha própria experiência, vivência e o meu pensar

(que ao longo do processo também está constantemente a transformar-se e a ganhar clareza)

Mais uma vez, tenho a noção nítida de que tudo, a vida, é processo criativo, mergulho nele e desfruto a viagem! Nem sempre dá tanta alegria como neste momento e, mais uma vez, vivencio que um processo nunca é feito por uma pessoa só. Há sempre interação que impulsiona processos e caminhos... Vivencio o que leio e confio. Como Jung explica a transformação de energia psicológica, eu vivencio, mais uma vez, no meu próprio sentir, como as energias, ideias, pensamentos são impulsionados no encontro entre pessoas. Energia nunca se perde, é transformada.

Consegui criar um esboço de estrutura do trabalho que tomei como base para fazer um cronograma mais detalhado. Tento ser realista, mas há tantos livros que gostaria de ler ou reler. Inicia um fogo de artifício de interesse, o que é uma sensação maravilhosa, mas sei que também pode ser perigosa para mim, porque tenho tendência a ultrapassar as minhas capacidades reais de trabalho, nestas fases de euforia. Então, sento-me, tentando ser realista e mais pragmática, a fazer um plano. Gosto de planos e tenho feito a experiência que ajudam sempre, mesmo se o processo nunca acontece conforme planeado, ao orientar-me nele, fico em movimento, percorro caminho. Quero mais uma vez, neste projeto, acreditar nisso. Também para conseguir melhor lidar com o medo.

Agora estou na fase de leitura dos primeiros três autores que provavelmente, além dos artistas consultados, darão o fio condutor do meu trabalho. Quero acrescentar a esta leitura ainda mais algumas para completar, mas estou a ver que estou muito lenta a ler. Preciso de compreender e apontar ideias enquanto leio e isto faz com que leve muito mais tempo do que gostaria. Entretanto, acontecem várias coisas urgentes na minha vida quotidiana que precisam da minha atenção imediata. Faço o exercício de confiar no caminho e nos momentos de fogo, que te descrevi antes.

Por enquanto, não te posso dizer muito mais. Estou numa leitura atenta e interessada do “mapa da alma” que resume a obra de Jung e enquanto leio, faço, automaticamente, no meu pensar, uma ligação e comparação com as leituras de Cecília Salles e Colapietro. Reparei que na maioria das vezes aponto as minhas notas já em português, mesmo sendo um livro que leio em alemão. E também já pensei em como vou traduzi-lo para o mestrado ou se vou apenas explicar o que compreendo dele e deixar as citações originais.

Entretanto, continuo o caminho, confiando no processo criativo e seguindo o meu plano. Juntando ambos, haverá sempre resultados, pelo menos, interessantes ou surpreendentes...

Até breve, querido amigo! Adoro caminhar, adoro pensar, adoro criar algo que ainda “nunca” sei o que vai ser, mas, ao mesmo tempo, possivelmente, já é.

20-11-2023

Querido amigo querido!

Aqui escrevo novamente, mesmo que nas últimas duas ou três semanas que passaram não tenham acontecido grandes avanços no trabalho para o mestrado. Pelo menos estas cartas obrigam-me a escrever alguma coisa. Gostaria de ter começado a escrever algo mais concreto, tal como foi aconselhado pelos professores, mas ainda não consegui. O dia que reservei apenas para leituras e escrita ocupa-se sempre com outras coisas, aparentemente, mais “urgentes”. Pelo menos, consegui ler todo o livro do Murray Stein com atenção, marquei várias citações que vou querer usar para explicar o que observo e penso sobre o observado e experienciado nos meus próprios processos de trabalho e vida. Hoje comecei a ler Baumann. Vou lê-lo mais rápido, penso, mas mesmo assim consigo encontrar passagens que me fazem sentido usar. Marco tudo com pequenos post-its e palavras-chaves para mais tarde conseguir encontrá-las. Conforme plano, já devia estar a ler Colapietro de novo e com atenção. Os capítulos do ano passado já reli, e, provavelmente, vou começar a escrever o primeiro capítulo à base do que já tenho lido e revisto. Na aula, com a professora Ana Soares, ainda se juntou um poema muito bonito que creio que se vá integrar nalgum outro capítulo. Ainda nem sei bem o que é e como escrever o tal “estado de arte” e se será mesmo necessário. Tenho, muitas vezes, dúvidas que parecem inadequadas, de forma que tenho dificuldade de ganhar coragem para as esclarecer.

Por outro lado, digo-me a mim mesma: estou cá para aprender. Cá na universidade, cá no mundo e cá nas minhas relações e interações. Paralelamente, surgiu outro projeto, outro processo criativo, retirado da gaveta onde esteve a hibernar esta grande fase de transformação pessoal e profissional que estou a viver. De repente, ele está vivo de novo e interfere com as reflexões para o mestrado e vice-versa. Os retratos da alma, por outro lado, estão guardados à espera de saber do seu próximo destino. Não tenho estado a desenhar. Tive uma conversa com o curador que me incentivou a criar retratos grandes, baseando-me no meu caderno pessoal. 30. Missão cumprida durante o verão. Tenho os 30 desenhos encostados à parede desde então. Ele ainda não os viu. Diz que o projeto tem que amadurecer. É capaz. Mesmo assim fiquei desapontada e sem vontade e ideias de continuar, por enquanto. Provavelmente, vou começar pelas entrevistas. E, enquanto faço as entrevistas aos meus modelos, poderia desenhá-los uma segunda vez. A ver o que acontece na conversa e no papel.

Dar forma a algo que não tem forma, diz um amigo.

O disforme do filósofo francês que a professora Ana Clara Santos referenciou, e que agora não me recordo do nome, diz o curador que me incentivou a investir neste projeto.

Pois, é nisto que vou, e é claro que aproveito todas estas leituras e pensamentos também para a minha vida. Como, ainda não sei, mas sinto o seu efeito... A releitura sobre a obra de C.G. Jung foi muito interessante e importante para mim. Demorei tempo, mas creio que seja um dos pilares do meu trabalho. O outro será Cecília Salles e Colapietro, aos quais se juntam depois a Marina Abramovic e o Oskar Kokoschka.

O livro sobre Community Art queria ler rápido, por uma primeira vez, ainda este mês, não sei se vou conseguir. Ele irá, possivelmente, entrar em mais do que um capítulo, mas, principalmente, na conclusão, penso.

Acerca das minhas próprias reflexões e pensamentos durante o processo de leitura posso dizer que, ainda mais convencida estou de que o meu trabalho artístico pode ter algum interesse. Ele próprio é uma reflexão sobre processos. Processos criativos e processos de vida, que se dão sempre na interação com alguém, com “os outros”. São sempre diálogos com o mundo. Pessoas, filmes, livros, música, outros autores, artistas, imagens criadas por alguém, conversas inesperadas que temos na rua, com desconhecidos que encontramos pelo caminho, que o cruzam aparentemente por acaso... também é uma questão de atenção e foco, é uma questão do nosso próprio pensar e interesse. O que nos interessa é no que reparamos. O que precisamos para o nosso trabalho irá aparecer ou faltar para termos de mudar de direção e assim faz-se um caminho, sempre. Nem sempre na direção que intencionamos. Aprendo a confiar no processo.

Por hoje vou finalizar esta carta, talvez um pouco confusa. Faz-me bem escrever-te, querido amigo. Mesmo se não compreenderes tudo - que possa ser vago e pouco explicado, nada académico - ajudas-me a refletir e a organizar a minha cabeça. Até para a semana!

Um abraço, Nicole

1. RETRATOS

O objetivo deste capítulo é pensar sobre o retrato e o autorretrato, numa perspectiva histórica, e refletir sobre o procedimento do “retratar” enquanto ato de desenhar, de forma intuitiva, no projeto RETRATOS DA ALMA. Analiso, com o apoio de literatura, o procedimento do “retratar almas” e as regras que criei para o mesmo. Reflito, assim, sobre um processo que se inicia em 2014, enquanto desenho intuitivo, e que, em 2021, se foca na prática de desenho intuitivo na área do (auto)retrato. Analisando a minha prática artística, deparo-me com o pensamento não-linear, nas relações internas, no pensamento em rede e na possibilidade de um não-pensamento ou intuição. Ainda chego à compreensão de que se junta o passado, o presente e o futuro no gesto de retratar, gesto que acontece e que se regista no encontro com outra pessoa.

Reflito, portanto, sobre o projeto RETRATOS DA ALMA, que parte de uma prática que chamo “desenho intuitivo” e que me leva a maior compreensão na minha vida pessoal e profissional. Trata-se de um exercício artístico pessoal, que me ajuda a criar ideias que se relacionam diretamente com o meu trabalho artístico-pedagógico. Uma prática, da qual nasce, em 2021, o início do processo do projeto RETRATOS DA ALMA, aqui analisado. No presente capítulo comparo-o com a descrição de retratos inseridos na história da arte.

Analisando o meu exercício artístico, na perspectiva de pensar o projeto artístico de vários ângulos teóricos, foco-me aqui no processo de criação, nas relações, na compreensão da criação em rede e na possibilidade de um não-pensamento, do ver, do sentir e da intuição.

Retrato ou Autorretrato?

“Lively and intact in a recurring wave Of arrival, The soul establishes itself.”

(Ashberry, 1975)

Entendemos retratos enquanto imagens de pessoas, reproduzidas por fotografia, desenho ou pintura, em que se retrata a imagem de um sujeito.

Historicamente, os retratos representaram inicialmente apenas pessoas ricas e poderosas com a intenção de descrever essas pessoas e constituir registos importantes. Isto tem alguma relevância no pensamento inicial do projeto RETRATOS DA ALMA, uma vez que ao contrário do anteriormente dito, considero todas as pessoas, que decidem deixar retratar-se por mim, igualmente importantes neste processo. Para facilitar a leitura deste capítulo traduzi as citações de Gordon Aymar do original em inglês para português. Aymar descreve o desenvolvimento histórico do retrato da seguinte forma:

A razão da existência da pintura de retratos é o desejo natural do homem de ter a sua imagem registada, como testemunha durante a sua vida e como um memorial para transmitir às gerações futuras – os contornos do corpo e, esperançosamente, a essência da personalidade. (Aymar, Gordon C, 1967, p.57)

Esta “essência da personalidade”, considero a componente do retrato que mais me interessou no começo do projeto artístico RETRATOS DA ALMA. Analisando-o hoje, posso estipular o ponto de partida deste processo específico, quando comecei com um novo exercício de desenho datado com 12-07-2021.

Ao longo dos séculos, retratos foram pintados para homenagear potentados, clérigos e aqueles que eram ricos o suficiente para pagar pelas obras dos grandes pintores. Além, porém, da categoria histórica, há um vasto grupo que se pinta pela afeição de um ser humano por outro... (Aymar, Gordon C, 1967, p.1)

Claramente também eu comecei por retratar as pessoas mais queridas à minha volta: família e amigos. Comecei a notar e a achar interessante a presença e atenção especial que surge, as conversas que tive no curto tempo do exercício, e o ligeiro desconforto que senti causar aos retratados, ao retratá-los.

Aymar descreve ainda outra categoria de retratos importantes na história da arte:

Os retratos pintados de gente simples – agricultores, trabalhadores, camponeses – por pintores como Velázquez, Goya, Bellows, Henri e Andrew Wyeth. Toda esta fase foi uma revolta contra aspectos estritamente sociais. Foi uma profunda apreciação da importância e do significado do ser humano como tal. Os artistas gravaram essas pessoas com compreensão, compaixão e, ocasionalmente, com um tom de humor. (Aymar, Gordon C, 1967, p.1)

Ao contrário de ambas as categorias históricas descritas por Aymar, no meu exercício de “retratar” procuro não criar nenhuma categoria nas pessoas. O objetivo é interessar-me por cada pessoa da mesma forma, independentemente de ela ser conhecida pessoal- ou publicamente e independentemente de classes sociais. Apenas mais tarde, com uma primeira série de retratos abstratos, criados e preparados para exposição, comecei a desenvolver a ideia de me focar na interação com “o modelo”, ou seja, com a pessoa que se deixa retratar por mim e que, no momento do ser retratada, aceita ser olhada com atenção e entra em interação comigo e eu com ela. Nisto tenho a intenção de não diferenciar as pessoas em mais ou menos “queridas” ou mais ou menos “importantes”. Tento abstrair-me de tudo que sei sobre a pessoa e apenas vê-la neste momento. É daí que surge o título do projeto RETRATOS DA ALMA. Intenciono focar-me na “alma” e só mais tarde, ao longo da minha residência artística nas escolas, comecei a pensar sobre transformações que podem acontecer no encontro de ALMAS, ou seja, na interação (mais ou menos consciente) entre duas (ou mais) pessoas.

Refletindo sobre o retrato, penso simultaneamente sobre o autorretrato, ambos têm, na história da arte, diferentes significados e procedimentos em culturas e épocas distintas, incluindo a escrita, a pintura, fotografia, filme e desenho. Cada procedimento oferece possibilidades únicas para capturar personalidade e características do retratado. Vejo o retrato como uma forma de representação que vai além da mera figura física. Falo de um procedimento artístico contemporâneo e conceptual que busca, no seu processo de interação, capturar a essência e identidade do indivíduo retratado e retratante, transmitindo uma visão, uma memória de intuição e significado encontrado no encontro entre duas pessoas.

Em 2021 comecei a interessar-me mais especificamente pelo RE-TRATO, pelo re-tratar, ou seja, pelo ser tratado e tratar de volta, pelo olhar para uma pessoa com atenção e vê-la, desenhá-la, tratá-la com sentido, sem tirar o olhar, tentando compreender, não apenas o que está visível. Os meus RETRATOS, desde o início do projeto, em 2021, não são figurativos, não são uma reprodução do visível, são um rasto do meu olhar, do momento de encontro entre mim e a pessoa retratada.

Gordon Aymar dedica o livro “The Art of Portrait Painting” àqueles que criaram uma interpretação perspicaz de um ser humano e, ao mesmo tempo, uma obra de arte duradoura (“*to those who have created a perceptive interpretation of a human being and, at the same time an enduring work of art*”) (Aymar, Gordon C, 1967). Se alguns dos meus retratos alguma vez forem “*enduring work of art*” provavelmente nunca vou chegar a saber, mas consigo encontrar alguns paralelos com o processo do meu trabalho, uma vez que também na minha prática artística se trata da tentativa de criar uma interpretação de um “ser” humano, tendo como base alguns dos grandes pintores, mas também artistas contemporâneos de diferentes áreas artísticas. Aymar descreve a pintura de retratos como uma arte:

...não só porque revela a habilidade de um pintor em representar o homem exterior objetivamente e o homem interior subjetivamente, mas também porque, ao fazê-lo, oferece a oportunidade de criar um objeto de beleza em si. (Aymar, Gordon C, 1967, p.10)

As materializações artísticas do projeto, os RETRATOS DA ALMA, desenhos expostos, terão sempre uma preocupação estética também, mesmo sendo o maior foco do trabalho o conceito e o processo do re-tratar. Tal como Gordon Aymar, acredito na abordagem desinibida da beleza e na independência de cada artista para se declarar à sua maneira: “*I believe firmly in the uninhibited approach to beauty, and in the independence of each artist to declare himself in his own manner.*” (Aymar, Gordon C, 1967)

No trabalho com o retrato, foco-me na revelação do espírito interior (“inner spirit”) concentrando-me principalmente no momento íntimo que partilho com a pessoa, e não na semelhança do resultado final com o aspeto físico do “modelo”. É por essa razão, com o intuito de comunicar este meu foco de interesse, que começo a chamar os retratos

RETRATOS DA ALMA em uma fase posterior. Aymar afirma que pintar um retrato implica representar a imagem exterior e o espírito interior:

Pintar um retrato implica uma semelhança com a pessoa - uma representação da imagem exterior e uma revelação do espírito interior. (Aymar, Gordon C, 1967, p.57)

Ele descreve o objetivo da arte do retrato como representação da pessoa, no seu apeto físico, mas também na interpretação da sua personalidade. No caso do projeto RETRATOS DA ALMA também trabalho a partir do que vejo e observo, mas de forma abstrata, não me preocupando com a semelhança do registo no papel, mas com a atenção e o contacto que tenho com a pessoa retratada no momento de a “retratar”. Foco-me nisto no segundo aspeto da semelhança, que, conforme Aymar, é a interpretação da personalidade do modelo.

Não se trata simplesmente de uma questão superficial de retratar uma pessoa com um olhar agradável ou severo. Envolve o estudo ao longo da vida. É uma compreensão de como todas as emoções básicas são gravadas momentaneamente no rosto e que impressão a sua repetição constante deixa como marcas inerradicáveis. (Aymar, Gordon C, 1967)

Contrariamente a isto, o meu interesse, mais do que na personalidade individual do “modelo”, foca-se na transformação que se dá em ambas as personalidades no momento de encontro. O que realmente me começou a interessar no projeto RETRATOS DA ALMA não é, nem a semelhança física, nem a personalidade da pessoa retratada, mas o que acontece no momento de encontro de duas personalidades, a do retratado e a do retratante, ou seja, no encontro entre ALMAS.

Ramos partilha a perceção de Henri Bergson:

“enquanto encara a vida como um fluxo contínuo” com a afirmação de Simmel: “cada momento actual determinado pelo curso inteiro da vida anterior, é o resultado de todos os momentos passados e, por isso, o presente actual da vida é a forma em que a vida inteira do sujeito é real.” Ou seja, “cada instante da vida é a vida inteira cujo constante fluir alcança a sua realidade.” (Ramos 2013)

Ramos afirma que o retrato clássico encerra o retratado no instante do seu presente, mas:

...como Simmel defende: “a alma, segundo a sua real particularidade, determina a forma e não se alcança senão através de uma abstração intuitiva em que as determinações se oferecem numa essência intemporal.” (Ramos 2013)

É precisamente através de uma abstração intuitiva, em que as determinações do momento se oferecem numa essência intemporal, que os **RETRATOS DA ALMA** buscam determinar uma forma da alma, no momento fugaz do encontro e na sua essência intemporal simultaneamente. Nisso o desenho “apresenta a capacidade de analisar a realidade de um modo espontâneo e imediato, que geralmente a pintura não possui.” O processo leva o artista a “procurar desde de baixo, desde aquilo que em comparação com a forma existente é completamente informe e obscuro.” (Ramos 2013)

No ato do “retratar a alma”, no encontro, a cor é escolhida em diálogo entre retratado e retratante. O desenho é o dispositivo de arquivo deste diálogo que se dá no encontro, do qual surgem inevitavelmente novos impulsos tal para o retratante como para o retratado. Assim compreendo que o passado, o presente e o futuro se unem no momento arquivado neste dispositivo. Em forma de desenho, de traços de caneta preta e cor de aguarela sobre papel.

Aymar fala sobre a semelhança do retrato da seguinte forma:

Quando se utiliza a expressão familiar “a speaking likeness”, está-se a referir ao facto de o pintor ter dado vida ao seu retratado, de o sujeito parecer estar prestes a falar. A fala pode revelar (ou esconder) pensamentos e sentimentos. A coisa mais elogiosa que uma pessoa pode dizer sobre um retrato acabado é: “É assim que me sinto!” (Aymar, Gordon C, 1967, p.119)

A questão sobre o “como se sente” a pessoa retratada, mas também o retratante, é provavelmente uma das questões que mais me interessam no caso do projeto **RETRATOS DA ALMA**, e que se reflete na escolha da cor. A pessoa retratada, na maioria dos retratos, escolhe a “sua” cor. Por vezes escolhemos em conjunto, porque também eu “sinto” a pessoa e posso senti-la de outra cor do que ela própria. Assim entramos em diálogo e negociação, acabamos por criar um registo deste diálogo, em forma de retrato abstrato no papel. Neste sentido sigo o que já disse Aristóteles: “O objetivo da arte é representar não

a aparência externa das coisas, mas o seu significado interno; Isso, e não a maneira externa e os detalhes, constituem a verdadeira realidade.”

É a capacidade de revelação que um pintor de retratos cultiva ao longo dos anos. Ele está a aprender uma linguagem básica - a linguagem do rosto. Aristóteles formulou-a nas seguintes palavras: “O objetivo da arte é representar não a aparência exterior das coisas, mas o seu significado interior; pois isto, e não a forma e o pormenor exteriores, constitui a verdadeira realidade.” (Aymar, Gordon C, 1967, p.119)

Não sou pintora e os RETRATOS DA ALMA não são pinturas no seu sentido histórico. Trata-se de desenhos rápidos, traços no papel com algumas áreas coloridas de tinta de aguarela. Existem apenas enquanto “esboços”, no sentido histórico, enquanto “primeiros traços” desenhados rapidamente para registar a impressão original do “modelo”, não influenciada pela atenção posterior aos detalhes ou por julgamentos revisados. Sendo que, nos procedimentos dos, aqui descritos RETRATOS DA ALMA, apenas após um segundo olhar e atenção posterior a detalhes, no sentir e no diálogo, se finaliza o desenho enquanto dispositivo de memória do momento de encontro entre duas pessoas. Questiono-me assim, se deveríamos, neste caso, falar de retratos ou de auto-retratos ou de ambos simultaneamente, uma vez que se misturam as subjetividades nestes encontros. No capítulo VI, *The Self-Portrait* do livro *The Art of Portrait Painting*, Gordon Aymar coloca uma série de questões acerca da natureza do auto-retrato que me ajudam nesta reflexão:

Seria interessante saber em que circunstâncias é feito um autorretrato. Porquê um artista quer pintar a si mesmo? É uma questão de vaidade? Um desejo de ser preservado para a posterioridade? Falta de modelos e vontade de continuar pintando? Quando estudamos os muitos retratos que Rembrandt fez de si mesmo (há mais de cem pinturas, desenhos e gravuras), parece claro que o seu motivo principal foi o desejo irresistível de exploração artística. (Aymar, Gordon C, 1967, 174)

Reconheço que o meu objetivo inicial, no criar este exercício específico, foi a exploração artística, por um lado. Por outro também se baseia no meu interesse pelas pessoas e por entrar em contacto com elas de diferentes formas. Curiosamente o exercício que criei para mim mesma e que mais tarde identifico como início deste projeto, é inspirado em exercícios criados por Oskar Kokoschka que partilha comigo o mesmo país de origem, mas outro tempo na história. O trabalho dele, principalmente o trabalho pedagógico e a

“Escola do Ver” que criou na Áustria em 1953, provavelmente, através do meu professor e primeiro mentor na área de artes gráficas e desenho, Peter Angerer, me influenciou desde cedo.

Aos 27 anos, Oskar Kokoschka (1886 -) pintou um memorável e revelador “Auto-retrato” (pl. 92). Não é apenas a imagem de um artista; é um símbolo de alucinação e insegurança. Os seus olhos bem abertos não veem nenhum objeto visível de medo; estão a refletir um fantasma interior de medo. É uma alma perdida, expressando a sua admiração pelos mistérios do universo. (Aymar, Gordon C, 1967, p. 188)

É exatamente essa alma, seja ela perdida ou não, das pessoas, o que me interessa. Entro em diálogo com o meu “modelo”. Não enquanto cliente, mas no sentido de partilhar algumas escolhas criativas no processo:

Acredito que, mesmo que o artista e o cliente não consigam chegar a acordo à partida sobre qual será a ideia do quadro, é uma aventura para o pintor imaginativo criar cem ideias, com qualquer uma das quais ele próprio ficará satisfeito. (Aymar, Gordon C, 1967, p. 263)

É a atenção, na observação e no contacto com a pessoa retratada, que é a base do meu projeto artístico:

A representação gráfica ou pictória de um objecto que visa uma aproximação objetiva exige um intenso trabalho de observação do modelo, a fim de se tentar compreender as particularidades formais” (Ramos, 2013)

No caso do projeto RETRATOS DA ALMA não me foco nas particularidades formais, mas na presença e interação com a pessoa e procuro, cada vez mais, essa intensidade na observação e no contacto.

No seu artigo “O Autorretrato como Consciência da nossa Vida”, José Artur Ramos analisa o autorretrato enquanto representação em articulação com outros fatores de mudança, cujas intervenções são tão específicas e também tão simples que a sua expressão por palavras se torna uma tarefa difícil, mas que pelo desenho ou pela pintura se podem tornar visíveis. Ramos fala principalmente do fator tempo, não só

compreendido no autorretrato isolado, mas inserido no momento, “executado num determinado espaço de tempo da vida do artista”. Assim existem variações que se refletem no rosto retratado que são provocadas por expressões de sentimentos ou estados emocionais, condições atmosféricas e de luz que podem produzir efeitos transformadores no rosto:

Assim a integração destes fatores como matéria fundamental do auto-retrato, caracteriza, como iremos demonstrar, não somente a fisionomia particular de cada um ou um estado de alma mais particular... (Ramos, 2013)

Os RETRATOS DA ALMA podem ser analisados enquanto retratos e autorretratos simultaneamente, ou melhor ainda, enquanto dispositivos de memória de momentos de encontros entre o “eu” e o “outro”. E como cada momento é diferente e cada encontro é um novo momento, podemos aqui também refletir sobre o fator tempo, compreendido no retrato e no autorretrato, compreendido em cada momento, executado num determinado espaço de tempo da vida do artista e do modelo.

No artigo de José Artur Ramos, partindo da obra de Georg Simmel sobre Rembrandt, procura-se caracterizar o autorretrato como um momento íntimo de confronto e de pesquisa sobre a nossa interioridade e individualidade.

O carácter efêmero da vida, onde é constante a presença da morte, que está existente em todo o auto-retrato. Este nasce pelo desenho que o desenvolve numa continuidade onde o passado se projeta no presente. O rosto é a soma de uma duração que molda a fisionomia, a expressão e a variação numa tensão que traz para o presente o passado que se refaz num agora. Assim, o auto-retrato, mais do que o retrato, encerra em si a possibilidade de transmitir aquilo que o sujeito tem de único e distinto enquanto indivíduo. Neste sentido, o auto-retrato representa o conhecimento de uma individualidade sentida no próprio processo da vida, tomada da corrente da vida e na unidade da sua existência (Ramos, 2013)

Estudando o projeto RETRATOS DA ALMA interessa-me até que ponto estes desenhos possam ser compreendidos como retratos e/ou autorretratos neste sentido.

O poema “*Self-Portrait in a Convex Mirror*” do escritor americano John Ashbery complementa, em várias passagens, o pensar e fazer poético dos RETRATOS DA ALMA. O poema inspira e auxilia-me na descrição e na análise do projeto artístico, criando com

a questão retrato, autorretrato ou arquivo de memória de um encontro, de diálogo, uma ponte com os outros autores aqui discutidos.

“Self-Portrait” concentra-se em um foco de atenção: a pintura-poema e o seu observador-criador. As relações entre eles mudam sem cessar, não há conclusão possível ao diálogo, mas muitas possibilidades são expostas, até mesmo a da destruição. O poema é a vivência da busca, e anuncia a oscilação constante do universo, no qual a vida corre sempre adiante da mimese convencional: “Não se pode guardar, entesourar/aquele momento como em bloco; também ele está fluindo, fugaz” (“Syringa”). Assim, a própria possibilidade de representar pela arte é questionada, sem ser destruída. (Concagh, 1999)

Cito aqui uma passagem retirada do poema “*Self-Portrait in a Convex Mirror*” na qual encontro paralelismo com o procedimento dos RETRATOS DA ALMA:

Is there anything to be serious about beyond this otherness/that gets included in the most ordinary/Forms of daily activity, changing everything/Slightly and profoundly, and tearing the matter/Of creation, any creation, not just artistic creation/Out of our hands, to install it on some monstrous, near/Peak, too close to ignore, too far/for one to intervene? This otherness, this/“Not-being-us” is all there is to look at/In the mirror, though no one can say/How it came to be this way (Ashbery, 1975)

No processo criativo, no encontro com o mundo interior e exterior, no encontro entre duas pessoas (ALMAS), entre o “eu” e o “outro”, até onde se misturam ou espelham as almas? Até que ponto a “alma” é individual ou coletiva nestes encontros? E onde se liga o processo da criação artística à alma e a alma à criação?

Ashbery, no seu poema, reflete sobre questões semelhantes, na materialidade da alma no (auto)retrato e simultaneamente sobre o processo de criação de uma obra de arte. É um poema inspirado na pintura de Parmigianino com o mesmo nome. O espelho convexo distorce a imagem, refletindo o sentido de auto-consciência do artista. Cito aqui apenas excertos do poema original que me auxiliam na minha reflexão:

The glass chose to reflect only what he saw/Which was enough for his purpose

The soul establishes itself. But how far can it swim out through the eyes/And still turn safely to its nest?

That soul is a captive, treated humanely, kept/In suspension, unable to advance much farther/Than your look as it intercepts the picture.

...so powerful/In its restraint that one cannot look for long. The secret is too plain. The pity of it smarts/Makes hot tears spurt: that the soul is not a soul/Has no secret, is small, and it fits/Its hollow perfectly: its room, our moment of attention.

... o espaço da alma, o nosso momento de atenção? Neste espaço/momento no qual se encontram duas almas, se foca o interesse dos RETRATOS DA ALMA. É um registo deste(s) momento(s) de atenção que dá espaço a uma alma de se reconhecer na alma do “outro”.

That is the tune but there are no words. The words are only speculation

A tentativa de descrever e analisar uma obra visual, que carrega informação e sabedoria não linguística, será, portanto, possivelmente um exercício de tradução apenas parcialmente possível, e por outro lado poderá, através do movimento tradutório, acrescentar novas conexões a uma rede de criação em constante re-construção.

Affirmation that doesn't affirm anything.

A distorção, o disforme, nos RETRATOS DA ALMA, desenhados sem olhar e sem interesse na semelhança física com o modelo, acaba por criar novas harmonias estéticas.

However its distortion does not create/A feeling of disharmony... The forms retain/A strong measure of ideal beauty," because/Fed by our dreams, so inconsequential until one day/We notice the hole they left. Now their importance/ If not their meaning is plain. They were to nourish/A dream which includes them all, as they are/Finally reversed in the accumulating mirror.

De que forma o encontro entre almas nos ajuda, através da auto-reflexão (espelho), a reconhecerno-nos a nós próprios? E que transformações são impulsionadas em cada alma através deste olhar para o “outro” e para si mesmo, simultaneamente?

Dreams prolong us as they are absorbed? Something like living occurs, a movement/Out of the dream into its codification.

The surprise, the tension are in the concept/Rather than its realization.

So as to create something new/For itself, that there is no other way/That the history of creation proceeds according to/Stringent laws, and that things/Do get done in this way, but never the things/We set out to accomplish and wanted so desperately/To see come into being. (Ashbery, 1975)

Nesta passagem, no meu entender, Ashberry descreve, de forma poética, como se desenvolve um processo de criação na relação com o “outro” e consigo mesmo, simultaneamente. Com isso quero criar a ponte com o projeto RETRATOS DA ALMA enquanto diálogo com a comunidade envolvente.

Retrato, um Diálogo...

Quero aqui começar por olhar primeiro para a minha prática de *desenho intuitivo*, que antecede o projeto RETRATOS DA ALMA. Vejo esta prática como um diálogo interno e simultaneamente com o “outro”. Posso considerar estes desenhos como “desenhos de criação” (Salles 2006) que tem um papel relevante no meu trabalho artístico-pedagógico, tal como esquemas, mapas ou planos têm um papel relevante noutras profissões. Os desenhos enquanto diálogos entre linguagens:

...desempenham um papel de extrema relevância. São contínuas traduções. Essas anotações visuais aparecem de modo recorrente, cumprindo diferentes funções e exibindo grande potencial criador. São representações gráficas que desempenham o papel de auxiliares para os artistas. (Salles, 2006)

O foco do meu trabalho artístico tem sido sempre as pessoas e as relações entre elas. Interessa-me, mais especificamente, o que acontece nas pessoas, no gesto e no processo da materialização artística, interessa-me o movimento transformador, nestas relações e interações.

Estando a trabalhar há muitos anos na ligação entre a arte e a educação e vice-versa, explorando diferentes formas de como ligar uma à outra de forma fluída e verdadeiramente conectada, o meu atuar no mundo me levou a trabalhar com muitas pessoas, grupos, crianças, jovens e adultos. Interações que podem ser extremamente inspiradoras por um lado e por outro lado, o contacto intenso e a constante interação também podem esgotar energias e ideias. O *desenho intuitivo* que desenvolvi enquanto auxiliar na minha atividade artístico-pedagógica, tem sido o meu abastecimento, o

silêncio para ouvir-me pensar e escutar-me sentir. Neste sentido e à medida que minha intuição artística se foi desenvolvendo através desta prática, o processo de trabalho e a interação com as pessoas tem-se intensificado e desenvolvido para caminhos cada vez mais livres e criativos.

Aceito com abertura e curiosidade novas possibilidades, observando-as, registrando e impulsionando de forma criativa e atenta, procurando estar presente de “corpo e alma” nos encontros que tenho com pessoas, refletindo e adaptando propostas artísticas e artístico-pedagógicas à realidade observada. Procuo, portanto, com o exercício do desenho intuitivo, aumentar o meu próprio autoconhecimento para poder, a seguir, trabalhar no sentido de dar impulsos cada vez mais ajustados às pessoas com as quais entro em contacto.

Como o pulmão, onde ocorrem as trocas gasosas contínuas que garantem a vida, o psiquismo depende desse trânsito de imagens para constituir-se e (re)organizar-se, condição de linguagem viva que faz (e se faz/refaz) corpo nas interações, nas transformações, na semiose. Ser é produzir imagens ao lê-las e o sujeito, esse corpo guarnecido de psiquismo descentralizado, faltante e desejanete, metaforiza-se nos estilhaços de seus próprios arquivos de criação pelos quais trafega à procura de um saber de si. (Martinelli de Araújo, 2022, p.122)

Vejo em este “saber de si” uma grande responsabilidade enquanto artista e ser humano, sabendo que, estando cada vez mais consciente de mim própria, posso cada vez mais criteriosamente contribuir para transformações criativas que acontecem no âmbito das complexas relações humanas, nos tais “encontros de almas”, na interação. O artista em criação interage com o seu redor, sendo que a obra, enquanto sistema aberto em constante construção, age como iniciador de uma multiplicidade de ligações:

Estamos falando da tendência do processo em seu aspecto social: o percurso criador alimenta-se do outro [...]. (SALLES, 2006, p. 40). Ainda segundo Salles, as redes de criação sustentam a teoria crítica dos processos de criação, arcabouço acadêmico que busca, por meio dos chamados arquivos ou documentos de processo – anotações, cadernos, estudos, esboços e também obras publicadas – encontrar recorrências que nos digam algo sobre a atividade criadora em geral e, ao mesmo tempo, revelem como ela é conduzida por um artista ou grupo deles. (Martinelli de Araújo, 2022, p.26)

Olhando sobre os traços do “fazer e pensar”, ação no passado, que ficam arquivados em forma de desenho, quero aqui trazer mais um parágrafo do doutoramento de Paula

Martinelli de Araújo que reflete sobre a imagem de arte, utilizando as perspectivas teóricas encontradas na semiótica e na psicanálise para tratar a imagem como fenômeno imerso nas relações de produção e comunicação; como interface de troca entre sujeitos:

O encontro com esses documentos de criação nos permite identificar a função íntima da arte e seu vínculo indissociável com inscrições psíquicas e dinâmicas libidinais, bem como o anacronismo de certos elementos que se repetem durante todo o eixo durativo do projeto poético. Não se trata, contudo, de um artifício em busca de psicobiografias, mas de apontar que o processo, com todas as suas tentativas, erros, acasos, sucessos e fracassos, foi empreendido por um ente de memória, desejante, imaginante, que navega por seu próprio acervo de imagens em busca de algo. (Martinelli de Araújo, 2022, p.36)

Abordo na minha reflexão sobre o exercício de desenhar, enquanto processo intuitivo, e relaciono-o com questões sobre a alma, pensamento e desenvolvimento criativo no encontro e no contacto com outros.

Em 2014 recomecei a minha prática, após um intervalo de vários anos sem atividade artística. Reiniciei através de um exercício que chamo desenho intuitivo. Ao longo dos anos mostrou-se essencial para desenvolver maior compreensão na minha vida pessoal e profissional e ajudou-me a encontrar inspiração e criar caminhos no meu trabalho artístico-pedagógico. Apenas em 2021, a minha prática de desenho intuitivo começa a direcionar-se para o retrato. Analisando esta prática, deparo-me cada vez mais conscientemente, com meu pensamento que nunca é linear, reparo nas relações internas e externas, no pensamento em rede e na possibilidade, através do “desenhar”, de um não-pensamento ou intuição. No gesto do fazer/desenhar como descrito por Paula Martinelli:

“...o anacronismo que Didi-Huberman identifica na imagem é resultado da autoria: imagens são criadas por seres cujos trânsitos psíquicos são anacrônicos, de maneira que só poderiam trazer em si, elas também, um tipo de lapso temporal. As falas de Peirce e de Freud nos mostram que a não-linearidade atribuída ao inconsciente também se faz presente nas criações, a partir do manejo das materialidades e referências que se transformam em imagens – estas são rastros dos processos psíquicos entrelaçados e, por isso, alheios a qualquer tentativa de disposição linear. Esse é um aspecto geral que um olhar atento aos arquivos nos permite concluir (Martinelli de Araújo, 2022, p.37)

Posto em outras palavras, digo com as palavras de Eustácio Neves: “Faço o que sinto” (Martinelli de Araújo, 2022, p.33), cada vez mais, isso quer dizer que ao longo dos anos de prática de desenho intuitivo consigo afinar melhor a minha intuição artística e fazer o que realmente sinto (e não penso). Faço, portanto, o que sinto, e penso enquanto o faço. Nesse processo crio imagens, não palavras, para descrever o que é. No desenho deixo o rasto, enquanto memória fugaz, dessa atividade sensual, criativa e intelectual - “...*no words to say what it really is...*” (Ashbery, 1975)

(Fig.2) Sem título, 2023. Caneta preta e aguarela sobre papel 100cm x 70cm



01-12-2023

Querido amigo querido!

Não sei o que te dizer. Talvez esteja a levar as coisas com calma demais. Estou a adiar. As leituras vão tão lentas e a escrever ainda nem comecei. Mas fiz uma grande pesquisa sobre como fazer um estado de arte e questiono-me ainda se devo fazer. Quer dizer: vou fazer, como trabalho final de seminário. Mas não tenho certeza se vou querer incluir isso no meu trabalho. Ou num resumo no início? Ainda tenho tantas inseguranças. Stressa-me o passar do tempo e ao mesmo tempo sinto que não vale a pena começar a escrever enquanto não tiver as leituras feitas atentamente. E assim vou-me bloqueando a mim própria e, entretanto, muita outra vida a acontecer...

Mas pelo menos obrigo-me a escrever-te. Mesmo que não tenha grandes novidades. Também o projeto “Retratos da Alma” está parado. Não tive coragem nem ideias para formular perguntas para as entrevistas aos modelos/participantes. E o trabalho preparado para uma exposição continua encostado à parede. 32 desenhos em papel de algodão A0. O curador nem os veio ver ainda. Está em Paris e diz que o meu trabalho tem de amadurecer. E que devo trabalhar escultura. Não desgosto da ideia, mas questiono-me a mim e a ele. Onde? Como? Nem espaço nem tempo tenho. Fico chateada com ele e frustrada comigo própria.

Não sei se essa exposição irá mesmo acontecer e como amadurecer o trabalho (que já está feito). É claro que o projeto irá amadurecer com o tempo e também com a escrita desta... O que será mesmo? Uma tese? Uma dissertação? Uma investigação de projeto? Apenas cartas a um amigo?

Hoje não tenho muitas ideias. Só perguntas e provavelmente nem essas muito interessantes, mas escrevo porque me comprometi.

Tento dizer-me a mim mesma que tudo isto faz parte do processo, e sei, mas nestas alturas custa acreditar e surge sempre o medo de não conseguir. Enquanto não avanço, o medo fica cada vez maior. Também sei que, quando finalmente conseguir avançar, o medo diminui e as ideias começam a compor-se. Devo esperar que este momento surja naturalmente? Consigo acelerar alguma coisa? Como acelerar as leituras, por exemplo? Se tenho tão pouco tempo para estar realmente focada nos livros?

Gosto do que estou a ler. Interessa-me muito, também pessoalmente e muita coisa começa a fazer ainda mais sentido a vários níveis. Esta aventura-mestrado também é uma caminhada pessoal e acompanha uma grande transformação criativa na minha vida.

É isso que tenho a dizer por hoje. Espero poder escrever-te para a semana, já com algum academismo e alguns pensamentos um pouco mais organizados. Por enquanto há caos. No pensar e no materializar... Folhas soltas, post-its, uma pasta criada para futura organização de artigos. Um livro lido, mais meio. O plano de leitura e trabalho colocado visivelmente por cima do móvel ao pé do sítio onde trabalho. Apontamentos soltos dos seminários, que sei que vão servir e que devo rever, mas ainda não consigo...

(fig. 17-18)

Até breve, querido amigo!

13-12-2023

Querido amigo,

É hoje que vou começar a escrever. Apresentei na aula um pouco do meu caos criativo. Livros lidos, pensamentos soltos e o pouco de estrutura que consegui encontrar. Ainda recebi algumas dicas valiosas e a partilha deu-me algum ânimo de finalmente abrir um documento word e começar a pôr texto em cima de folhas brancas (digitais). Ainda, ou já, tenho folhas de papel, palavras escritas à mão – na verdade eu gosto e continuo a gostar de trabalhar com material que se possa tocar e sentir, ver e cheirar, mudar de formatos e cores. Recortar e colar, verdadeiramente, de forma análoga. Expandir e arrumar em cima da minha cama. É assim que trabalho. Pelos vistos também neste projeto de mestrado. Tem-me ajudado a acreditar, mesmo estando em caos, pontas soltas, alguns pensamentos, memórias perdidas. Começa a fazer mais sentido. Vou, mais uma vez trabalhar com colagem. Colagem de textos, antigos meus, de outros autores, de outros processos. Também na criação e no trabalho artístico tenho feito esta experiência milhões de vezes desde que sou pequena. Um processo leva a outro e a outro e vai-se assim desenvolvendo o trabalho e a vida. Só há relativamente pouco tempo comecei a aprender a aceitar também os momentos feios, dolorosos, esteticamente desagradáveis e caóticos como parte integrante e importante nestes processos. Sempre sofri muito com estes momentos, às vezes demasiado longos, mas começo a dar-lhes um certo valor. Quando depois consigo começar a organizar e arrumar parece de repente muito trabalho feito e instala-se uma grande alegria, surpresa e prazer. E hoje sinto essa vontade. A vontade de começar a arrumar. De começar a começar. Já arrumei a casa e o computador. Agora vou começar a arrumar o projeto “mestrado”.

Por isso, não vou perder mais tempo aqui. Vou criar o meu ficheiro. Fazer um primeiro índice. Copiar os trabalhos do ano passado para criar um primeiro esqueleto para me orientar e depois, a partir daqui descrever o processo do projeto “retratos da alma”. Porque este capítulo será o que vou ter de entregar ainda até 15 de janeiro.

Depois disso faço uma pesquisa sobre retrato. Aconselharam-me a incluir este capítulo, não sei se vou querer aprofundar muito esta parte, mas de certeza é interessante para mim e para o trabalho...

Talvez possa fazer um estado da arte apenas sobre retrato, talvez seja mais fácil. Ainda tenho de perceber bem qual o trabalho a entregar no seminário de investigação. Seria a prioridade antes de continuar com o “flow” da escrita.

É assim que estou. Pronta para finalmente começar (oficialmente). Na verdade, já comecei, de outra forma, a trabalhar por dentro e de dentro para fora, tal como o Dr. Jung explica numa das entrevistas que vi. O inconsciente também está a trabalhar no assunto, tenho a certeza.

Até breve querido amigo, espero poder trazer mais novidades para a semana!

2. MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO

Neste capítulo discuto o processo de criação do projeto artístico RETRATOS DA ALMA baseando-me principalmente no trabalho teórico de Cecília Salles que, em *Redes da Criação*, procura compreender o modo como se desenvolvem os diferentes processos de construção de obras de arte. No processo do desenvolvimento deste projeto/dissertação recolho documentos dos meus próprios processos. Por um lado, do desenvolvimento do projeto artístico e por outro do desenvolvimento de pensamento e reflexão, que acompanha e descreve o processo do projeto artístico aqui discutido. Cecília Salles dá uma base teórica para as reflexões que esses documentos proporcionam. Os textos dela disponibilizam uma outra maneira de se aproximar da arte, que incorpora seu movimento construtivo e reflexivo. Onde os processos de criação, em um sentido amplificado, se tratam enquanto processos inacabados. O processo de criação, assim, pode ser descrito como um “movimento falível com tendências, sustentado pela lógica da incerteza, englobando a intervenção do acaso e abrindo espaço para a introdução de ideias novas” (Cecília Salles). Na minha criação e simultaneamente na reflexão foco-me na proposta central das *Redes em Construção* de Cecília Salles, uma vez que consigo encontrar muitos paralelos entre a teoria de Salles e a minha prática artística e reflexiva. No caso do processo de construção do meu projeto artístico aqui analisado, podemos dizer que, ao longo do percurso, a rede de compreensão ganha complexidade.

A tentativa de sistematizar um pensamento processual e relacional, é complexa, por vezes caótica e nunca linear, mas propõem, de forma autêntica, discutir as minhas relações com a(s) cultura(s) e sociedade na qual me insiro. Tento compreender os modos de conexão das redes do pensamento em criação e refletir sobre o conceito de autoria de um sujeito inserido em comunidade, a partir de um olhar reflexivo ao percurso da criação, compreendendo assim relações entre processo, comunidade e obra.

Os textos de Cecília Salles não só apoiam a minha análise do projeto artístico, também se materializam enquanto análise do meu pensamento. Tal o projeto artístico, como também a análise do mesmo, discutem o potencial das relações do sujeito com a comunidade envolvente, colocando em questão a ramificação do processo criativo individual e coletivo, tanto artístico como intelectual.

Marco o início do projeto RETRATOS DA ALMA no verão 2021 com um desenho datado 12-07-2021 que é a primeira entrada em um pequeno livro, A6, preto com folhas brancas.



(Fig. 3) Livro de desenhos, 2021-2025. Capa preta A6

O primeiro desenho, com caneta preta e uma pequena área colorida, com lápis de aguarela verde.



Vali 11.7.21

(Fig. 4) Primeiro desenho do livro, 2021. Caneta preta e aguarela sobre papel A6

Os velhos lápis de cor aguarela pareceram-me práticas para levar a passear na mochila, junto com o livro e a caneta. Comecei por “retratar” as pessoas, na sua maioria conhecidas, que encontrava durante as férias de Verão na Áustria (o meu país de origem), onde vou para visitar família e amigos, geralmente uma vez por ano. O desenho de retratos realistas já não me interessa há algum tempo, mas as pessoas, olhar para elas continua a interessar-me sempre, de vários aspetos. Por isso acabei por iniciar um exercício que defino como exercício inicial deste projeto, porque se baseia no ver a pessoa e não na imagem resultante. Deixou de fazer sentido para mim, criar imitações do mundo visível através do desenho. Gosto de desenhar rápido para me surpreender e enganar - ultrapasso a minha própria consciência crítica e mantenho-me ativa, não frustrada. Na minha prática, portanto, adaptei um método muito simples para este exercício em específico, no livro

preto que dá início e continuidade ao projeto RETRATOS DA ALMA e que será mais uma vez usado como suporte na performance da apresentação e defesa do projeto/dissertação. O livro preto com que marco o começo deste projeto, que ainda não está preenchido totalmente, estará seguidamente disponível na exposição enquanto objeto artístico não acabado.

Para sentir mais e pensar menos enquanto trabalho, adapto, neste projeto, um conjunto de regras claras e simples que sigo desde o início até ao ponto atual do projeto, de forma transformada, mas seguindo o conceito inicial, ou seja, criei um método inspirado nos exercícios de Oskar Kokoschka dos quais tomei conhecimento durante a licenciatura para o ensino de artes visuais na Áustria. Adaptei-o, de formas diferentes, nas várias etapas do projeto. O pequeno livro preto, mais tarde, começou a dar origem à interação com as pessoas que retrato e deu início ao desenvolvimento do projeto RETRATOS DA ALMA.

Inspirando-me nos exercícios pelos quais passei durante a minha formação em desenho/arte gráfica e no que li e vi ao longo da minha vida (em contexto de formação e fora dele) sobre o pensar e fazer de Oskar Kokoschka e a sua “Escola do Ver”, criei um exercício para mim mesma: deixo traços do que vejo no papel, segurando e movimentando a caneta sobre o mesmo, sem perder o contacto entre caneta e papel, nem o contacto pelo olhar entre mim e o modelo. Isso significa que durante o instante do retratar, geralmente são poucos minutos, olho apenas para a pessoa que estou a “ver”. Olho para ela, para as formas, os detalhes e o movimento no seu rosto, sem nunca perder o contacto no olhar, ou seja, nunca vejo o papel, apenas vejo a pessoa enquanto estou envolvida no ato de “retratar”. Somente quando defino o retrato como terminado, tiro a ponta da caneta do papel e autorizo-me a olhar para o desenho. Depois de acabados, vejo os traços que ficaram visíveis no papel enquanto memória do momento do olhar intenso e concentrado, da tentativa de “ver” a pessoa com atenção.

Concentro-me cada vez mais no olhar atento e no sentir com os olhos, a pessoa que estou a retratar, apenas sentindo o movimento da minha mão. Seguro na caneta e movimento-a sobre o papel. Confio. Em mim, na pessoa e no processo criativo da nossa interação efémera. A decisão sobre o término do desenho tomo de forma intuitiva, quando tenho a “sensação” de ter tudo visto pelo menos uma vez. Apenas após tirar a caneta, que durante

o desenho cria um traço contínuo, uma vez que não é levantada do papel, observo o desenho e deixo “o modelo” observá-lo igualmente.

Em conjunto decidimos uma cor de aguarela que tenho comigo. No processo da escolha surgem pequenas conversas, sobre cores preferidas, sensações, sentimentos, preferências. Após observar, conversar e sentir a pessoa que retrato, e na interação que temos, escolho então uma ou mais áreas no papel que foram delimitadas pelos traços de caneta. Dou-lhe a cor, escolhida em conjunto com o “modelo”, e/ou intuitivamente, caso o modelo não queira escolher. Desta forma acontece sempre algo surpreendente e interessante para ambos, tal no papel enquanto dispositivo, como também na interação com a pessoa que retrato.

Após ter olhado para os primeiros traços no papel, ou seja, para um desenho abstrato e completamente desconhecido para mim mesma, porque apenas neste momento o vejo pela primeira vez, acrescenta-se então uma área com cor de aguarela. Algumas das questões que me surgiram ao longo desta prática já foram discutidas anteriormente: Poderemos entender estes desenhos como retrato da pessoa retratada? Ou como autorretrato, uma vez que é o movimento da minha mão que fica impregnado em forma de traço preto no papel? E uma vez que é a minha escolha do sítio realçado com a cor escolhida por ambos, será um retrato e autorretrato simultaneamente? Ou poderá chamar-se a isto ainda mais precisamente um retrato da nossa interação/diálogo, um retrato do nosso encontro, uma memória, um desenho enquanto arquivo dessa memória de encontro entre duas pessoas?

No início do projeto, nos primeiros desenhos em 2021, comecei por escolher a cor sozinha, de forma intuitiva, mas acabei, naturalmente, na conversa e interação com “os modelos”, a escolher a cor em conjunto com a pessoa retratada. Coloco “o modelo” entre aspas para o diferenciar de uma percepção histórica de “artista” e “modelo”. Os “modelos” podem ser todas as pessoas, de todas as idades, pessoas conhecidas ou não, amigas ou não, conhecedores de arte ou não, de qualquer nacionalidade, etnia ou classe social. Até agora apenas retratei pessoas, com as quais consigo falar uma das línguas que domino, mas acredito que, de forma adaptada, também seria possível retratar pessoas que não falam a mesma língua. A interação e comunicação terá de ser feito de outra maneira, mas uma vez que o método e o processo são simples, será facilmente compreendido e

negociado. A única condição de ser “modelo” é, que a pessoa concorda e queira ser retratada, que esteja aberta para passar pela experiência de ser olhada com tempo e intensidade diferente do que está acostumada, com foco e atenção. No lidar com esta experiência tenho reparado diferenças de reação nas pessoas que retratei, e compreendi também que mesmo para as pessoas conhecidas e até para amigos e família, não deixa de ser um momento íntimo, muitas vezes constrangedor.

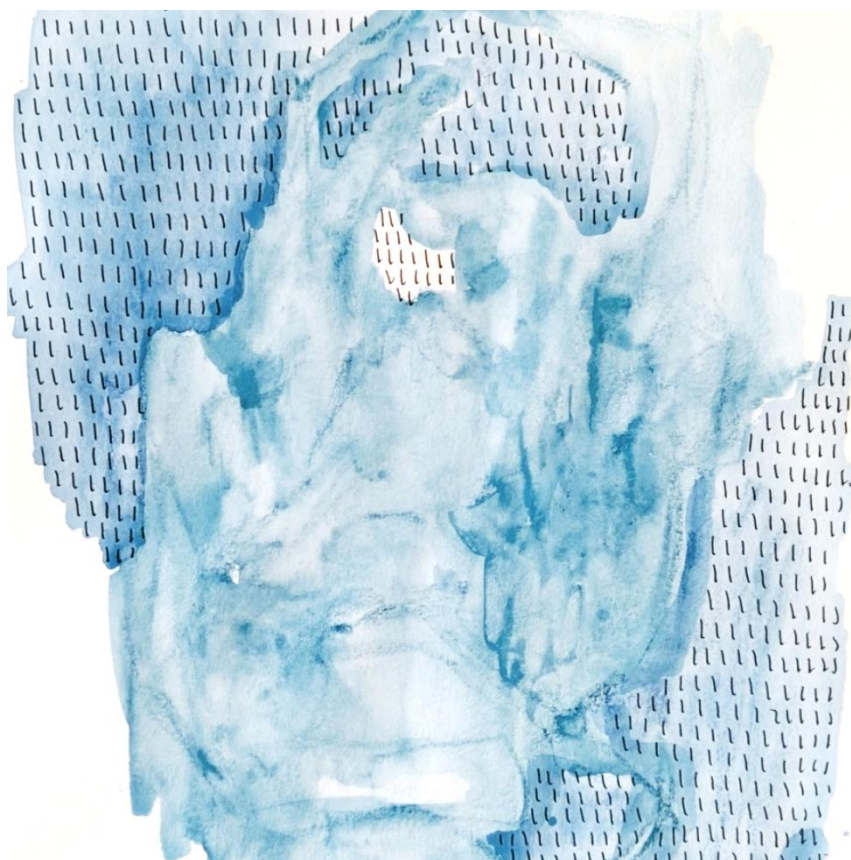
“O modelo”, ou seja, a pessoa que está comigo à conversa e a ser retratada, pode escolher a sua cor após ter visto o primeiro esboço/traço no papel. Por vezes, não concordo com a escolha. A minha intuição proporciona outras escolhas. Assim entramos em diálogo até encontrarmos uma cor que ambos podemos aceitar. Somente no caso de a pessoa retratada não ter vontade de escolher a sua cor, escolho eu sozinha e intuitivamente.

O local da aplicação dessa cor também é uma escolha minha, intuitiva, depois de mais um olhar, por vezes longo e atento, para a pessoa. Neste segundo olhar não olho apenas com os olhos, procuro ver com mais sentidos, deixando, por fim, no analisar os traços já existentes a minha intuição estética escolher o lugar definitivo da cor.

Em uma exposição individual no espaço de galeria da associação AMARELARTE mostrei, em 2022, uma série de aguarelas na qual começo a trabalhar o retrato de forma abstrata, em aguarelas de duas cores que se interligam ou sobrepõem. Estes retratos, em A4 surgiram também de retratos sem olhar o traço nem o papel. O processo de criação funcionou ao contrário e poderá quase ser descrito como “negativo” do processo anteriormente descrito. Começo aqui por retratar a pessoa com lápis de aguarela, de duas cores escolhidas pelo “modelo”. Uma cor define o retrato, a outra o envolvimento. Ambas as cores traçadas, depois são trabalhadas com pincel e água o que cria o aspeto de aguarela. Nessas áreas criadas pela cor, a água e o acaso, escolho, depois de secas, algumas das áreas coloridas e preencho-as com traços curtos e regulares de caneta preta.

Assim surgiu em 2022 uma série de trabalhos que antecede o projeto RETRATOS DA ALMA e que em termos de procedimento tem algumas semelhanças, podendo ser visto negativo do procedimento do processo criado anteriormente e no qual se define mais conscientemente o conceito do projeto. Nesta primeira exposição retrato, traço, portanto, com lápis de aguarela e preencho áreas com traços de caneta preta. O resultado também

são: cores de aguarela com desenho abstrato, retratos irreconhecíveis, dispositivos de arquivos de experiências.



(Fig. 5) Aguarela, 2021. Aguarela e caneta preta sobre papel A4

Aproveitei a inauguração desta exposição para, com o público, continuar as (inter)ações no “retratar de almas” no pequeno livro preto. Utilizando o procedimento anteriormente descrito sentei-me com o livro no centro da sala em frente de uma mesa com outra cadeira, vazia, do lado oposto da mesa, em semelhança com a performance “The Artist is Present” de Marina Abramovic. Convidei as pessoas a sentarem-se à minha frente e retratei-as, em poucos minutos com conversas curtas, nas quais explico o que estou a fazer, olhando com atenção e focando-me no ver e sentir.

Acabei por retomar e adaptar o mesmo procedimento no na minha residência artística em diferentes escolas de Faro e Estoi, no âmbito do Plano Nacional das Artes. Adaptei o exercício para o transmitir e realizar com diferentes alunos nas escolas. Foi um de vários

exercícios criados com o tema RE-TRATOS. Todos eles com a tentativa de abrir a percepção comum do termo retrato ou RE-TRATO, nome que dei à série de exercícios, que desenvolvi para trabalhar com os alunos. Na perspectiva de especificar que se trata de um tratar da pessoa ou de um re-tratar, no sentido de devolver tratamento, trabalhei assim exercícios de “retratar” de forma visualmente abstrata, mas conceitualmente bastante concreta. Retratos que se focam na personalidade e subjetividade das pessoas, neste caso alunos jovens ciganos e não ciganos, portugueses e não portugueses. Exercícios de desenho que se concentram no conhecer, respeitar e compreender as diferentes subjetividades e não o aspeto físico e visível da pessoa retratada. Desenhos com intuito de despertar curiosidade criativa em vez de busca do “perfeito” ou “bonito” do resultado, ou seja, do desenho que fica visível enquanto dispositivo de memória do exercício.

Após ter passado por diferentes escolas do agrupamento de escolas Pinheiro e Rosa em Faro, iniciei a minha residência artística na Escola Poeta Emiliano da Costa em Estoi, colocando-me as seguintes questões: O que é a ALMA? Ela existe? Como? Onde? Porquê? Questões que me levaram a “tendências vagas” (Salles, 2012), a pesquisas e pensamento, a possíveis propostas artísticas e princípios “direcionadores, de natureza ética e estética, presentes nas práticas criadoras” (Salles, 2012) e igualmente presentes nos meus caminhos artístico-pedagógicos.

Voltando ao pensamento inicial das questões sobre a ALMA, em termos filosóficos, surge primeiro a explicação de alma como o princípio da organização do ser vivo, sendo a mesma utilizada para explicar a complexidade da vida e para articular as diversas funções vitais. Aristóteles, em “da alma” explora o conceito e estuda as suas diversas manifestações numa espécie de hierarquia, apenas aplicável ao humano, a alma tem uma função “intelectiva”, a qual conduz a um sentido espiritual e metafísico, surgindo assim como a verdadeira essência do humano, aquilo que lhe dá acesso à liberdade e à moral.

Estendo a minha pesquisa com leituras sobre a obra de C.G. Jung, no desenvolvimento desta tese, que se referiu, “com frequência, a si mesmo, como pioneiro e explorador do mistério inexplorado que é a alma humana.” (Stein, 2006, p.1)

“A questão inicial do livro de Murrey Stein com o título “Jung, o mapa da alma” é: “Pode a alma humana ser alguma vez conhecida, suas profundezas sondadas, seu vasto território explorado e mapeado?” (Stein, 2006, p.1) Com certeza C.G. Jung dedicou a sua vida nessa tentativa e por isso interessa-me focar mais nas suas descobertas. Para a presente

reflexão quero apropriar-me do termo “mapa de alma” que formula uma proposta concreta de materializar a ALMA humana através da palavra e/ou do desenho que nos ajuda a compreender, a pensar, e ao mesmo tempo, a criar o nosso mundo.

Vincent Colapietro, designa o *self* como signo em processo (2014) e Peirce oferece um amplo campo de exploração de relações entre teorias de semiótica na sua abordagem do *self*:

O sujeito, para Peirce, é um ser histórico e encarnado. Assim, qualquer atualização da semiose – um processo de natureza comunicacional – envolve sujeitos histórica, biológica e fisicamente concretos. Sujeitos culturalmente sobredeterminados. Assim, o sujeito não é visto com uma fonte primordialmente livre de pensamento e ação, mas um ser profundamente incrustado, inserido em seu tempo e espaço a ponto de ser bastante, mas não completamente limitado em sua cognição e conduta. (Salles, 2014)

Vejo a constituição da ALMA na perspectiva das interações e da criação em grupo, que não anula as singularidades de cada sujeito individual, mas que, ao mesmo tempo o percebe em rede. Foco-me, portanto, na reflexão sobre a relação entre pessoas, no encontro entre almas, entre humanos, entre *self*'s individuais, buscando as suas essências e observando o que acontece nos encontros entre elas. Que mudanças e transformações podem surgir de tais encontros de almas humanas? E como poderiam estes encontros transformar o nosso pensamento?

Quero analisar estes “encontros entre almas” e questionar se a nossa percepção de pedagogia e educação se alteraria se pensássemos estes encontros numa perspectiva não hierárquica. Colapietro destaca o indivíduo enquanto agente comunicativo:

O sujeito individual não é, em seu âmago, uma esfera privada. Em outras palavras, é distinguível, mas não separável de outros, sua identidade é constituída pelas relações com outros. A pessoa não é só um possível membro de uma comunidade, porém, como sujeito tem a própria forma de comunidade... Ao discutir o descentramento do sujeito, ele ressalta a mudança do enfoque do *self* em si mesmo para a explicação do sujeito sob o ponto de vista das práticas entrelaçadas. (Salles, 2014)

Sob a perspectiva do *self* como agente comunicativo, o sujeito como expressivo não é nunca sozinho. Em qualquer expressão, há ressonâncias do discurso de outros, que faz

refletir sobre o sujeito enquanto fonte de pensamento e ação, sentimentos e sonhos: “Ser um self é estar em processo de se tornar um, que nunca está completo. Um signo sem interpretantes futuros é um signo ao qual é negada a possibilidade de realizar aquilo que é de sua natureza.” (Salles 2014)

Iniciei, portanto, o meu trabalho na escola, observando e ouvindo com atenção as conversas, tal na sala de professores como na sala de aula, estando atenta a detalhes, fazendo intervenções mínimas, interagindo com o ambiente humano escolar (alunos e professores) com que trabalhei. Tal como anteriormente dito, foco da minha residência e das minhas interações artísticas foram as pessoas e as relações entre elas e entre mim e elas. Interessou-me o que acontece nestas relações, nestes encontros de almas, mais ou menos fugazes. Neste sentido, à medida que as relações se foram desenvolvendo, o processo de trabalho e a interação com alunos e professores tomaram caminhos diferentes do que inicialmente planejados. Aceitei com abertura e curiosidade estes novos caminhos, observando-os, registrando e impulsionando de forma criativa e atenta, estando presente de “corpo e alma”, constantemente a refletir e a adaptar as minhas propostas à realidade observada.

Este caminho de observação-reflexão-criação de propostas-ação, passou pela dinamização de sessões de desenho e movimento, expressão dramática, ritmo e som, poesia, todas baseadas em questões filosóficas sobre identidade, sociedade (o conviver de diferentes almas humanas) e de que forma poderá acontecer transformação nos encontros ativos mais ou menos conscientes. Sessões a impulsionar desejos e sonhos, escolhas conscientes, respeito entre humanos, questionando a autoimagem e buscando aumentar o autoconhecimento das pessoas com as quais tive contacto na escola.

Consciência, engenhosidade, criatividade e outras características, que atribuímos a agentes criativos, são sempre funções de sua constituição cultural e localização histórica. Os sujeitos agem, portanto, em meio à multiplicidade de interações e diálogos. (Salles, 2014)

Como artista residente na escola, vi o meu papel em impulsionar e acompanhar o processo criativo das pessoas (alunos e indiretamente também professores e auxiliares da educação) com os quais trabalhei, fazendo propostas, dando impulsos e orientações, colocando questões e refletindo sobre elas de forma criativa e artística, preparando desafios criativos, utilizando diferentes meios artísticos para os trabalhar.

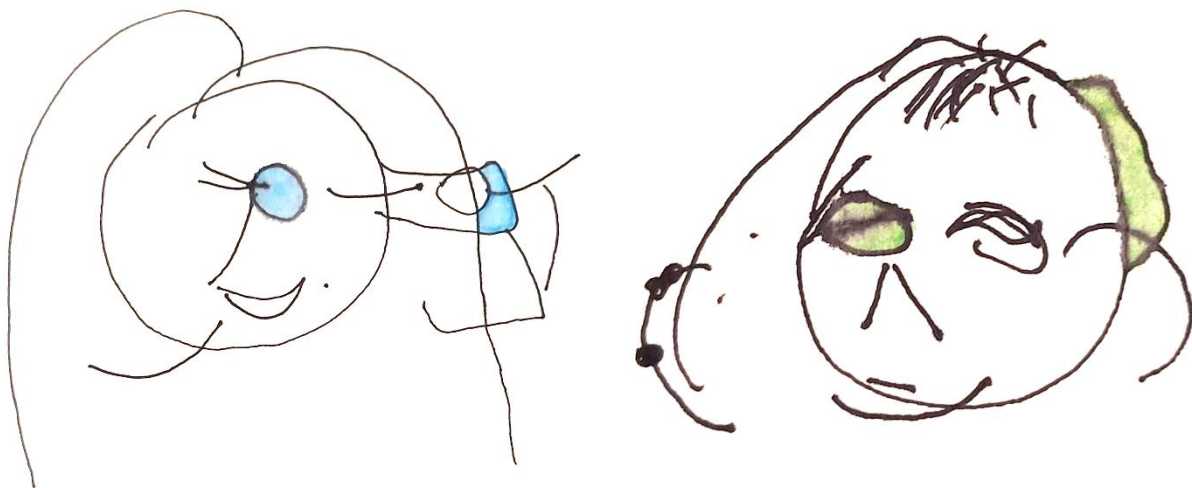
Numa fase final juntei os vestígios dos processos de criação e pensamento em grupo, transformando-os em “resultados” materializados e mostráveis, em forma de pensamento escrito, imagem, texto e instalação. Em março 2023 assumi a curadoria de uma exposição nas ruínas de Milreu, orientando-me nas ideias, interesses, temas e resultados dos alunos, tentando encontrar uma linguagem estética em comum e assim apresentar algumas materializações dos processos de criação e pensamento dos alunos, em forma de Exposição/Instalação/Performance no âmbito da Bienal de Cultura e Educação*. Na extensão desta exposição estavam expostos também os RETRATOS DA ALMA criados por alunos, jovens ciganos da Escola EB2,3 Poeta Emiliano da Costa em Estoi (fig. 7-9), em molduras simples, pendurados nas paredes da Casa Rural nas Ruínas Romanas. As Ruínas Romanas de Milreu são frequentemente visitadas por turistas e por pessoas interessadas em arqueologia. Um casal inglês comentou comigo, sem saber do que se tratava, que os desenhos expostos fazem lembrar Miró.

Tal como Joseph Beuys, vou para a típica escola pública e tento infiltrar-me nela. Pode-se fazer alguma coisa dentro das instituições para tentar infiltrar-se nelas, e fora delas pode-se fazer alguma coisa para criar um modelo... De qualquer modo, é preciso trabalhar com métodos diferentes. Há que continuar sempre com o que é possível:

I go to the typical state school and try to infiltrate it. Yes!... One can do something in the institutions in trying to infiltrate them, and outside one can do something to set a model in place... One must work with diverse methods anyway. One must always carry on with what is possible. (Beuys, 1972)

* No âmbito do Plano Nacional das Artes (PNA) o comissário da estrutura de missão criada pelas áreas da Cultura e da Educação, Paulo Pires do Vale, apresentou no dia 20 de junho, no Teatro Lethes, em Faro, a primeira Bienal Cultura e Educação 2023 - RETROVISOR: Uma História do Futuro.

A Bienal Cultura e Educação 2023, que decorreu de 1 de março a 30 de junho de 2023, teve cariz nacional, dirigida à infância e juventude, e visa refletir e disseminar o lugar das expressões e das linguagens artísticas na educação, formal e não formal, através de uma programação cultural integrada e diversa.



(Fig. 6) Desenhos de alunos, 2023. Caneta preta e aguarela sobre papel A4

Numa fase posterior, após ter criado uma relação com os alunos deste grupo em específico, trabalhei com eles o contacto e a atenção no olhar para “o outro” como parte da nossa busca de identidade e alma humana, continuando a desconstrução da ideia do que é um desenho “bom” ou “bonito”. A minha proposta para os alunos foi olhar com atenção para a outra pessoa, a que está a ser retratada por eles, apenas olhar para ela e nunca olhar para o desenho dela. Os traços que ficam no papel após este momento de observação e concentração no outro, são observados apenas depois do desenho estar acabado. Com sensibilidade e intuição, e sem julgamento, a seguir, em conversa com a pessoa retratada é escolhida, em conjunto, uma cor e o espaço da mesma no retrato.

„It's just you and me. It is the eyes and look. This is true communion. This is more significant.” (Marina Abramović)

Nisto interessou-me refletir sobre a alma, que por um lado aparenta ser absolutamente imaterial, por outro materializa-se em tudo que fazemos e na maneira como nos relacionamos. Como, e de que forma ela se materializa no processo criativo? Como podemos ganhar consciência e torná-la mais visível e sensível? Como se manifesta e materializa a alma de cada um e dentro do processo criativo? Existe algo que possamos descrever como alma coletiva no resultado apresentado?

São questões que me acompanharam no processo de curadoria da exposição. Analiso-as, focando-me principalmente no processo de criação em grupo, nas relações criadas ao longo do processo e no pensamento em rede que define o meu processo de pensamento nesta última etapa da residência artística na escola. Reflito sobre a ALMA de um ponto de vista filosófico e psicológico, ainda não com a profundidade que gostaria. O meu fio condutor no projeto de curadoria foram as memórias dos momentos vividos nas relações pessoais com os alunos e nos processos iniciados na escola.

As propostas para a exposição e performance no âmbito da Bienal foram inspiradas pelo trabalho de Marina Abramovic e Segni Mossi, caminhos artísticos e artístico-pedagógicos que me influenciam, provavelmente em tudo que faço porque encontro alguma semelhança no pensar e sentir. De certeza, também me inspirei nos impulsos teóricos que recebi durante os dois semestres de pós-graduação. Como descrito por Vicent Colapietro (sujeitos como comunidade), trabalhei com a consciência da comunidade escolar dentro de mim, através de memórias do vivido durante os três meses de residência, mas claramente sempre acompanhada por toda a minha experiência de vida pessoal e profissional. O caminho, as relações, os diálogos com alunos e professores, as dificuldades ultrapassadas, acompanharam-me nas escolhas e na preparação da exposição.

O processo da montagem de uma exposição em um espaço público específico, um monumento histórico no Algarve, inserido em dois programas culturais com alguma relevância na região, inicia um novo processo criativo e de pensamento, no qual trabalho inicialmente sozinha, mas com a consciência da comunidade dentro de mim e com o trabalho desenvolvido com e pelos alunos. A exposição, enquanto resultado dos nossos processos, apenas marca um momento desta caminhada, sendo esse o momento que leva o processo artístico-pedagógico, que aconteceu em espaço pedagógico, para um espaço de exposição artística e assim altera completamente o seu contexto e a forma como pode ser visto e sentido pelo público - e também pelos próprios criadores. Alunos que têm, através deste movimento tradutório e de deslocação, a possibilidade de serem vistos e lidos por outras pessoas, possibilitando encontros entre almas que seriam pouco prováveis dentro do espaço e sistema “escola”. Ligam-se pessoas, espaços e projetos de forma fluída e surgem cada vez novas questões que levam a novos caminhos artístico-pedagógicos.

A curadoria da exposição em Milreu foi pensada nos seguintes pontos de vista sugeridos por Lúcia Leão em contexto de aula: ponto de contacto, ou seja, “encontro” com o público geral, ação transformadora através de movimentos tradutórios, processos de conhecimento e construção de verdades artísticas. Dando através do vídeo apresentado uma visão do percurso de experimentação que levou à escolha dos resultados mostrados. No ato de curadoria da exposição tentei tornar os caminhos artístico-pedagógicos, percorridos com os alunos, visíveis e compreensíveis.

No artigo: “Memória e Método: complexidades da pesquisa acadêmica em processos de criação”, Lúcia Leão apresenta uma sugestão de método, nesse caso para construção de texto, sem cair na tentação de gerar uma narrativa cronológica e linear, a cartografia:

Para articular um texto fundado em uma estética, uma ética e uma lógica de complexidade é necessário abandonar o conforto das ideias de avanço e progresso, problematizar as certezas, abraçar outras metáforas, construir outros procedimentos. (Leão, 2016, p. 123)

Ao descrever a cartografia de processos, ideias e pensamento, Leão fala da cartografia de uma nova paisagem coletiva, movente e heterogénica: “temos agora uma cartografia que nos ajuda a ver/entender/conhecer não só os temas de pesquisa da classe, mas, mais do que isso, relações.” (Leão, 2016)

Na perspectiva de Cecília Salles: “Toda a Criação é Transformação”.



(Fig. 7) Detalhe exposição, 2023. Caneta preta e aguarela sobre papel A4

A base para o meu trabalho artístico nas escolas foram as relações com as pessoas que a habitam. O ponto de partida e o fio condutor do trabalho é a construção de uma relação de confiança que permite que os relacionamentos cresçam a medida que o trabalho se vai desenvolvendo, isso requer contacto regular, comunicação consciente, presença e atenção. Estes processos, e o pensamento relacionado, ficam muitas vezes “invisíveis”, mas o contacto, o encontro consciente e a presença pessoal são intensivos e essenciais na criação de relações estáveis e de confiança. Não é apenas um trabalho preparatório, mas também um exercício contínuo para o sucesso do processo com pessoas: o contacto pessoal e interpessoal começa muito antes do projeto visível. A construção de confiança não se cria apenas pelas propostas artísticas, mas também pela interação e a comunicação consciente com as pessoas e grupos envolvidos no processo.

Menezes escreve sobre a história de vida de Flusser, registada em *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*:

Através de relatos de diálogos com onze interlocutores, sete brasileiros natos e quatro imigrantes, mostra que toda construção do significado de sua vida e sua produção intelectual aconteceu na conversa. Na relação com outras pessoas que também buscam a compreensão do mundo. (Menezes, 2009, p. 168)

É justamente esse trabalho demorado, e praticamente invisível, de relacionamento com as pessoas através de presença, contacto e conversa, que, na minha análise posterior, acaba por criar a qualidade e profundidade artístico-pedagógica do projeto.

São as escolhas de alguns resultados artísticos, “materializados” nestas interações, que conseguem trazer à tona a função da arte na educação, ficando grande parte dos resultados educativos e descobertas à sombra, no invisível e na não-materialidade. Talvez se possa dizer que ficam nas “almas” de quem, através destes encontros “líquidos”, se transformou ao longo dos processos vividos.

Na reflexão desta dissertação tomo como ponto de partida questões sobre a relação entre processo criativo e transformação humana, numa perspectiva de (inter)ação artística, que por vezes pode ser pedagógica ou não, certamente será transformadora na sua interação criadora. Tento assim criar uma ponte entre o psicológico-filosófico e o artístico-pedagógico, entre o geral e o específico. Observei ao longo dos últimos anos, que, no meu trabalho prático, seja ele artístico ou pedagógico (ou ambos) me foco cada vez mais nas relações interpessoais, iniciando assim, com este projeto artístico e de reflexão teórica, um novo processo na continuação de caminhos, com uma perspectiva aumentada para a investigação enquanto prática e uma prática enquanto investigação.

Criar relação verdadeira, trabalhar com foco no processo criativo e na transformação dentro do sistema, seja este sistema a sociedade em geral ou a sociedade “escola”, levam tempo. Senti que não tive tempo suficiente e nunca o terei. Senti que a minha presença na escola, semelhante à minha presença na vida, será sempre curta demais. Senti ao longo do processo várias vezes que estou (constantemente) a sair de um procedimento interessante que está no seu início apenas, que o meu gesto será sempre um “gesto inacabado”, independentemente da quantidade e qualidade de trabalho, independentemente do tempo investido. Ao longo da minha presença, acrescentam-se cada vez mais “gestos inacabados” que levam a cada vez mais possibilidades de caminhos, tal como os ramos e ramificações de uma árvore em crescimento continuarei e acompanharei cada vez mais conscientemente estes caminhos de crescimento, caminhos

coletivos e o meu caminho específico e individual que se define na interação com o coletivo que me rodeia.

„School is universal. That means, on the street when you talk about these things with people at the grocer's; the school is at the grocer's at that moment.“ (Beuys, 1972)

Neste aspeto, o projeto RETRATOS DA ALMA continua a desenvolver-se fora do contexto escolar, enquanto projeto artístico que envolve interação com pessoas e que continua a refletir, de forma ainda mais abrangente, sobre encontros entre seres humanos, relações que se estabelecem nestes encontros e o desenvolvimento humano individual e coletivo que acontece nestas relações.

Em abril 2023 fui desafiada por um curador que viu o livro preto e ficou interessado nos desenhos resultantes deste projeto. Ele sugeriu aumentar o tamanho dos desenhos para A0. Solicitou, para uma possível exposição no futuro, que fizesse 30 desenhos em papel de algodão, em tamanho grande. Para mim, mesmo na perspetiva de trabalhar para uma exposição em galeria de arte, o conceito de interação com os “modelos” e o método criado para o processo de criação destes retratos em conjunto com as pessoas retratadas, são a base do trabalho. Por isso, decidi organizar encontros com amigos para poder dar resposta à “solicitação” do curador. Ao aumentar o tamanho dos desenhos tive de fazer algumas experiências e novas escolhas concretas. Acabei por decidir trabalhar com canetas permanentes grossas e uma caixa de aguarela com pincel. Ao aumentar a grossura e o comprimento, a qualidade do traço também se alterou, mas o método e as regras do exercício mantiveram-se iguais.

Os primeiros retratos grandes fiz em minha casa sobre a mesa de jantar com amigos convidados, num ambiente de conversa e boa disposição em agosto 2023. Nisto, um dos amigos convidados, propus organizar um jantar/festa em sua casa com outro grupo de amigos dele, alguns deles já tinha conhecido antes, outros não. A ideia era retratar as pessoas no âmbito desse jantar, noutra espaço e ambiente.

Foi uma experiência interessante para a reflexão sobre o fundamento do projeto. Comecei por fazer retratos pequenos no livro preto, antes do jantar começar, para preparar as pessoas e dar conhecimento. No início, os meus “modelos” sentiram-se constrangidos e eu senti-me intrusa na privacidade e descontração deles. Mesmo assim, pelo insistir do meu amigo, comecei a criar retratos grandes em cima da mesa, na qual tínhamos jantado

instantes antes, no escuro da noite, com uma luz muito reduzida amarela, no terraço da casa. Aumentando a escala, ampliando assim o espaço que os traços afirmam no papel e conseqüentemente o da área colorida, mudou também a qualidade estética do resultado artístico. Claramente também as qualidades das cores se alteraram ao aumentar a área pintada e ao mudar para outro tipo de aguarelas.

Nessa noite não dei tempo nem atenção para observar as obras terminadas. Os desenhos que ficam impregnados no papel no fim da (inter)ação ficaram rapidamente guardados para seguir em frente. Concentrei-me em trabalhar, rápido e fluido, a conhecer as pessoas, estar a conversar, com atenção aumentada enquanto trabalhei, explicando às pessoas, que retratava, como o estava a fazer e porquê. Neste jantar “os modelos” foram todas pessoas com trabalho, ou interesse, em diferentes áreas artísticas. O que mais me chamou a atenção nessa noite foi, que, depois de eu terminar 15 retratos, surgiu vontade nas pessoas que foram retratadas, de experimentar o mesmo método invertendo a ação, retratando-me “de volta”. Por ter regras tão claras e simples, sentiram-se quase todos à vontade de experimentar, partiram uma folha A0 em 8 pedaços de papel e retrataram-me em diferentes versões/visões das várias pessoas diferentes que antes tinham sido retratadas por mim (fig. 12-17).

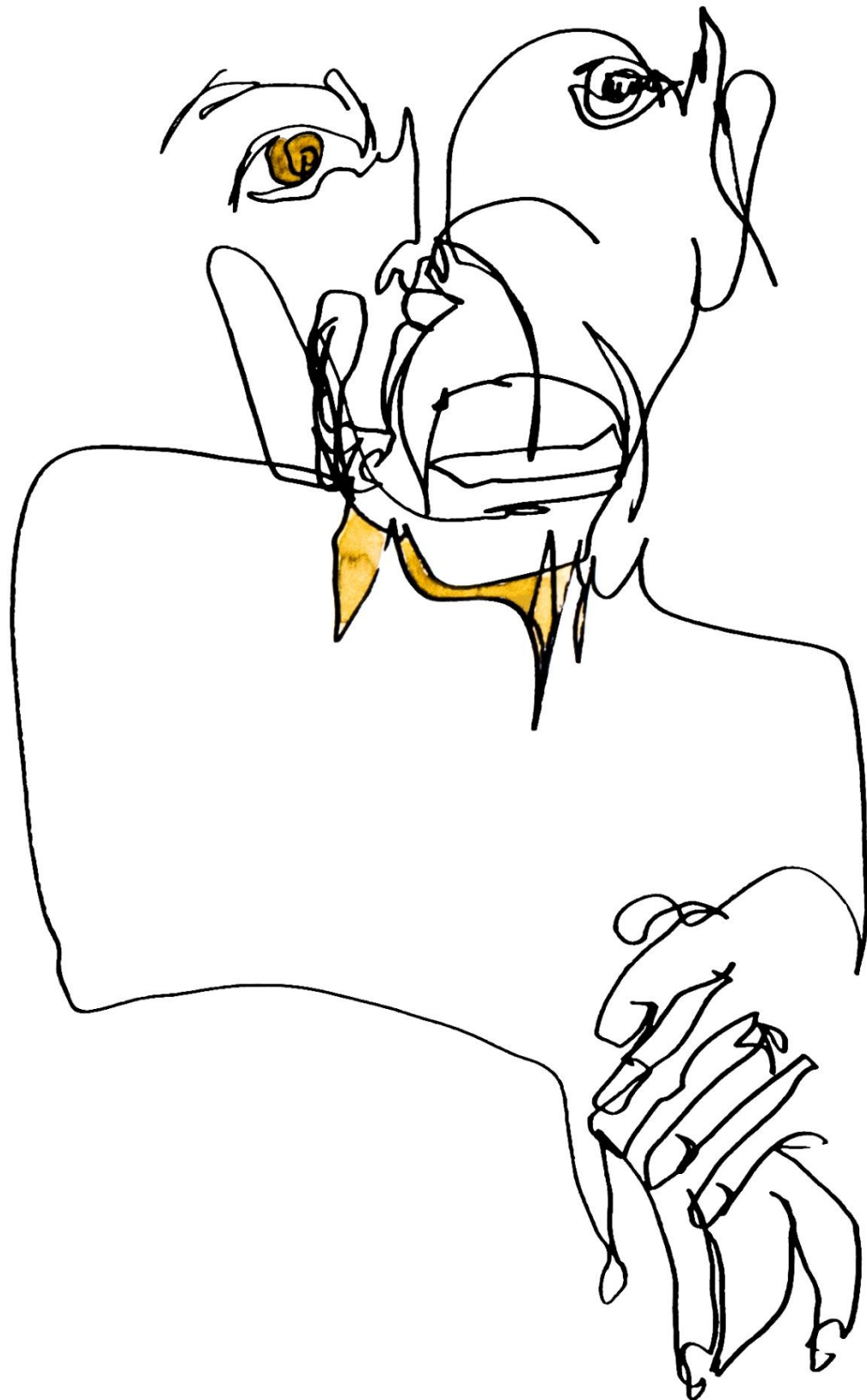
Mais tarde, em encontros posteriores, recebi alguns comentários dos participantes desta (inter)ação artística. Acharam que a minha proposta acrescentou algo diferente e interessante ao jantar e à conversa. Suscitou interesse e impulso criativo e foi surpreendente para muitos. Hoje, todas estas pessoas, à data desconhecidas, são meus amigos.

Dias depois do jantar, para completar os 30 desenhos convidei ainda uma amiga à minha casa e retratei-a várias vezes com cores diferentes enquanto conversávamos sobre sonhos, vontades e planos deste projeto.

Até ao presente momento consegui seguir impulsos importantes e aceitar desafios que me foram colocados no caminhar do projeto. Aceitei-as com abertura, confiança e curiosidade. Também provoquei alguma curiosidade e reflexão entre as pessoas com que me relacionei ao longo do decorrer do projeto. Entrei em contacto atento e consciente com várias pessoas diferentes, observando o que acontece neste encontro por vezes rápido, por vezes gerindo relações futuras. Senti simultaneamente que o meu trabalho não acabou, nem irá acabar com as exposições e (inter)ações já realizadas, nem com a tal

exposição futura apalavrada. Ele começou e começa todos os dias de novo, caminhando e simultaneamente buscando caminho. Neste momento estão 32 RETRATOS DA ALMA em papel de algodão de 100cm x 70cm encostados à parede ao lado da minha secretária na qual escrevo este texto. O curador está em Paris e ainda não os viu. O livro preto ainda tem muitas folhas brancas por preencher e viaja comigo a Áustria todos os verões. Quando a exposição desejada acontecer, irei usar as restantes folhas brancas para retratar, de novo, os visitantes da exposição, sentada à mesa, no centro da sala, convidando um a um a sentar-se à minha frente, para uma pequena conversa com um olhar e sentir atento, aprendendo e ensinando a ver-se no outro. Registrando em dispositivos de arquivos de memória um momento, em que estou apenas, para e com a pessoa, que está sentada à minha frente.

(Fig.8) Sem título, 2023. Caneta preta e aguarela sobre papel 100cm x 70cm



11-01-2024

Olá querido amigo,

Estou a ver que o meu plano de te escrever todas as semanas é pouco realista. Vou adiando tarefas em todas as frentes, por isso peço-te paciência. Vou continuar a escrever estas cartas, mas menos regularmente do que inicialmente previsto. Também não tenho ideias o que te escrever enquanto não consigo avançar com o resto do trabalho...

Mas antes das merecidas férias de Natal com a família consegui avançar bastante! Fiquei tão entusiasmada com o primeiro capítulo que escrevi (o capítulo 5) – à base de escrita e pensamento do ano passado. Tirei excertos de texto preparado na pós-graduação para disciplinas diferentes e retrabalhei-os, acrescentei relatos e pensamentos sobre o projeto que analiso. De repente consegui trabalhar bastante rápido e focada. Espero que esteja tudo mais ou menos ok e perceptível para quem lê. Fiquei tão entusiasmada com o texto e com o que o próprio ato de escrever fez com o meu pensar que tenho medo que não esteja bom, talvez demasiado emocional e confuso...

Ainda não recebi nenhum feedback, nem por parte do professor, nem por parte das orientadoras. Tento acalmar-me a mim mesma. Se não estiver bom o suficiente continuo a trabalhar, como sempre! Consegui fazer algumas (poucas) leituras no avião. Neste momento estou a ler Gerald Hüther, neurociência sobre o efeito das nossas imagens interiores, como as criamos e como elas criam a nossa realidade, e sei que será mais uma leitura bastante interessante e importante, não só para o mestrado, mas também para os meus caminhos futuros. Muito do trabalho artístico-pedagógico dos últimos anos está baseado no que aprendi com este autor.

O que mais te posso contar? Sim: ontem consegui formular algumas questões para as pessoas que atenderam o jantar em agosto e que foram retratados por mim. Todos acabaram por se tornar amigos mais ou menos chegados, entretanto. Em agosto ainda conhecia apenas alguns deles. Enviei as minhas questões informalmente por WhatsApp e deixei livre a forma como e quando responder. Apenas de uma pessoa que atendeu o jantar não tenho o contacto direto hoje.

*Para mim torna-se cada vez mais claro que tudo tem a ver com a forma como nos relacionamos. Com pessoas, questões, projetos e problemas. Penso que os retratos da alma também refletem esta descoberta. Vi agora nos sinónimos do Word que **criação** é*

*um dos sinónimos de **descoberta**, por isso utilizo então aqui a palavra: Criação/Descoberta que não acontece de forma linear, vai em caminhos desconhecidos, emaranhados, pouco previsíveis, mas torna-se cada vez mais presente e mais clara no meu pensar e agir...*

Confio cada vez mais nestes caminhos pouco calculáveis. Ao mesmo tempo acredito muito na força e no apoio de um bom plano – sabendo que ele nunca se realiza como inicialmente pensado. Para mim todo o desenvolver da vida é um processo criativo e penso que cada projeto acaba por refletir isso mesmo e simultaneamente contribui para o processo de desenvolvimento de vida, de transformação, de novas realidades (pessoais e coletivas) ...

Tenho conversas interessantes com amigos e penso que isto também ajuda a refletir e a desenvolver ideias novas.

Já consegui fazer uma espécie de estado de arte, ou seja, uma revisão de literatura escolhida e explicada para planejar o mestrado. Para mim provavelmente foi o trabalho mais difícil e duro até agora, mas mesmo assim creio que me vá ajudar bastante a estruturar o trabalho e estou aliviada por ter conseguido fazê-lo e entregá-lo a tempo. A introdução está em estado de esboço e assim que tiver tempo para me sentar de novo continuo a escrever em ordem cronológica, penso, se não mudar de ideias até lá. Acho que vou ler e escrever em paralelo a partir de agora, para, enquanto escrevo os capítulos, não me esquecer demasiado do que li. Há capítulos que necessitam de leituras específicas e há leituras que irão acompanhar todo o mestrado...

Depois de ter o esboço e as leituras todas feitas, vou retrabalhar no primeiro esboço com a literatura toda, já integrada no pensar, e com as minhas ideias reorganizadas, interligadas e desenvolvidas de outra forma – que agora ainda não consigo imaginar.

E assim vou caminhando, alternando momentos de caos, aceitando-os até conseguir organizar e reorganizar durante momentos, deixando traços destes movimentos e desenvolvendo trabalho de pensamento e escrita assim. Espero ter muito mais novidades para ti na próxima carta.

Até breve querido amigo!

04-02-2024

Olá querido amigo,

Passaram-se outra vez, semanas, talvez mais do que um mês, sem te dizer nada, porque também não avançou nenhum trabalho concreto. Acabei o livro do Hüther. Estou ocupada com outras coisas. Principalmente com a minha vida pessoal. A refletir também, à nível pessoal, sobre relação/relações entre pessoas. A outros níveis, ou talvez ao mesmo? É sempre muito interessante para mim como as coisas estão ligadas e na verdade não são separáveis. É uma necessidade que temos, talvez humana, de os separar. Tenho recebido vários impulsos de pensamento no relacionar com pessoas. Em conversas com amigos, situações informais, referências, músicas, filmes, formações... Neste momento sinto o caos. No trabalho, no mestrado, nas relações pessoais. Normalmente fico muito stressada com isso. Desta vez, nem tanto. Confio. Vou com as correntes. Sei que é uma fase extremamente rica para o meu desenvolvimento criativo, de individuação e no processo de vida.

São só alguns pensamentos que passam livremente pela minha cabeça neste momento. Não tenho estado focada nem concentrada no andar da escrita ou leitura. Estou interessada em várias coisas ao mesmo tempo e tenho dificuldades em escolher. Estou a ler vários livros em simultâneo e não me consigo concentrar muito bem em nenhum. O meu quarto está desarrumado, situação que é pouco comum para mim. Gosto das coisas organizadas. Gosto de planos e de os cumprir... Ou pelo menos gostava, antes. Tenho propostas e projetos a entrar e não sinto pressa de dar resposta. Também me sinto um pouco bloqueada, provavelmente por tanta novidade a chegar ao mesmo tempo. Mas confio que a vida irá reorganizar-se e também este mestrado irá concluir-se um dia. Não deixei de estar atenta. Provavelmente estou numa fase de recolha, sem saber ainda o que fazer com tanto material (a vários níveis).

Se isto é científico ou não, não sei. Que é processo, sim, tenho a certeza. Processo criativo, também acredito que seja. Mais certezas não tenho. Alias, tenho cada vez menos, mas creio que isso seja bom sinal. Estou a caminho. E alivia-me escrever estas cartas, que são só para um amigo e não têm exigências académicas nem científicas... vou caminhando, vou materializando, sentindo cada vez mais nitidamente que um processo criativo nunca é separável de um processo muito pessoal também. Por isso também aqui uma grande questão: O quão científico pode ser? E como definir a ciência neste caso? E

não haveria muita mudança a fazer no sistema académico se um dia quisermos mesmo interessar-nos neste tipo de investigação na academia?

A carta hoje é curta e espontânea. Tenho estado a pensar nela. Tenho estado a procrastinar e a começar a stressar com isso. E então decidi sentar-me agora já, e simplesmente escrever alguma coisa. Diretamente do meu pensar e sentir para aqui. Para esta carta. Para ela estar escrita. Para algo avançar. Para algo se materializar enquanto nado na insegurança.

È o que está neste momento. Obrigada por estares aí a ouvir-me e a aceitar as coisas como são e como estão.

Até breve querido amigo.

3. O DESENHO ENQUANTO ARQUIVO DE MEMÓRIA

No presente capítulo baseio-me principalmente na ideia do desenho como dispositivo de arquivo de memória de momentos de interação com pessoas, e na criação de impulsos para transformações criativas futuras. Reflito sobre o retrato enquanto diálogo entre pessoas, entre artista e modelo, e sobre desenhos enquanto diálogos entre linguagens que:

São contínuas traduções. Essas anotações visuais aparecem de modo recorrente, cumprindo diferentes funções e exibindo grande potencial criador. São representações gráficas que desempenham o papel de auxiliares para os artistas. (Salles, 2006)

Colapietro descreve o sujeito como uma forma de semiose. A leitura de Peirce com a abordagem do *self*, um explorador de signos, oferece a possibilidade de nos ler como produtos, processos e fonte de semiose. Sob esta perspectiva, a semiótica não nos cega em relação à subjetividade, mas nos revela sujeitos em sua natureza, não só de usuários de signos, mas também como eles mesmos, processos e produtos da semiose. O sujeito é tanto resultado como agente dessa prática sgnica.

Encontro na constituição de subjetividade, que acontece no âmbito das complexas relações humanas, ou seja, na interação entre sujeitos, uma grande relevância na compreensão do desenvolvimento do *self* através de transformações criativas. O artista em criação interage com o seu redor, sendo que a obra, enquanto sistema aberto, em constante construção, age como iniciador de uma multiplicidade de ligações:

O encontro com esses documentos de criação nos permite identificar a função íntima da arte e seu vínculo indissociável com inscrições psíquicas e dinâmicas libidinais, bem como o anacronismo de certos elementos que se repetem durante todo o eixo durativo do projeto poético. (Martinelli de Araújo, 2022, p.36)

Analisando o projeto artístico RETRATOS DA ALMA quero observar a afinidade que esse tem com outros projetos artísticos e artístico-pedagógicos, nomeadamente com a obra “*The Artist Is Present*” de Marina Abramovic e com a pedagogia de Oskar Kokoschka.

Ambos inspiraram o método que criei para o projeto. Em afinidade com Kokoschka aprendo a ver o outro. Kokoschka, tal como eu, na minha prática pedagógica, quer apoiar jovens a confiar em sua intuição rápida e no desenvolvimento de um “ver” atento. Kokoschka, por exemplo, permitiu apenas tintas em aquarela: porque quando são

aplicadas, não permitem correções, mantêm sempre a "primeira visão", a impressão rápida. O foco do trabalho do projeto RETRATOS DA ALMA está no “ver” com atenção, no confiar na intuição e na interação com a pessoa retratada, mais do que no ato de “desenhar” ou no resultado que fica impregnado em forma de traços disformes, abstratos, enquanto registo de memória desse “ver”, “intuir” e “interagir” atento.

Também Marina Abramovic ensina desde os seus primeiros anos de atividade artística. As suas palestras são frequentemente inseparáveis das suas atividades performativas. (Abramovic, 2010, p.18)

Tal como no meu trabalho, os estudantes, ou mais geralmente as pessoas que interagem nos diferentes contextos do projeto, são parte integrante da ideia alargada de arte de Marina Abramovic.

O sentar-se e ficar sentada, disponível para o seu público, é o cerne de *“The Artist is Present”*, que exige que Abramovic se sinta todo o dia numa mesa no átrio do MoMa, por vezes sozinha, confrontando-se com o vazio imponente do espaço. Uma cadeira vazia à sua frente convida os visitantes a sentarem-se e a interagirem com ela durante o tempo que quiserem. Os visitantes aproximam-se da mesa da artista na esperança de que haja alguma troca (Abramovic, 2010, p.15)

Baseio a ideia da ação ENTRE VISTAS (anexo 2) nesta performance de Abramovic. Irei, mais uma vez, sentar-me no centro da sala de exposição, convidando os visitantes a sentarem-se à minha frente para interagir e conversar comigo, enquanto eu desenho RETRATOS no livro preto, que, com isso vira objeto artístico e arquivo, que carrega a memória impregnada em forma de desenhos abstratos, que vão preenchendo o livro com memórias de interações com pessoas. Este livro forma assim o início, o decorrer nas várias interações (ENTRE VISTAS) e o fim do projeto RETRATOS DA ALMA.

“Abramovic, however, is not a passive model for another photographer, painter, sculptor, or video artist; she appears in her art herself, a self-portraying “live artist”.” (Abramovic, 2010, p.17)

“Só quero criar uma situação em que esteja presente com o público. E depois, nesse momento, algo vai acontecer.” McEvilley pergunta: “Vai entrar no espaço sem ter nenhum plano em mente?” “Sim. Basicamente, a única coisa que é necessária é criar o espaço e o campo temporal. Anuncia-se a atuação para um determinado local e hora.

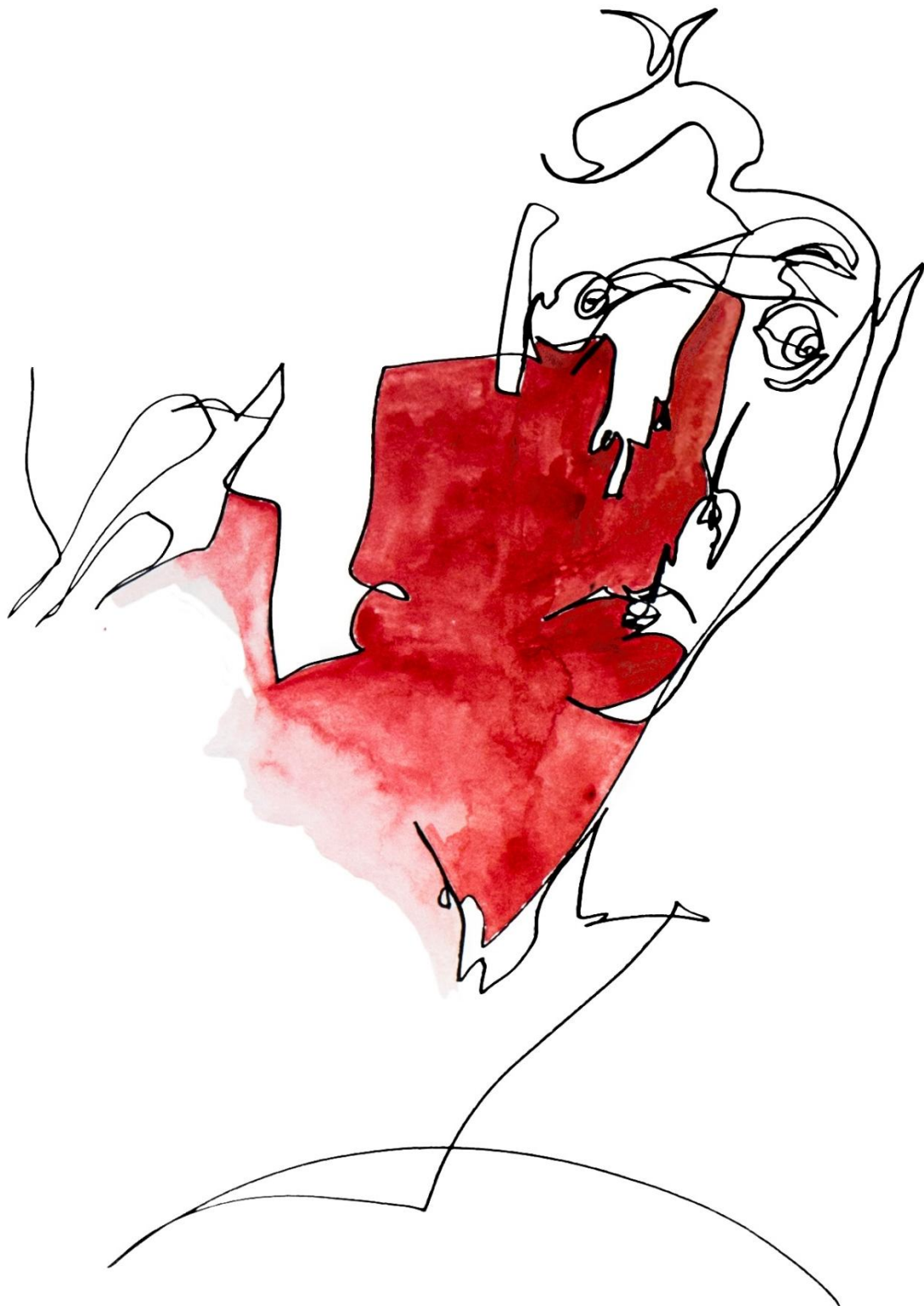
Depois, o público entra. Tudo o resto tem de ser um diálogo energético sem objeto.” (Abramovic, 2010, p. 35)

“... ela terá inadvertidamente recriado a cena primordial descrita por Nietzsche em O Nascimento da Tragédia, onde um membro do grupo é possuído, torna-se o herói, transformando assim o resto num coro. O que é que vai acontecer agora? O herói, para continuar a falar nos termos de Nietzsche, pode sentar-se em silêncio em frente ao artista... Ou pode ser dita uma palavra, quebrando o silêncio. Pode ou não surgir um diálogo. O herói assumiu a responsabilidade de unir o público ao artista, quer em silêncio, quer em discurso. O que acontece a seguir é imprevisível, mas a minha sensação é que este herói será substituído por outro, e outro, e outro. Apenas a performer, Marina Abramovic, permanecerá a mesma, uma espécie de motor principal. O que acontece depende, de facto, do público”. (Abramovic, 2010, p. 35)

Nas ENTRE VISTAS o público define por parte, em diálogo verbal ou não-verbal, comigo o que acontece no encontro e na interação. O registo dessa interação, desse diálogo, fica no livro preto em forma de desenho enquanto arquivo de memória.

“Artists are not saints but there is certainly a sense in which the question of their presence in a performance has at least a resonance in the metaphysics of art.” (Abramovic, 2010, p.29)

(Fig.9) Sem título, 2023. Caneta preta e aguarela sobre papel 100cm x 70cm



05-03-2024

Querido e apreciado amigo!

Escrevo-te mesmo que me disseram que não devo, porque és precioso para mim. És o contacto com o que é a minha base para o trabalho teórico neste mestrado, a base prática e teórica, na verdade, és o contacto com a minha criatividade! Não te preocupes, não te vou deixar!

Às vezes é difícil lidar com tantas opiniões e dicas diferentes e contrastantes, mas no fundo acabam todos por ajudar a encontrar o meu caminho...

Mesmo a revolta, a insegurança e a procrastinação têm lugares importantes nesta viagem. Agora sim. Estou a retomar um trabalho mais focado. Às vezes é preciso ficar revoltada e triste com a situação no presente para mudar algo no futuro. E isso sempre foi o que me deu razões para o meu trabalho. Por isso, confio.

Neste momento estou a ler Tipologia de C.G. Jung e encontro aqui também várias justificações para a minha insistência nestas cartas, na minha maneira de fazer as coisas e na minha maneira de construir pensamento. Isso dá-me mais ânimo de novo. É a academia, sim. É um sistema, sim. Tem regras, sim. Mas na verdade existe para construir pensamento... Na verdade, não devia ser um sistema fechado, mas aberto, permeável... e regras podiam ser construídas e reconstruídas, tal como o pensamento... e na verdade é isso que creio que está a acontecer com toda a novidade que este curso traz para a universidade do Algarve. Quero acreditar nisso! Quero acreditar na permeabilidade e em uma maior abertura do sistema universidade! E tudo isto faz com que eu tenha vontade de continuar a insistir e a estruturar-me... E sim, cumprir as regras que são exigidas (apenas preciso de as saber primeiro, claro).

Não tenho dificuldade em cumprir regras... tenho dificuldade em cumprir regras que não sei ou que não compreendo. E também algumas com as quais não consigo concordar...

Penso que sempre fui assim, e tu sabes, querido amigo. Às vezes há quem leve a mal, mas não é por mal. Pelo contrário!

Pronto, já estou a ver que desta vez a carta está a ser muito pessoal... talvez demasiado... Que seja! Trata-se de assuntos pessoais também. Trata-se de relações. Relação comigo própria e com os outros. Relação com o mundo. Relações com pensamentos diferentes. Relação com estruturas. Relação com o tempo...

Estou com vontade de organizar mais um jantar com todos os amigos que retratei, e talvez mais alguns para retratar, e recolher feedback sobre o projeto em ambiente descontraído e informal, tal como aconteceu também na criação dos 30 retratos grandes que continuam, prontos para uma exposição, encostados à parede, mas já tem algo parecido a um primeiro destino... Uma ideia de exposição final, inserida neste projeto/dissertação. Um momento de mostra do processo e dos vários marcos do processo até esse ponto. Um deles serão os retratos grandes, mas também quero realizar a ação do retratar com o público que lá estará e também quero preparar uma exposição visual que retrata um pouco do processo/caminho do projeto e da escrita porque sim, porque eu também vejo e sinto o processo de escrita da dissertação e a produção de pensamento e reflexão teórica, como processo criativo. Processos criativos também têm regras. Sempre. A única diferença é que sou eu própria a estabelecer estas regras e tenho a liberdade de as mudar, quando já não me servem. Penso que na verdade na sociedade funciona de forma parecida, mas demora mais tempo... e ainda não tenho fundamento teórico para dizer isso. Mas nesta carta posso dizê-lo. É só para ti, querido amigo, e ninguém me vai julgar por causa disso. Pelo menos não tu, nem eu.

Também estou com vontade de me organizar, de cumprir os meus planos e de estruturar o trabalho. Fiz mais um estado de arte, já ligando o que tiro da literatura escolhida com a estrutura e o pensamento do mestrado idealizado...

E tenho vontade de desenhar! Não desenho desde agosto. Desde que fiz os retratos grandes não consegui fazer mais nenhum desenho. Agora tenho vontade de começar a desenhar de novo. Talvez para outro projeto. Não sei. Mas pegar em pastéis e canetas, papel, livrinhos, qualquer coisa. Material nas mãos!

Talvez soe confuso, mas não é. Tu sabes que não é.

Até breve querido amigo. Ainda bem que estás aí!

21-03-2024

Querido amigo!

Que bom é ter uma agenda com planos! Se não tivesse na agenda que te devo escrever ontem, provavelmente não te escreveria hoje. Estou a trabalhar em todos os cantos diferentes da minha vida. Trabalho nas partes mais organizadas e também nas outras, nos fundos, de onde surge a criatividade e as ideias, aparentemente sem nexos, sabendo eu, sem o saber, que tem nexos sim, nas profundidades do inconsciente... Um dia poderei justificar o que estou a dizer. Hoje ainda não. E provavelmente também ainda não na tese de mestrado. Como o meu pai me disse: Um dia, quando tiver por volta dos sessenta ou setenta anos, vou poder descrever o que já sei hoje. É preciso paciência e confiança. Tudo é um caminho. Agora deu-me para fazer música. Nunca toquei nenhum instrumento nem nunca cantei, porque me disseram que não tinha jeito. Mas teimosa que sou, comecei a tocar guitarra... e canto, sim! Porque me apetece. Ninguém precisa de o ouvir. É para mim e para o meu processo. E ninguém precisa de dizer a crianças que não têm jeito! O jeito desenvolve-se com trabalho, curiosidade e vontade. E a vontade tira-se tão facilmente dizendo que não se tem jeito. E eu não tenho jeito nenhum para a pesquisa académica! Mas trabalho. Desenvolvo. Com paciência e curiosidade e à minha maneira. Não acredito que possa existir realmente alguma pesquisa, seja ela a mais científica e neutra possível, que seja realmente neutra. Não pode existir, se for feita por pessoas. Trata-se sempre de escolhas. Escolhas por onde pesquisamos, escolhas no que queremos encontrar e escolhas de como descrever o que encontramos. Mesmo que seja feita por máquinas, acaba por ser não-neutra. A informação que a máquina vai buscar é a que foi criada por pessoas e a informação que pedimos à máquina também é uma escolha humana. Por isso, sejamos verdadeiros e sejamos humanos. A nossa pesquisa sempre tem algum propósito. Podemos não ter a consciência perfeita de qual, mas tem sim, uma razão e uma escolha. O mais consciente que tornamos as nossas escolhas o mais, talvez, consigamos explicá-las. Mesmo assim fica muita informação por baixo da superfície, à sombra do inconsciente. Talvez alguém que vá olhar um dia para o que fizemos e consiga encontrar pistas que nós próprios nunca vimos. Um dia talvez alguém consiga compreender algo nas nossas palavras, imagens, músicas, algo que nós, criadores, não compreendemos ainda.

Em termos concretos e visíveis, e apenas para te relatar o que está a materializar-se neste momento, neste projeto concreto “delimitado”, estou a ler o livro sobre a exposição de

Marina Abramovic no MoMa que resume o trabalho dela e as performances mais importantes. Como já tinha pensado, tem muito a ver com o meu trabalho e há muito texto que vou poder aproveitar. Ao mesmo tempo que leio copio diretamente alguns excertos do livro para o meu documento de mestrado para depois poder usar no corpo de texto. É um trabalho lento porque não consigo fazer copy-paste. Tenho de saltar de ficheiro em ficheiro, constantemente a procurar o sítio certo de novo, verificar ortografia inglesa etc., mas aceito que demora o seu tempo e vou trabalhando nisto até acabar. O próximo passo será Oskar Kokoschka e espero conseguir fazê-lo mais rápido para depois, paralelamente ler o livro e alguns textos sobre retratos na história da arte. Assim quero dar fundamento à minha reflexão sobre retrato e autorretrato ligado ao projeto artístico.

Neste momento não me apetece desenhar. Estou ocupada e a desfrutar do meu pensar. Ele começa a ser criativo e divertido. Aqui nas cartas posso fazê-lo livremente. Aqui não há academia que me julga. No corpo do texto do mestrado vou ter as minhas referências e justifico-as. É assim que quero trabalhar. E ao mesmo tempo faço música!

Sinto logo Penso!

4. ALMA: *Self* e Subjetividade

O trabalho de Paula Martinelli contribuiu para as minhas reflexões, dando um exemplo de análise transdisciplinar, utilizando perspectivas teóricas encontradas na semiótica e na psicanálise para tratar a imagem como fenômeno. Ela reflete sobre as interações como não-lineares, interferenciais e geradoras de sentido e encontra na crítica dos processos de criação o suporte necessário para ser tratada como percurso de constituição e organização psíquicas. Diferencio-me nas proposições da psicanálise e proponho aqui basear-me no trabalho de C.G. Jung, que há muitos anos acompanha os meus processos criativos de forma indireta, através de conversas com a minha mãe e leituras relacionadas.

A partir do resumo da vasta obra de C.G. Jung sobre a alma humana e a reflexão sobre o processo de individuação, surge uma percepção mais ampla da função de criação de imagens no processo de individuação.

A ideia da importância do processo de criação (como descrito por Cecília Salles) para o processo de desenvolvimento psicológico e, conseqüentemente, para o nosso pensamento pedagógico, sustento ainda pela leitura do neurocientista alemão, Gerald Hüther, sobre a criação de imagens interiores individuais e coletivas. O livro “O poder das imagens interiores” explica a forma como imagens interiores e o nosso pensar e sentir influenciam o nosso fazer e atuar. Hüther cria assim uma ponte entre visões das ciências naturais e humanísticas e liga processos mentais com processos de materialização e forças criadoras interiores e exteriores, que consigo observar no meu próprio caminhar criativo e intelectual.

No que diz respeito ao caráter da alma, na minha experiência, o princípio universal é que ela é, em geral, complementar ao caráter externo. A experiência tem mostrado que a alma tende a conter todas aquelas qualidades geralmente humanas que faltam à atitude consciente. (Stein, 1998, p.181)

A base da reflexão que vou fazer neste capítulo foram as seguintes questões: Como funciona o *desenho intuitivo*, em termos psicológicos, e porque se mostra tão benéfico para a minha saúde psicológica e o meu trabalho criativo com pessoas? Que conclusões posso tirar disto para o trabalho artístico-pedagógico com outros, e o que significa isto para o desenvolvimento do projeto RETRATOS DA ALMA?

Interessa-me ligar, neste pensamento, a criação de imagens interiores de Gerald Hüther (que reflete sobre o desenvolvimento do pensamento humano de uma perspectiva neurocientista), e a ideia de individuação de C.G. Jung, na qual a subjetividade humana é uma realidade dividida em região consciente e inconsciente. Assim, qualquer atualização da semiose – um processo de natureza comunicacional – envolve sujeitos histórica, biológica e fisicamente concretos. Sujeitos culturalmente sobre determinados. O *self* não é visto como uma fonte primordialmente livre de pensamento e ação, mas um ser profundamente fixado, inserido em seu tempo e espaço, a ponto de ser bastante, mas não completamente, limitado em sua cognição e conduta. É possível, assim, estabelecer relações entre sujeitos definidos pela cultura, com sua cognição e conduta limitadas, mas também considerando as condições que o mobilizam ou liberam, isto é, as condições que permitem a autonomia e as inovações do pensamento.

Colapietro destaca que um sujeito individual é, em seu fundo, não uma esfera privada, mas um agente comunicativo. Em outras palavras, é distinguível, mas não separável de outros, sua identidade é constituída pelas relações que tem com outros. A pessoa não é só um possível membro de uma comunidade, porém, como sujeito, tem, dentro de si, a própria forma de uma comunidade. Como o título desta dissertação indica, quero aprofundar neste capítulo o pensamento sobre a individuação do sujeito e, conseqüentemente, o desenvolvimento do *self*, que compreendo como parte integrante, mas também transcendente da alma humana (psique) individual e coletiva. Analiso e comparo, portanto, textos de Murrey Stein sobre C.G. Jung e textos de Vicent Colapietro.

Para Colapietro o *self* é um centro de poder e controlo, é dado destaque ao facto de que a visão de Peirce sobre o *self* deve ser estudada sob o ponto de vista de evolução ao longo do tempo. O *self* é um signo em processo de desenvolvimento, ou seja, um processo semiótico: um tipo complexo de processo semiótico que tem ramificação, e no qual as várias derivações do processo agem umas sobre as outras. Inter-relacionando a ação com propósito, com ação ao longo do tempo, o futuro em aberto, é um elemento essencial para a personalidade individual. C.G. Jung também fala da possível existência de um *self* coletivo.

Debruçando-me sobre o meu projeto artístico RETRATOS DA ALMA, discuto o *self* como agente comunicativo, que tem a forma de comunidade pela qual foi constituído, o sujeito como falante, não é nunca só falante em qualquer elocução, há ecos do discurso de outros, o que faz pensar o sujeito como fonte de pensamento e ação, sentimentos e

sonhos. Colapietro, ao discutir a criatividade, fala da impossibilidade de identificar o seu locus na imaginação, especialmente quando a imaginação é concebida como um poder inerente à psique individual, o locus da criatividade não é a imaginação de um indivíduo. Faz assim mais sentido localizar a criatividade no sujeito, que é, na realidade, constituído e situado em comunidade. É constituído por seus engajamentos, dificuldades e conflitos; e é situado espacial, temporal e historicamente, e possivelmente em outros aspetos.

Assim a consciência, engenhosidade, criatividade e outras características, que atribuímos a agentes criativos, são sempre funções de sua constituição cultural e localização histórica. Crio aqui uma ponte com a obra de C.G. Jung para conceber uma maior base de compreensão sobre o pensamento dele acerca da constituição do *self*, uma vez que um dos pilares da minha reflexão, tanto para o projeto artístico, como para a minha análise teórica, é o livro “Mapa da Alma” de Murrey Stein, que criou um resumo sobre o vasto trabalho e pensamento de C.G. Jung acerca da alma (psique) humana. Utilizo-o como orientação na minha reflexão sobre a alma humana e os encontros entre “almas”. Encontros inseridos no processo da individuação que acontece sempre em relação com outros. Pensamentos que formam a base do projeto artístico aqui analisado. Stein explica os conceitos mais importantes da psicologia analítica de C.G. Jung, dos quais me foco principalmente no entender do conceito de individuação e do desenvolvimento do *self*, comparando-os com conceitos apresentados por Colapietro e Cecília Salles.

Lucia Leão e Cecília Salles fazem referência ao conceito de “artífice” no seu artigo “A pesquisa em processos de criação nas mídia: três perspectivas”:

Para Sennett: “Pensamento e sentimento estão contidos no processo de fazer” (2008:7).

A partir desse pressuposto, o autor desenvolve seu conceito de “artífice” como representante de uma condição humana especial de ser/estar engajado nos processos (SENNETT, 2008:20)...” mais do que um técnico, o artífice civilizador usou suas habilidades para um bem coletivo” (SENNETT, 2008:21)

No seu processo criativo, os questionamentos (os porquês?) são presenças constantes e guias que auxiliam o artista-pesquisador em todas as etapas. Assim podemos afirmar a presença de aspectos do Homo faber nas atividades empreendidas pelo artista-pesquisador. E indo ainda mais fundo, o processo de criação de algo acaba por se tornar o processo de criação de si mesmo. Aquilo que Coriolano, de Shakespeare, diz: “I am my own maker” (SENETT, 2008:72)

...ou Jung, quando diz: “*Self is a Process*”, ou posto de outra forma: o desenvolvimento do *self* é um processo criativo (inacabado).

Uma vez que um processo criativo não tem nem início nem fim definitivo, porque uma ideia surge de outra, um impulso propaga-se como energia infinita que apenas se transforma, mas nunca acaba, posso iniciar, neste capítulo, a reflexão sobre o projeto RETRATOS DA ALMA nas descobertas feitas durante a residência artística na Escola Poeta Emiliano da Costa em Estoi.

Tal como descrito nos capítulos anteriores, o meu foco é a interação entre pessoas. A relação que se cria entre duas pessoas que se encontram no ato de “retratar” e nas possíveis transformações que podem acontecer nessas interações ou encontros, portanto, a minha atenção no olhar vai apenas para a pessoa que tenho em frente. A conversa nestes breves momentos é com essa pessoa e ao olhá-la, e conversar com ela, deixo algo impregnado no papel e ao mesmo tempo na ALMA dela e ela na minha.

Antes de analisar o procedimento deste “retratar” e possivelmente “transformar” almas no ato do retrato, quero dispor uma definição do termo ALMA, como o entendo e utilizo no âmbito deste projeto. A minha percepção de ALMA vem do campo psicológico, mais precisamente de leituras de Murrey Stein sobre a obra de C.G. Jung, mas tem claramente influências da filosofia e arte. Em termos artísticos poderia ser interessante compará-lo com o termo “aura” mas para a presente reflexão vou definir apenas um pequeno aspeto, que seja possível de tratar, com base no livro de Murrey Stein sobre a obra de C.G. Jung, que indiretamente e diretamente influencia o meu pensamento há muitos anos, provavelmente desde a minha infância.

No mapa da alma de Jung, a psique é uma região localizada no espaço entre a matéria pura e o espírito puro, entre o corpo humano e o espírito transcendente, entre o instinto e o arquétipo. Estende-se entre os dois extremos de um espectro, em cada um dos quais existem aberturas que permitem que a informação penetre na psique. As áreas psicóides fazem fronteira com as áreas externas da psique, de onde provêm efeitos quase psíquicos, como sintomas psicossomáticos e fenômenos parapsicológicos. À medida que a informação viaja pela área psicóide, ela é psiquizada e transformada em psique. Espírito e matéria se encontram na psique. Primeiro, as cargas de informação passam para o

inconsciente coletivo, onde são parcialmente tocadas por outros conteúdos que já estão no inconsciente, e finalmente penetram a consciência na forma de intuições, visões, sonhos, percepções de impulsos instintivos, imagens, emoções e ideias. O ego lida com esses conteúdos inconscientes emergentes, avaliando o seu valor e decidindo se deve ou não levá-los em conta nas suas ações. O peso da decisão recai, em última análise, sobre a consciência do ego, que deve lidar eticamente com essas invasões do espaço interior. ¹

C.G. Jung desenhou, com o seu trabalho, um mapa da alma com base nas ideias que lhe fluíam do clima intelectual e científico do seu tempo e deu a essas ideias um toque único:

Er schuf seine Karte von der Seele anhand der Idee, die ihm aus dem geistigen und wissenschaftlichen Klima seiner Zeit zuströmen, gab diesen Ideen jedoch eine einzigartige Wendung. (Stein 1998, p.19)

Portanto as descobertas e as descrições da alma humana de C.G. Jung, também podem ser entendidas enquanto resultado de um processo criativo, como descrito por Cecília Salles: enquanto processo contínuo de interconexões, com tendências vagas... um movimento falível, sustentado pela lógica da incerteza, englobando a intervenção do acaso, abrindo espaço para novas ideias, um processo inacabado e falível com tendências vagas.

¹ Original em alemão: “Auf Jungs Seelenkarte ist die Psyche eine Region, die im raum zwischen reiner Materie und reinem Geist angesiedelt ist, zwischen dem menschlichen Körper und dem transzendtem Geist, zwischen Instinkt und Archetyp. Sie erstreckt sich zwischen den beiden Enden eines Spektrums, an denen jeweils Öffnungen sitzen, die ein Eindringen von Information in die Psyche gestatten. An die Aussenbezirke der Psyche grenzendie psychoiden Bereiche, aus denen quasi psychische Effekte wie psychosomatische Symptome und parapsychologische Erscheinungen kommen. Während die Information durch den psychoiden Bereich wandert, wird sie psychisiert und in Psyche verwandelt. In der Psyche begegnen sich Geist und Materie. Zunächst wandern die Informationspakete in das kollektive Unbewusste, wo sie teilweise von anderen bereits im Unbewussten befindlichen Inhalten berührt werden, um schliesslich in Gestalt von Intuitionen, Visionen, Träumen, Wahrnehmungen von instinktiven Trieben, Bildern, Emotionen und Ideen ins Bewusstsein zu dringen. Das Ich muss mit diesen aufsteigenden unbewussten Inhalten umgehen, indem es ihren Wert einschätzt und entscheidet, ob es sie in seinem handeln berücksichtigt oder nicht. Die Last der Entscheidung liegt letztlich beim Ichbewusstsein, das sich ethisch mit diesen Invasionen aus dem inneren Raum auseinandersetzen muss.“ (Stein, 1998, p. 126)

No capítulo “*die Oberfläche*” (“a superfície”), Stein descreve a consciência da seguinte forma: “A consciência é o estado de alerta – no seu centro está o ego.” (Stein 1998, p.23) Stein esclarece com as palavras de C.G. Jung a relação do ego com a consciência:

“A relação de um conteúdo psicológico com o ego representa o critério de sua consciência, pois nenhum conteúdo é consciente que não seja apresentado ao sujeito” e ainda refere que o ego é um sujeito ao qual são apresentados conteúdos psicológicos. Funciona como um espelho. Assim a ligação com o “ego”, ou sujeito, é a junção necessária para trazer algo para a consciência. ²

Conforme Stein, a consciência é descrita como um espaço que circunda conteúdos psicológicos que o preenchem temporariamente. O ego está situado no centro da consciência. ³ Na descrição da psique de C.G. Jung, cria-se uma rede de associações à volta de diferentes conteúdos da consciência. Dito isto, quero criar uma ponte para os estudos do processo de criação de Cecília Salles que descreve o processo de criação enquanto rede líquida em “tramas de pensamento”, o que me leva à questão se não será todo o desenvolvimento de consciência humana um processo criativo e, portanto, não-linear, mas gerado e gerador de conexões e interações com diferentes conteúdos e impulsos. Ao mesmo tempo coloco a questão, se o processo criativo não seja na sua base algo intrinsecamente humano e necessário para o nosso desenvolvimento psicológico, o que, por sua vez, dá fundamento às minhas observações de experiência pessoal e prática artística e poderia eventualmente levar à uma reflexão mais profunda em termos pedagógicos, **se pensássemos a educação enquanto apoio ao desenvolvimento de consciência humana.** ⁴

2 Original em Alemão: “*Der Grund für die bemerkenswerte Einheit in Jungs Darstellung hängt meiner Ansicht nach mit einer Eigentümlichkeit seines Denkens zusammen, die nicht aus einer empirischen Methodologie hervorging. Jung war ein intuitiver, schöpferischer Denker...*“

(Stein 1998, p.19)

3 Original em Alemão: “*die Beziehung eines psychischen Inhaltes zum Ich stellt das Kriterium des Bewusstseins desselben dar, denn kein Inhalt ist bewusst, der nicht dem Subjekt vorgestellt wäre*“ (Stein, 1998, p. 25)

4 Original em Alemão: „*Bewusstsein ist der Zustand der Wachheit – in seinem Mittelpunkt steht das Ich*“ (Stein 1998,

Stein explica que:

Como um grande artista que trabalha em uma determinada tradição de pintura, ele usou as imagens e os materiais que estavam à sua disposição e fez deles algo novo que não existia anteriormente na mesma combinação. ⁵

Consgo observar um funcionamento semelhante no meu processo de vida, ou seja, processo de me tornar quem eu sou. Vejo o meu desenvolvimento individual enquanto processo criativo e paralelamente, cada vez mais, vejo os meus processos criativos a infiltrar e influenciar o processo de vida e desenvolvimento de consciência de mim mesma.

O ego é o centro energético desta rede de associações que movimenta os conteúdos da consciência e os ordena por prioridades. O ego é o local das tomadas de decisões, das “escolhas” e do livre-arbítrio. Podemos ver o ego como o centro do ego-ismo mas simultaneamente também é o centro do altruísmo. O ego compila a consciência humana e dá orientação ao nosso comportamento consciente. (Stein, 1998, p. 30) O ego também é definido como centro do desejar, da esperança e do querer. (Stein, 1998, p. 31)

Ele existe antes de o conseguirmos refletir conscientemente e o processo de o reconhecer acontece gradualmente e durante toda a vida. O crescer na autoconsciência é um processo que acontece em várias fases desde a infância. ⁶

5 Original em alemão: „Wie ein grosser Künstler, der in einer bestimmten Maltradition arbeitete, verwendete er die Bilder und Materialien, die ihm zur Verfügung standen, und machte daraus etwas Neues, das es zuvor in der gleichen Zusammenstellung nicht gegeben hatte.“ (Stein, 1998, p.30)

6 Original em alemão: “Einerseits beruht das Ich auf dem gesamten Bewusstseinsfeld, andererseits auf der Gesamtheit unbewusster Inhalte. Diese zerfallen in drei Gruppen: Erstens temporär subliminal, das heisst willkürlich reproduzierbare (Gedächtnis), zweitens nicht willkürlich reproduzierbare, unbewusste, und drittens überhaupt nicht bewusstseinfähige Inhalte.“ (Stein, 1998, p. 33)

Por um lado, o ego baseia-se em todo o campo da consciência, por outro, na totalidade dos conteúdos inconscientes. Estes enquadram-se em três grupos: em primeiro lugar, temporariamente subliminar, ou seja, conteúdo que pode ser reproduzido arbitrariamente (memória), em segundo lugar, conteúdo que não é arbitrariamente reproduzível, inconsciente e, em terceiro lugar, conteúdo que não é capaz de ser consciente de forma alguma. Esta definição faz sentido pensar quando pensarmos no processo de criação artística, uma vez que toca nas margens da consciência e no mistério, nas percepções extra-psíquicas, na sincronicidade, e em cura milagrosa. (Stein, 1998, p. 38)

A necessidade da criatividade dá-se nos problemas enfrentados com as quais o ego tem de lidar e encontrar soluções:

O ego, independentemente do relativo desconhecimento e da inconsciência dos seus fundamentos, é um fator de consciência por excelência. É até uma aquisição empírica da existência individual. Parece emergir primeiro da colisão do fator somático com o meio ambiente e, uma vez presente como sujeito, desenvolve-se a partir de colisões posteriores com o meio ambiente, bem como com o mundo interior.⁷

O desenvolvimento do ego, ou seja, de um sujeito consciente e inconsciente, cresce na colisão com o ambiente e assim estimula uma visão positiva e ação criativa com o potencial que está inerente em todas as experiências de frustração inevitáveis. (Stein, 1998, p. 40)

⁷ Original em alemão: *“Das Ich ist, unbekümmert um die relative Unbekanntheit und Unbewusstheit seiner Grundlagen, ein Bewusstseinsfaktor par excellence. Es ist sogar eine empirische Erwerbung des individuellen Daseins. Es geht, wie es scheint, zunächst hervor aus dem Zusammenstoss des somatischen Faktors mit der Umwelt, und, wenn einmal als Subjekt vorhanden, entwickelt es sich aus weiteren Zusammenstößen mit der Umwelt sowohl wie mit der Innenwelt.”* (Stein, 1998, p. 40)

Consigo observar isso nos meus processos criativos, principalmente no local e momento em que surgem as ideias. Elas surgem muitas vezes de frustrações e na necessidade de encontrar soluções para problemas práticos, psicológicos ou relacionais.

No caso específico do projeto RETRATOS DA AMA, a ideia para vários exercícios de RE-TRATO, surgiu nos conflitos e discriminações observados nas escolas. Ao propor exercícios específicos, que discutem de forma verbal e não-verbal a interação, o relacionamento e a negociação pacífica entre seres humanos de igual importância (durante o decorrer dos exercícios), cria-se uma percepção e consciência aumentada que pode impulsionar escolhas mais conscientes no “tratar” das pessoas com as quais nos relacionamos, neste caso, em ambiente escolar.

Para Jung a física foi metáfora, que ofereceu a possibilidade de formular definições e leis paralelas à energia psíquica:

Jung argumenta que a energia é finalística e tem a ver com a transferência de movimento ou momento entre objetos (psíquicos) que se movem irreversivelmente ao longo de um gradiente e, finalmente, atingem um estado de equilíbrio. A lei da conservação da energia afirma que a energia não pode ser criada nem destruída, portanto a quantidade de energia retirada do primeiro objeto deve ser igual à quantidade de energia recebida pelo segundo. (Stein, 1998, p.88)

Nesta perspectiva posso dizer que aceito a ideia da troca de energia entre dois sujeitos quando se encontram no ato de “retratar a alma”. Acontece uma micro-transformação energética em ambas as almas. No ato do “retratar”, no olhar intenso para as pessoas, e no traçar com a caneta no papel, no que vejo sem o ver, como se estivesse a tocar na pessoa com o movimento da caneta sobre o papel, o olhar mistura-se com a percepção do toque da caneta no papel, criando no papel um arquivo de memória do tocar com o olhar, observando a pessoa e sentindo ao mesmo tempo o aparecer de traços, de um arquivo de memória deste preciso momento. Simultaneamente acontece um encontro e um conhecer melhor a outra pessoa, transformação de pensamento, mas principalmente “sentir”, algo se mistura e se transforma no momento de contacto com outro ser pensante e “sentinte”. Este algo poderíamos chamar “energia”. Será neste caso um ato de transformação de energia psíquica no “encontro de almas”.

Jung acreditava que o sistema psicológico era apenas relativamente fechado. A psique saudável é parcialmente fechada e tem tendência à entropia, mas ao mesmo tempo é também permeável na medida em que é nutrida e influenciada pelo mundo que a rodeia. (Stein, 1998, p.93) Para Jung, o símbolo tem uma grande importância porque é capaz de transformar a energia natural em cultura e intelecto. (Stein, 1998, p.103)

Ocorre uma transformação da libido - a cultura surge de tais transformações. A cultura é a realização de desejos e necessidades, não o seu bloqueio. Estou convencida, tal como Jung, de que a natureza humana está alinhada para a formação da cultura, a criação de símbolos, a integração da energia, direcionando o fluxo de energia para o conteúdo espiritual e mental. ⁸

No capítulo ÍNDICES DO SER - dos arquivos às obras, Paula Martinelli de Araújo fala da produção de imagens que está no centro de toda a atividade criadora:

...ela é força motriz, meio e produto das práticas comunicativas que nos inserem no mundo enquanto sujeitos. Entendemo-nos enquanto percebemos e rememoramos o mundo, em interação inferencial – sensível e cognitiva; consciente e inconsciente – com o outro, com a linguagem, com os materiais e com as demandas psíquicas. (Martinelli de Araújo, 2022, p.33)

⁸ Original em alemão: „Für Jung vollzieht sich hier eine Transformation der Libido – aus solchen Transformationen entsteht Kultur. Kultur ist die Erfüllung von Wünschen und Bedürfnissen, nicht ihre Blockierung. Jung ist davon überzeugt, dass die Natur des Menschen auf Kulturbildung ausgerichtet ist, auf die Schaffung von Symbolen, auf die Einbindung von Energie, die den Fluss der Energie auf spirituelle und mentale Inhalte richtet.“ (Stein, 1998, p.103)

Frustrações, problemas ou limites internos e externos podem impulsionar a busca e o surgimento de energia e novos impulsos criativos. Cecília Salles, em *Tramas de pensamento: Diálogos de linguagens*, escreve:

O recurso visual, utilizado como instrumento auxiliar do processo de criação, pode também ser visto como um exemplo da necessidade de limites na criação... O artista pode aparentemente criar tudo. No entanto, liberdade absoluta é desvinculada de uma intenção e, por consequência não leva a ação. Limites internos ou externos à obra oferecem resistência à sua liberdade; no entanto, essas limitações revelam-se, muitas vezes, como necessárias e propulsoras da criação. (Salles, 2006)

Neste encontrar de limites naturais (criados pelo mundo que nos rodeia) ou das limitações artificiais, definidos pela própria artista enquanto método ou “regra” para o seu trabalho, acontece o desenvolvimento criativo e psicológico.

Nesse sentido criei o exercício de desenho com o qual comecei este projeto no Verão 2021. Também criei as minhas próprias regras, para guiar e limitar o procedimento dos desenhos, que mais tarde chamei *RETRATOS DA ALMA*. Com o ato de retratar, estou a entrar em contacto com a pessoa, conseguindo, no fazer, trazer cada vez mais conteúdos para a minha consciência e simultaneamente também para a consciência da pessoa com a qual contacto através do retrato: “Devemos ressaltar também a relação do desenho com a colheita que o artista faz do mundo a sua volta.” (Salles, 2006)

Rancière descreve o processo de criação de imagem como:

testemunhos da existência de certa relação do pensamento com o não-pensamento, de certa presença do pensamento na materialidade sensível, do involuntário no pensamento consciente e do sentido no insignificante. (Rancière, 2009, pp.10-11)

Crio a relação entre o pensamento e o não-pensamento, também nas observações que faço de mim mesma, enquanto envolvida no ato do “retratar”, e da interação com a pessoa retratada. Ao longo do processo aprendi a acarinhar os resultados do exercício, enquanto arquivos de memória destas interações, e experienciei que também enquanto arquivo, me leva a novos caminhos através de segundos e terceiros olhares:

O pensamento efetuado pelas obras de arte - e certa noção de "conhecimento confuso": uma ideia nova e paradoxal, já que, ao fazer da arte o território de um pensamento presente fora de si mesmo, idêntico ao não-pensamento, ela reúne os contraditórios: o sensível como ideia confusa de Baumgarten e o sensível heterogêneo à ideia de Kant. Isto é, ela faz do "conhecimento confuso" não mais um conhecimento menor, mas propriamente um pensamento daquilo que não pensa. (Rancière, 2009, p. 13)

Reconheço e aceito, que não tenho o controlo consciente, nem sobre os resultados artísticos, nem sobre o processo vivido. Cada vez mais vejo-me como observadora do gesto do meu próprio fazer e pensar e observo-me com curiosidade e vontade de aprender mais:

...torna-se imperativo admitir as presenças de múltiplos atos de criação em uma mesma imagem e a existência de variáveis que derivam de inconscientes (no plural: o de quem produz e o de quem se depara com a obra). A ciência da imagem pautada no sujeito, aquele que cria, fantasia e delira, precisa dar conta dessa complexidade, colocando a subjetividade como fenômeno cuja apreensão total é impossível. Eis aí a coincidência epistemológica fundamental: o reconhecimento do sujeito e de suas relações complexas com o mundo – estas caracterizadas por movimento e não-linearidade. A partir desse ponto surgem alternativas teóricas que são de uma não-totalidade assumida, em vez da afirmação de um controle ilusório sobre constitutivas variáveis, transitórias e indiciais que remetem a processos inconscientes. (Martinelli de Araújo, 2022, p.24)

O trabalho artístico e também o estar e movimentar-me na vida, as minhas escolhas no processo de criação artística, e de vida, têm uma forte componente intuitiva, tendo consciência de que toda a vida vivida, as pessoas encontradas, as conversas tidas e os livros lidos, alimentam esta intuição, ou seja, tornam-se por parte memória consciente, mas em maior parte viram memória inconsciente, que sustenta a intuição.

Ao longo dos anos que pratico *desenho intuitivo* comecei a observar que estando imersa neste “fazer”, o pensamento consegue de uma forma relaxada e livre encontrar novos caminhos que, no ato de desenhar, no movimento do fazer, consigo observar e analisar de forma atenta. Quando observo mais tarde a imagem criada, consigo relembrar algumas observações feitas durante o momento do processo de criação e deixar surgir novas associações que podem impulsionar novos processos, tal psicológicos e intelectuais, como artísticos. Isso faz dos desenhos dispositivos de memórias pessoais de informações psíquicas conscientes e inconscientes, que se presentificam no momento de olhar uma

segunda vez, atualizando-se com a experiência entretanto adquirida, possivelmente gerando novos processos. Sendo assim, nunca pára o fluxo de criação-pensamento-desenvolvimento psíquico, e, portanto, a transformação e crescimento da minha ALMA enquanto estou viva. A alma manifesta-se assim, através de conteúdos conscientes e inconscientes, do sentir e do pensar, que surgem no desenrolar do processo de criação.

Concluo para os meus processos de vida e criação, portanto, que criar é viver ou vice-versa. Pode-se ainda sugerir que, visto desta forma junta-se, no ato do “desenhar” o passado, o presente e o futuro no gesto e no momento do “criar”, ou no caso específico deste projeto, no ato de “desenhar e observar”, no “pensar e não-pensar”.

Também Vincent Colapietro, designa o *self* como signo em processo (2014):

Isso tudo nos traz mais uma importante base teórica em favor da abordagem não-linear proposta – a que considera o sujeito como ente impuro, ambivalente, híbrido, resultado e produtor das interações, resultado e produtor de seu contexto, resultado e produtor de relações; complexo e em rede. O agente que altera e é alterado, um produtor de imagens, as quais, assim como ele, são resultados e intervenções na rede: eis aqui o que une o sujeito à imagem em suas próprias composições enquanto instâncias dinâmicas. O sujeito-autor, ele mesmo signo e em rede, encontra-se em um processo que o altera e o ultrapassa (Martinelli de Araújo, 2022, p.27)

No capítulo “*Der transzendente Mittelpunkt und die Ganzheit der Psyche (Selbst)*” (“O centro transcendente e a totalidade da psique (*self*)”) (Stein, 1998, p.181) Stein descreve o conceito de Jung sobre o *self* da seguinte forma:

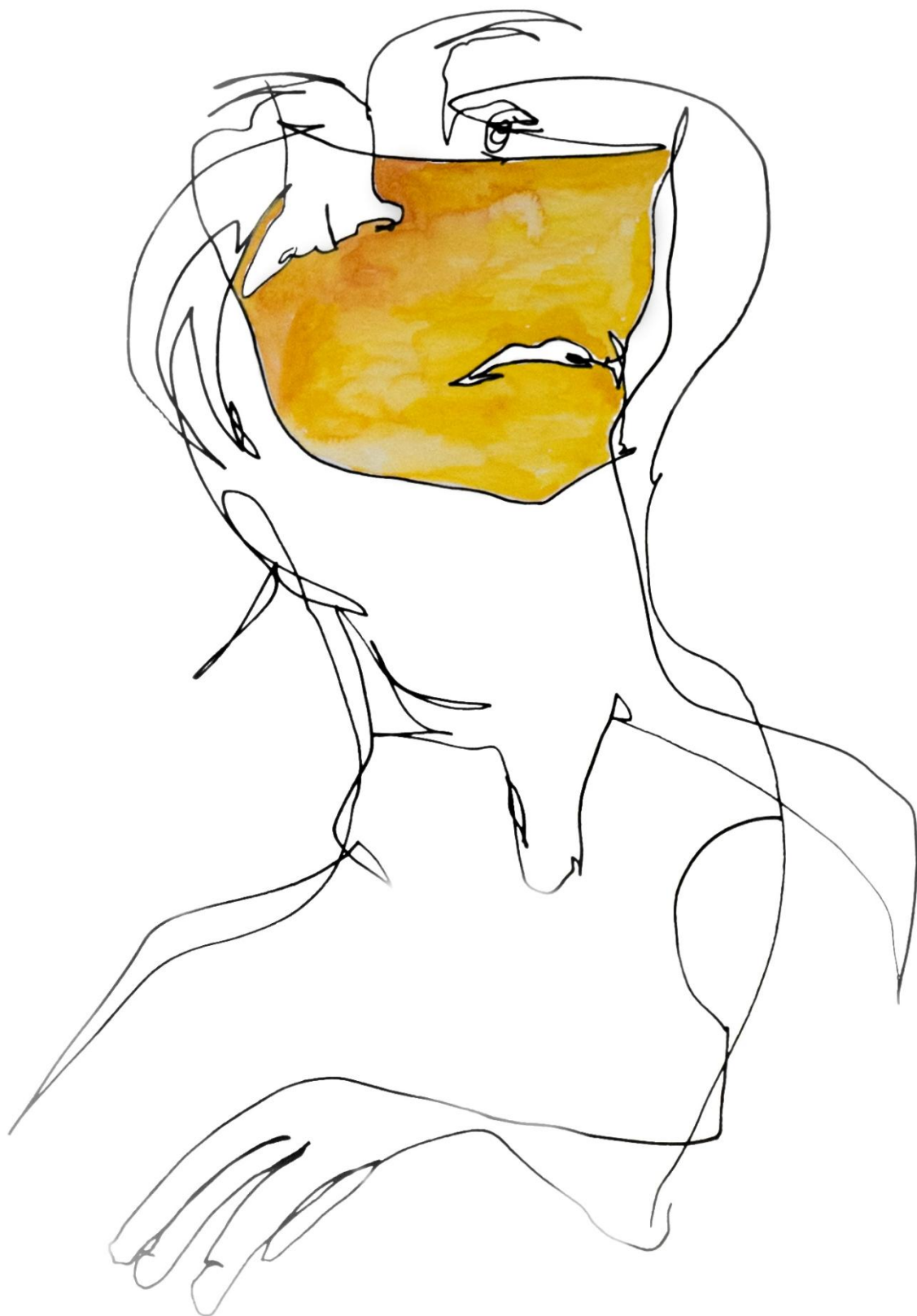
Para Jung, o *self* é transcendente, ou seja, não é definido pelo reino psíquico e não está contido nele, mas está além dele e por sua vez o define... Para Jung, paradoxalmente, o *self* não é “si mesmo”. É mais do que a subjetividade de alguém e sua essência está além do domínio subjetivo. O *self* constitui a base para a conexão do sujeito com o mundo, com os elementos básicos do ser. No eu, sujeito e objeto, o eu e os outros estão conectados entre si em um campo estrutural e energético comum.”⁹

Com esta definição quero fundamentar o título desta tese, enquanto base do projeto artístico aqui analisado. No desenvolvimento deste *self* transcendente, a criação artística e principalmente o seu processo, tem um papel relevante. Também para Jung teve um papel importante. Ele próprio desenvolveu várias técnicas criativas para a sua auto-cura em fases da sua vida, quando as emoções puseram em perigo a sua saúde psicológica. Desenvolveu técnicas como meditação, imaginação e pintura, práticas que o ajudaram a manter a consciência do ego estável. (Stein, 1998, p.185)

O *self* é o centro magnético no universo psicológico de Jung, a sua presença define a direção do desenvolvimento do ego. (Stein, 1998, p.187) Para o projeto RETRATOS DA ALMA poder-se-ia dizer, que o *self* se desenvolve no processo criativo que implica sempre um encontro entre dois sujeitos, e que nesse encontro acontece transformação, desenvolvimento e cura. O eu e os outros estão conectados entre si, em um campo estrutural e energético comum e esta conexão é arquivada para futura memória do encontro que acontece no momento presente.

9 Original em alemão: *“Für Jung ist das Selbst transzendent, das heisst, es wird nicht durch den psychischen Bereich definiert und ist nicht in ihm enthalten, sondern liegt jenseits von ihm und definiert ihn seinerseits... Für Jung ist das Selbst paradoxerweise nicht „man selbst“. Es ist mehr als die eigene Subjektivität, und sein Wesen liegt jenseits den subjektiven Bereichs. Das Selbst bildet den Urgrund für die Gemeinschaft des Subjekts mit der Welt, mit den Grundelementen des Seins. Im Selbst sind Subjekt und Objekt, Ich und anderer in einem gemeinsamen Struktur- und Energiefeld miteinander Verbunden.“*(Stein, 1998, p.181)

(Fig.10) Sem título, 2023. Caneta preta e aguarela sobre papel 100cm x 70cm



09-05-2024

Querido amigo!

Peço desculpas por ter demorado tanto tempo a escrever-te. Não tive coragem porque não consegui trabalhar nada neste meu projeto que a minha mãe, na brincadeira, chama “Master Piece”. Tenho andado em vários projetos dispersos ao mesmo tempo, tanto a nível profissional como a nível pessoal, e em nada realmente com cabeça para me concentrar. E, entretanto, passaram-se dois meses. Até estou com alguma vergonha de te enfrentar, querido amigo, porque sei que não foi assim que as coisas estavam combinadas... mas como ambos já sabemos, o caminho da vida, tal como o caminho criativo, nem sempre vai como previsto, aliás, nunca, na verdade, e mesmo assim chegamos a encontrar caminhos sempre, se confiarmos neste processo. E neste “confiar” tenho estado a trabalhar bastante. Confiar em mim, na minha intuição, nas minhas relações de amizade, na realização de sonhos e neste caminho de mestrado, sempre com muitas dúvidas e incertezas, mas com uma confiança profunda como base de todo o meu fazer.

Hoje obriguei-me a reiniciar trabalho concreto. Começo por te escrever, mesmo sem muito para te dizer, escrever para retomar, para iniciar uma fase mais produtiva. Ontem re-abri o ficheiro do documento mestrado que tem estado a descansar na sua pasta no meu computador durante semanas... Já não me lembrava bem onde ia e em que estado estava. Está tudo muito confuso e caótico ainda, mas mesmo assim fiquei aliviada de alguma ansiedade acumulada. Tenho lá 45 páginas de material escrito, ainda não organizado, serve para ter a noção que já cá está algo por cima do qual posso iniciar trabalho agora...

Leituras fiz, mas nada direcionado para o trabalho de investigação. Passei muito tempo à procura do livro “The Art of Portrait Painting”, apenas consegui encontrá-lo numa biblioteca online para pedir emprestado digitalmente, o que dificulta a leitura. Continuo a gostar de livros em papel que posso levar a qualquer sítio e ler sempre quando tenho um tempinho. Por isso que não tenho conseguido ler para o mestrado. Acabaram por sobrar as leituras digitais, as que menos prazer me dão, porque tenho de as fazer no computador. Tenho lido outros livros que puxam pelo meu interesse, tenho tocado guitarra, tenho feito muita coisa que não costumo fazer...

Viajei duas vezes, conheci pessoas e tenho estado atenta e mais consciente na forma como me relaciono com as pessoas que cruzam o meu caminho. Seja este cruzamento um breve encontro ou uma relação a aprofundar.

Também tenho estado a pensar nessa palavra: re-lação, como se fosse um laço a entrelaçar-se com outro laço que vem de outra pessoa. Um laço e um re-laço. Um pouco como funcionam os re-tratos. Funcionam em re-lação, um trata e o outro re-trata. Será sempre algo feito em conjunto. Na presença de um com o outro. Criando um traço e um re-traço do momento de encontro.

A nível pessoal sinto que esta investigação me faz crescer bastante, mesmo não estando a avançar formalmente ainda. Estou mais atenta e mais precisa nas palavras que escolho para descrever o meu sentir e pensar.

E agora acho que está na altura de retomar trabalho de organização de pensamentos e lançar propostas concretas para avançar com o projeto e com a tese.

Espero que não tenhas de esperar tanto pela próxima carta querido amigo!

Até breve

31-05-2024

Querido amigo!

*Aqui estou de novo a escrever-te para não perder esta ligação importante contigo. Neste momento sinto que o trabalho está a avançar... dá umas voltas inesperadas, mas estou com interesse e motivação e as coisas começam a fazer sentido para mim. Ainda não consegui juntar os amigos para uma conversa sobre os momentos do RE-TRATAR mas empenhei-me a escrever um trabalho de seminário de 20 páginas e vou hoje continuar com o primeiro capítulo do mestrado, sobre retratos. O livro *The Art of Portrait Painting* está visto, por alto, e consegui tirar material para usar. Agora é uma questão de pensamento e ligações lógicas entre os três textos que me ajudam a construir este primeiro capítulo. Quero encontrar uma forma de ligar tudo isto à minha maneira de pensar e praticar o retrato...*

Penso que vou conseguir uma vez que começo a escrever hoje, logo a seguir a esta carta...

Depois posso entregar o capítulo 1 como trabalho de seminário de orientação. E pelo menos os semestres consegui concluir. Tenho alguns dias livres para me dedicar unicamente à escrita do mestrado e fico mais aliviada porque sinto que é exatamente o que preciso para me focar: tempo disponível.

Após leitura da Tese do Dori, o meu pensamento vai muito à volta do racismo. A minha vontade, por isso, é incluir outras leituras no meu pensamento para equilibrar a minha educação “branca” um pouco e criar outros tons de pele e de pensamento. Creio que seria um mini-passo para uma transformação também dentro do sistema académico...

Pronto, é isso. Vou caminhando pela vida e pensando cada vez mais profundamente, nas mesmas questões! É interessante, por vezes frustrante, mas continua a fazer-me sentido. Vou começar a trabalhar. Até breve, querido amigo.

5. COR DE ALMA

Por ter sentido afinidade e inspiração na apresentação de Doriedson Bezerra Roque, decidi ler a tese de doutoramento dele e criar algumas ligações com meu próprio trabalho, discutindo questões e preocupações artístico-pedagógicas, enquanto discuto a cor que dou a cada RETRATO DA ALMA. Começo neste capítulo uma reflexão sobre uma interdependência entre cor de pele e cor de alma, no sentido do desenvolvimento psicológico. Tenho consciência de que não vou poder aprofundar este pensamento no âmbito deste texto, mas decidi incluir a questão na minha reflexão artística e pessoal por achá-la cada vez mais pertinente à medida que vou observando discriminação em diferentes contextos. Consigo encontrar alguns paralelos no nosso trabalho artístico-pedagógico, mesmo tendo temas e formas bastante diferentes, reconheço vários pontos de encontro. Durante a reflexão sobre o doutoramento, comecei a questionar principalmente o conceito e as bases teóricas do meu trabalho artístico, apercebendo-me que ao ter crescido, e me ter formado, na Áustria, numa comunidade, na sua maioria branca, que nunca realmente refleti, de forma mais consciente, sobre este facto. Quero, com o presente capítulo, abrir-me para novas reflexões e acrescentar leituras (que não estavam previstas) para este projeto/dissertação inicialmente. O trabalho de Doriedson trata de PEDAGOGIAS DE RESISTÊNCIA, no meu trabalho reflito sobre transformação e possivelmente transformação social através do RE-TRATO. Analisando-os lado a lado, encontrando paralelos ou não, enquanto exercício de pensamento e tentativa de criar mais equilíbrio na forma de pensar, foi um exercício interessante e enriquecedor.

Compreendo e partilho as preocupações pedagógicas e a vontade de transformação de relações humanas. A investigação de Doriedson insere-se numa estrutura de perceção pedagógica, criativa, afetiva sobre seu processo de pertença e atuação performativa no mundo através de sua “prática performativa reparadora”.

As águas das enchentes coloniais, que continuamente invadem a comunidade onde nasci e a casa de minha família, denunciam um passado de violências, desbotamentos e descasos, que infelizmente ainda se repete, contra as populações remanescentes dos povos originários e africanos. Nessas águas mergulho e procuro encontrar os tesouros perdidos das sereias, a memória que me foi negada e que se acende quando provoco meu consciente e inconsciente, reconstruindo realidades e ficções para dar conta daquilo que, se eu não trouxesse do fundo das águas, não viria à tona sem essa investigação. (Bezerra Roque, 2022, p. 4)

A performance expandida como uma pedagogia afrodiaspórica, ajuda-o a qualificar o sentido da arte, da educação, da vida, do universo pessoal e social.

A investigação de Doriedson Bezerra Roque parte de vivências e fotografias pessoais, abrindo possibilidades para que outras investigações auto-referenciadas sobre negritude encontrem seu espaço no mundo das artes. Doriedson descreve o seu trabalho também como um trabalho de cuidado de si e do outro, propiciado pela compreensão da performatividade como pedagogia de existências e resistências (auto)libertadoras. Nisto vejo o paralelismo para o meu trabalho artístico no ato do re-tratar que no seu conceito se baseia no encontro entre pessoas, humanos, independentemente da sua origem, cor de pele, etnia, religião, idade, sexo, nacionalidade, idioma, ou qualquer outra condição. O exercício RE-TRATAR reflete sobre o como somos tratados e como re-tribuímos ou re-tratamos e vice-versa. Reflete sobre relações entre seres humanos.

Para contextualizar percorro aqui o caminho que levo até chegar ao exercício artístico-pedagógico RE-TRATO que dá espaço para uma reflexão a vários níveis – não apenas a nível da linguagem escrita e/ou falada:

Durante poucos minutos, concentro-me apenas na pessoa que estou a “retratar”, criam-se traços que ficam visíveis no papel enquanto memória do momento do olhar intenso e concentrado, da tentativa de “ver” a pessoa com toda a minha atenção. Em conjunto decidimos uma COR DA ALMA. No processo da escolha conversamos, sobre cores, sensações, sentimentos, preferências.

“O modelo”, pode escolher a sua cor (de alma) após ter visto o desenho no papel. Assim entramos em diálogo até encontrarmos uma cor com que ambos podemos concordar.

No meu trabalho artístico-pedagógico nas escolas, com a tentativa de abrir a perceção comum do termo RE-TRATO, para um TRATAR e RE-TRATAR consciente no encontro entre pessoas, no sentido de dar e/ou devolver tratamento, trabalhando assim exercícios artísticos, abordando questões sociais e pedagógicas. Retratos que se focam na personalidade e subjetividade das pessoas, neste caso alunos jovens ciganos e não ciganos, negros e brancos, de várias nacionalidades diferentes, no conhecer, respeitar e tentar compreender as diferentes subjetividades, e não aspeto físico e visível da pessoa retratada. O desenho cria-se enquanto dispositivo de memória destes encontros e reflexões entre pessoas, numa perspetiva de aprendizagem mútua e nivelada, tentando com estes

“micro-impulsos” criar um lugar e momento seguro para despertar uma curiosidade genuína entre pessoas.

Doriedson relata da sua memória de escola que aprendeu apenas uma história única:

Naquela pedagogia não havia história negra. Esta começava e terminava na escravidão. O negro só passou a ter alma, de acordo com a igreja católica, somente a partir do ano de 1741, quando a bula papal *Immensa Pastorum*, do papa Bento XIV, atestava que os negros, apesar de infiéis, poderiam ser convertidos como todas as outras raças (LIGIÉRO, 1998, p. 23). (Bezerra Roque, 2022, p.34)

Ao ler o doutoramento dele e refletindo sobre a realidade que observo nas escolas, e nos livros de história portuguesa, a forma como a mesma é contada (ainda hoje), fico também revoltada, triste e com várias questões. Com a minha tentativa de impulsionar um olhar genuíno, questionando diferentes hierarquias e valores no sistema escolar, acabo por inspirar e impulsionar processos de reflexão, não só nos alunos, como também nos professores da escola, mas tenho consciência de que isto é apenas um micro-impulso. Acredito, mesmo assim, que possivelmente poderá propagar-se, em forma de ondas de energia psíquica...

Na perspetiva de equilíbrio e compreensão, de uma comunicação horizontal e interesse mútuo entre pessoas, nos exercícios artísticos, intitulados RE-TRATOS que desenvolvi para a escola, trabalha-se um olhar atento e interessado pela outra pessoa, sem julgar, nem a outra pessoa nem a si mesmo, com um interesse e profundidade artística, quase científica. E o ato de RE-TRATAR acontece em ambas as direções. Cada pessoa é “re-tratante” e “re-tratado” simultaneamente. Trata-se de um querer conhecer, um querer aprender, sem julgamento. Um reconhecer-se na outra pessoa, valorizar o momento com ela e arquivar, de forma visual com caneta e aguarela no papel, a memória do encontro entre duas “almas”, a criação de um arquivo do momento de se (re)conhecer.

Doriedson relata no seu trabalho que na escola não se falava das resistências, dos signos e mitos, das espiritualidades negras. “Éramos ensinados que além da ausência da cultura, a negritude não tinha alma nem fé.” (Bezerra Roque, 2022, p.35) No meu trabalho pedagógico nas escolas portuguesas consigo observar a mesma ausência e procuro equilibrá-la com micro-impulsos, questionando pré-conceitos e hierarquias aparentes no funcionamento entre as pessoas que “habitam” as escolas. Compreendo que o passado cria o presente e o presente cria futuro. Tento assim, com a minha ação artística, através

de micro-impulsos, criar transformações no futuro, sendo que, ao tocar em leituras relacionadas com este doutoramento, dou-me conta da minha ingenuidade. Fico com vergonha. Enquanto escrevo isto estou com uma vergonha imensa de ser branca e achar que posso escrever ou fazer algo que nunca irei entender. Consigo entender o lado do oprimido até um certo ponto, sendo mulher em um mundo de homens. Alguma da raiva e da desilusão que vem deste lugar consigo compreender e aí talvez consiga relacionar o meu trabalho e pensamento, chegando a um maior entendimento, tendo consciência do privilégio e do desequilíbrio, procurando, com este capítulo, direcionar impulsos criativos, ou seja energia vital, para mais equilíbrio nos vários aspetos. Olhando com mais atenção apercebo-me de que a universidade é branca, na sua maioria, os professores, a literatura e a cultura, tudo que nos rodeia é branco, na sua maioria. E mesmo na universidade, onde se começa a discutir o colonialismo e o racismo nas aulas, através de literatura proposta (também escrita por autores brancos), continua a haver a tentativa de justificar e negar partes da história. Decidi, por isso, enquanto micro-impulso para maior equilíbrio, incluir alguns autores negros na bibliografia desta dissertação.

O cuidado é, pois, uma prática assente na ética do amor, não de um amor romântico, mas de um amor capaz de especular e gerar modos de viveres possíveis para a humanidade. Esta ética funda-se na consciência de que aquilo que fazemos no hoje será colhido num amanhã breve ou tardio, mas nem todo fruto da luta será colhido por nós. As performers conscientes desta ética agem como guardiãs de memórias ancestrais, desfiando e reparando experiências transatlânticas por meio das raízes de fios do singular ao plural. (Bezerra Roque, 2022, p.90)

Para Doriedson Bezerra Roque a performance tornou-se uma pedagogia de resistência e mobilização interna que expressa as suas indignações, transformando-as em ações artísticas.

Algumas performances nasceram a partir de discussões fomentadas dentro do grupo de estudos sobre raça e história, que possibilitaram reflexões críticas sobre o tema tanto por parte de discentes como docentes. Dentro de uma instituição que desenvolvia práticas tiranas de assédio e racismo, performar era um ato de denúncia e resiliência. (Bezerra Roque, 2022, p.37)

Citando Paulo Freire, Doriedson compreende o ciclo vicioso descrito por Freire: o sonho do oprimido é tornar-se, de alguma forma, o opressor. Quando a pedagogia é opressora não há lugar para falas plurais.

Para Bell Hooks (2013, p. 50) “quando as poucas, e únicas, falas autorizadas tomam a voz é para executar rituais de controle cuja essência é a dominação e o exercício injusto do poder”. (Bezerra Roque, 2022, p.39)

Observação que partilho quando reflito sobre a minha experiência nas escolas, em outras instituições e projetos pedagógicos pelos quais já tive a oportunidade de passar enquanto aluna, estudante, mãe, professora e artista, tendo a consciência de que, sendo branca, a minha experiência, mesmo estando atenta a injustiças, (infelizmente) é diferente de um aluno ou aluna, estudante, artista ou professor(a) negro ou negra.

Após ter passado por diferentes escolas do agrupamento de escolas Pinheiro e Rosa em Faro, iniciei a minha residência artística na Escola Poeta Emiliano da Costa em Estoi colocando-me as questões sobre a alma do lugar. Cheguei à conclusão de que a alma de um lugar são sempre as pessoas que o habitam ou habitaram, pensamento que me leva a “tendências vagas” (Salles, 2012), a pesquisas, possíveis propostas artísticas e princípios “direcionadores, de natureza ética e estética, presentes nas práticas criadoras” (Salles, 2012) e igualmente presentes nos caminhos artístico-pedagógicos, traçados na residência artística nas escolas.

No pensamento inicial sobre a “ALMA”, em termos filosóficos, surge primeiro a explicação de alma como o princípio da organização do ser vivo, sendo a mesma utilizada para explicar a complexidade da vida e para articular as diversas funções vitais.

Falta no “mapa de alma” o estudo de muitas almas, uma vez que a cor da alma não tem a cor da pele, mas a cor da pele tem história e a alma desenvolve-se no envolvimento com a história, a cultura e a comunidade na qual está inserida.

No âmbito da minha residência na escola formulei uma proposta concreta de materializar a ALMA humana através da palavra e/ou do desenho que nos pode ajudar a compreender, a pensar e ao mesmo tempo a criar o nosso mundo. Ao escrever este e outros trabalhos, baseando-me em leituras transdisciplinares, mas, na sua maioria euro-centrados, reflito no presente capítulo, sobre a integridade da base conceptual do meu trabalho artístico-pedagógico.

A fundamentação social da crítica de Fanon à psicanálise eurocentrada evidencia-se também diante do inconsciente coletivo e dos arquétipos de Jung, quando aponta a restrição de tais elaborações à herança biológica, confundindo instinto e hábito. Um inconsciente coletivo, para Fanon, seria cultural ou adquirido, próprio de condições e

grupos sociais. “Cada vez que lemos uma obra de psicanálise” e “conversamos com pacientes europeus, nos surpreende a inadequação entre os esquemas correspondentes e a realidade que nos oferece o negro”, diz Fanon. (Bezerra Roque, 2022, p. 139)

O que me chamou a atenção, e me fez RE-PENSAR o meu próprio percurso de pensamento, ao ler a tese de Doriedson, foi o termo “Negro com alma branca”. Será que a alma humana pode ser negra ou branca? Apenas ao refletir sobre esta questão, tendo em consideração o anteriormente dito, reparo que toda a literatura escolhida para extrair as minhas escolhas e organização de pensamento, todos os meus professores e mentores e a maioria dos meus amigos são brancos com história e antepassados brancos. O que significa que naturalmente o desenvolvimento do meu pensamento é, e sempre foi, condicionado por uma história e um pensamento “branco”. Mesmo querendo crescer enquanto humana na sua completude, este facto influencia claramente o desenvolvimento da minha “alma” e do *self* individual e coletivo, que se constitui na comunidade que me envolve, e através do qual entro em contacto com o mundo.

Refletindo desta forma sobre o desenvolvimento do sujeito na comunidade e cultura na qual se insere, faz todo o sentido o termo “Negro com alma branca” e também faz sentido a necessidade e a procura de re-encontrar a alma negra, ou seja, a negritude tal a nível individual como a nível coletivo – em uma sociedade humana.

Igualmente, ao escrever este trabalho, sinto necessidade de refletir mais, e de forma menos ingénua, sobre a minha “branquitude” e sobre o que a mesma implica. Ao mesmo tempo que sinto uma responsabilidade de reflexão, volta a motivação e a vontade de trabalhar por mais equilíbrio e afeto na sociedade, que quero assumir enquanto “alma humana”.

Vejo a construção dessa "alma" na perspetiva das interações, na criação em grupo, que não anula as singularidades de cada sujeito individual, mas que, ao mesmo tempo o percebe em rede. Foco-me, portanto, na reflexão sobre a relação entre pessoas, no encontro entre almas, entre humanos, entre *self*'s individuais, buscando as suas essências e observando o que acontece nestes mesmos encontros. Que mudanças e transformações podem surgir de tais encontros de almas humanas? E como poderiam estes encontros transformar o pensamento? Analiso estes “encontros entre almas” e questiono se a nossa perceção de pedagogia e educação se alteraria se pensássemos estes encontros numa perspetiva não hierárquica.

Usando mais uma vez as palavras de Colapietro:

O sujeito individual não é, em seu âmago, uma esfera privada. Em outras palavras, é distinguível, mas não separável de outros, sua identidade é constituída pelas relações com outros. A pessoa não é só um possível membro de uma comunidade, porém, como sujeito tem a própria forma de comunidade... Ao discutir o descentramento do sujeito, ele ressalta a mudança do enfoque do self em si mesmo para a explicação do sujeito sob o ponto de vista das práticas entrelaçadas. (Salles, 2014)

Sob a perspectiva do *self* como agente comunicativo, o sujeito como expressivo não é nunca sozinho. Em qualquer expressão, há ressonâncias do discurso de outros, que faz refletir sobre o sujeito enquanto fonte de pensamento e ação, sentimentos e sonhos:

Ser um self é estar em processo de se tornar um, que nunca está completo. Um signo sem interpretantes futuros é um signo ao qual é negada a possibilidade de realizar aquilo que é de sua natureza. (Salles 2014)

Uma vez que o foco da minha residência artística nas escolas foram as pessoas e as relações entre elas, entre mim e elas e o que acontece nestas relações, nestes “encontros de almas”, mais ou menos fugazes, refleti e adaptei constantemente as minhas propostas à realidade observada. Como esta realidade, que observo, está em constante transformação não vejo a “alma” nem a “cor da alma” como algo estático, mas algo transformável que me dá esperança de que um dia as almas poderem ter várias cores de forma não hierárquica e que a minha “alma de branca” possa ganhar um pouco mais de “negra” a medida que vou aprendendo.

“O negro quer ser branco” e “o branco se empenha em realizar sua condição”, ambos estão presos, um em “sua negrura”, outro em “sua brancura”, e isso tem a ver, para Fanon (p. 44), com um “duplo narcisismo”, que ele pretende esclarecer. Ao admitir “que os brancos se sentem superiores aos negros” e que “os negros querem mostrar aos brancos”, a todo custo, “a igual potência de suas mentes”, o que guia Fanon “é a inquietude por dar fim a um ciclo vicioso”. (Bezerra Roque, 2022, p. 44)

Partilho esta inquietude por dar fim ao ciclo vicioso e por isso o meu caminho de observação-reflexão-criação de proposta-ação, passou pela dinamização de sessões, todas baseadas em questões filosóficas sobre identidade, sociedade (o conviver de diferentes almas humanas) e de que forma poderá acontecer transformação nos encontros ativos mais ou menos conscientes. Sessões a impulsionar desejos e sonhos individuais e coletivos:

Olhando filosoficamente para uma estrutura assente no racismo, Ranato Nogueira afasta-se de uma conceção binária ou de um olhar ingénuo para a História.

As sessões artístico-pedagógicas que desenvolvi com e para alunos, funcionam através da identificação de sonhos. A partir deles são trabalhadas escolhas cada vez mais conscientes, respeito entre humanos, questionando a autoimagem e buscando aumentar o autoconhecimento.

...em linhas muito gerais, na mitologia egípcia, Nut é a deusa do céu e Geb, deus da terra. Enquanto esta é masculina, o céu é feminino. O céu é fecundado pela terra para que possa dar luz às primeiras deusas e primeiros deuses e o mundo seguir seu curso. Pois bem, o céu tem uma rotina importante que deve ser acompanhada pelos seres humanos. Nut engole o sol todos os dias no crepúsculo sobre as montanhas do oeste e dá luz na aurora. A terra é negra e o sol precisa da negrura do ventre de Nut para ser revitalizado e renascer no dia que virá. Num direto espelhamento da ação contínua de Nut de engolir e parir o sol, o hábito humano de sonhar e dormir tem o sentido de enegrecer, isto é, acolher o sol ou simplesmente, viver no mundo dos sonhos. Num registo, negro, negra, preta, preto e escuridão são sinónimos de lugar que revitaliza, fertilizante, fértil, de criação e renovação. Em outro, negro, negra, preta, preto e escuridão são sinónimos de sonho (NOGUEIRA, 2012, p. 67). (Bezerra Roque, 2022, p.88)

Juntei os “vestígios” dos processos de criação e pensamento em grupo, transformando-os em “resultados” demonstráveis, em forma de pensamento escrito, imagem, texto e instalação.

A semelhança de obras artísticas criadas em contextos culturais e históricos completamente diferentes, indica, contudo, de que existe um *self* coletivo pelo qual todo o desenvolvimento de *self* individual contribui. Pensamento que me faz, por sua vez, acreditar em “micro-impulsos”, enquanto força ou estímulo que motiva o desenvolvimento de uma transformação social e intelectual.

Nestas reflexões, portanto, tomo como ponto de partida questões sobre a relação entre processo criativo e transformação humana, numa perspetiva de (inter)ação artística, que por vezes pode ser pedagógica ou não, certamente será transformadora na sua interação criadora. Tento assim criar uma ponte entre o psicológico-filosófico e o artístico-pedagógico, entre o geral e o específico. Observei ao longo dos últimos anos, que, no meu trabalho prático, seja ele artístico ou pedagógico (ou ambos), me foco cada vez mais nas relações interpessoais, iniciando assim, com esta reflexão teórica, um novo processo na

continuação de caminhos com uma atenção e consciência aumentada para a investigação enquanto prática e uma prática enquanto investigação na constituição do sujeito na comunidade e cultura abrangente.

Criar relação verdadeira, trabalhar com foco no processo criativo e na transformação dentro do sistema, seja este sistema a sociedade em geral ou a sociedade “escola”, levam tempo e será sempre um “gesto inacabado”, independentemente da quantidade e qualidade de trabalho.

Neste aspeto, o projeto RE-TRATO continuará dentro e fora do contexto escolar enquanto projeto artístico-pedagógico que envolve interação com pessoas e que continua a refletir, de forma ainda mais abrangente, sobre encontros entre seres humanos, relações que se estabelecem nestes encontros e o desenvolvimento humano individual e coletivo que acontece nestas relações. Dito isto quero criar aqui mais uma ponte com o trabalho de Doriedson:

A resistência, invocada pelo amor, nutre o encontro entre as performers. Amor a que Bell Hooks (2006) enxerga como práxis continua de (auto)liberdade que atenua o trauma e a dor. Para ela, este amor alimenta a esperança fazendo com que a luta pela liberdade individual e coletiva contra as opressões e continuidades coloniais não seja condenada. (Bezerra Roque, 2022, p.90)

Doriedson, no âmbito da sua apresentação em aula, falou no afeto e no afeto artístico, conceitos que quero adaptar mais conscientemente, também para o meu trabalho, no processo de criar relações com as pessoas com as quais entro contacto, dentro e fora da escola. Relações afetivas, que no meu ver, criam a base de qualquer pedagogia, pois criam o interesse e o afeto necessário para que aprendizagem, ou seja, transformação no pensar e agir, possa acontecer.

Assim, após ter criado relação afetiva com os alunos, trabalho com eles o contacto e a atenção no olhar para “o outro” como parte da nossa busca de identidade e alma humana continuando a desconstrução da ideia do que é um desenho. Os traços que ficam no papel após momento de observação e concentração no outro são observadas apenas depois do desenho estar acabado.

Numa segunda fase do RE-TRATO os alunos conversam e escrevem adjetivos que descrevem a pessoa de forma positiva, com respeito e afeto, ligando a palavra escrita com os traços já existentes. Nisto interessa refletir sobre a “alma” e não sobre o aspeto da

pessoa, sobre o que já conhecemos ou vamos conhecendo durante a conversa, o que gosta, o que faz, o que sabe, o que sonha, o que eu gosto mais nela etc.

Estes exercícios, as relações, os diálogos com alunos e professores, as dificuldades ultrapassadas, acompanharam-me nas escolhas e na preparação da exposição e a partir deste momento também me irão acompanhar as reflexões de Doriedson sobre pedagogia e resistência. Reflexões sobre uma pedagogia antirracista e ainda mais do que isto, uma pedagogia horizontal, de equilíbrio, um criar afetivo, de pessoa para pessoa. Reflexão que me leva a pensar nas várias desigualdades que observo dentro e fora da escola.

É o trabalho demorado e praticamente invisível, de relacionamento com as pessoas através de presença, contacto e conversa, que, na minha análise posterior, acaba por criar a qualidade e profundidade artístico-pedagógica do projeto RE-TRATO e em seguida dos RETRATOS DA ALMA aqui analisados.

São as escolhas de alguns resultados artísticos, “materializados” nestas interações, que conseguem trazer à tona a função da arte na educação, ficando grande parte dos resultados à sombra, no invisível e na não-materialidade. Talvez se possa dizer que ficam nas ALMAS de quem, através destes encontros, se transformou nos processos vividos.

No meu atuar afetivo-criativo adapto a ideia dos “micro-impulsos artístico-pedagógicos” para pequenas, mas constantes, transformações sociais, numa perspetiva de criar mais horizontalidade, equilíbrio e cuidado/afeto/amor.

Reconheço ainda mais, a vontade de “negrar” a minha alma, na perspetiva de um impulso afetivo para mais equilíbrio e afeto/amor, querendo trazer autores não-eurocêntricos para um pensamento formado pela sociedade europeia (na sua maioria branca), que me rodeia, e faço das palavras de Doriedson as minhas: “Criar é um ato de coragem. Criar é um desconforto que parte do eu para o mundo, do mundo para o eu.”

As histórias não-brancas continuam sendo apagadas dos projetos políticos pedagógicos das universidades e escolas. Os programas de formações de professores, quando assentes numa pedagogia única e autoritária, reproduzem um modelo único e autoritário a ser ensinado dentro da sala de aula. Quem escolhe aquilo que entra e não nos programas de formação de professores? Quem escolhe aquilo que entra ou não nos manuais escolares? (Bezerra Roque, 2022, p.180)

Há muitos anos partilho estas questões e posso confirmar a situação descrita por Doriedson pela minha própria experiência pessoal e profissional nas várias instituições pedagógicas pelas quais já passei. Observo que...

...Vivemos na eterna culpa do racismo. Esta culpa impede-nos de alcançar mudanças concretas. Temos medo da mudança por que não somos educados para a mudança. Somos educados para a negação e projeção. Se o racismo é estrutura social, engrenagem, que nos forma e forja, todos estamos atravessados por ele. Para Kabengele, há tanto pessoas negras que acreditam na ideia alienante projetada em si, como seres inferiores, como pessoas brancas que, de forma contrária, acreditam no mito de que são superiores por natureza. (Bezerra Roque, 2022, p. 181)

O racismo opera para além de insultos, preconceitos e discriminação:

O racismo é uma ideologia. Enquanto ideologia é preciso uma abordagem multidisciplinar que opere de forma transversal nas diversas camadas do racismo. É preciso uma pedagogia das encruzilhadas que eduque para caminhos possíveis de uma real transformação. (Bezerra Roque, 2022, p.182)

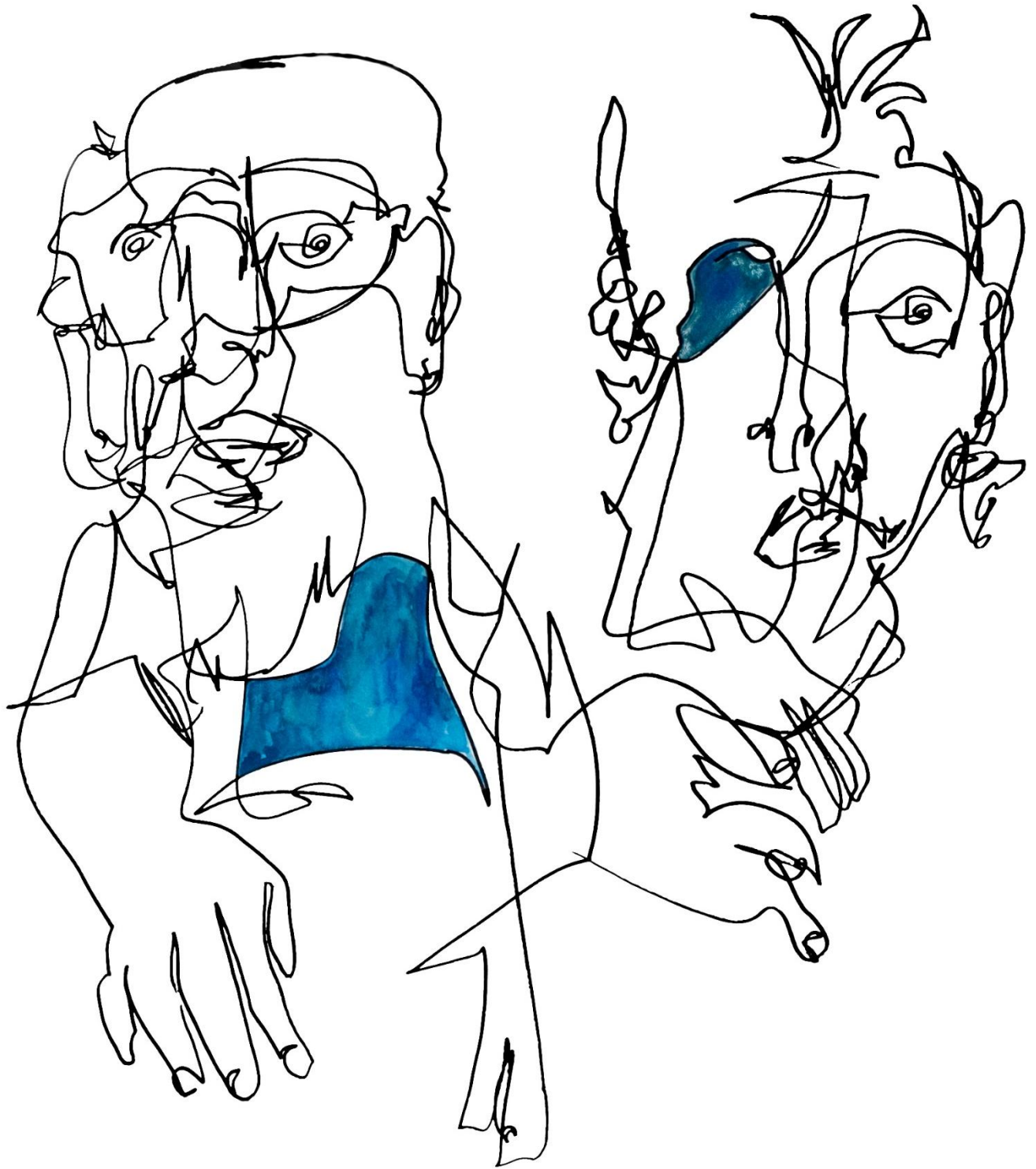
Reflico sobre o trabalho e sobre o relato de memórias pessoais de Doriedson Bezerra Roque e tal como ele está “inevitavelmente, posicionado com e pela negritude” (Bezerra Roque, 2022, p.184,185) eu estou inevitavelmente posicionada com e pela branquitude, querendo a partir desta posição trabalhar para mais equilíbrio e afeto social começando por “negrar” a minha alma através de pensamentos não-brancos e não-eurocentrados.

Tenho consciência de que isto é apenas um pequeno, um “micro”- começo mas acredito, tal como Doriedson que:

É preciso que não tenhamos medo das perguntas. Enfrentar as perguntas leva-nos a encontrar respostas plurais. Não é possível dar conta da realidade com uma resposta única ou racional. Para encontrar novas-velhas respostas é preciso abrir novos velhos caminhos. A sensibilidade artística nos permite forjar caminhos. O caminho da adequação em arte não é necessariamente o mais curto e mais imediato para se atingir um objetivo, porque o processo de trabalho, principalmente na pesquisa artística, é permeado por inúmeros fatores não racionais e não controlados pelo intelecto do artista e, portanto, pode necessitar de caminhos menos diretos para que se dê a maturação necessária das soluções objetivas pelo artista. (ZAMBONI, 2012, p. 44). (Bezerra Roque, 2022, p.184,185) p.191)

Tenho cada vez mais perguntas e mais caminhos por percorrer...

(Fig.11) Sem título, 2023. Caneta preta e aguarela sobre papel 100cm x 70cm



11-06-2024

Querido amigo,

Contudo o trabalho do mestrado está a avançar. Neste momento o meu pensamento vai mais à volta do projeto artístico concreto, uma vez que o tive de discutir e comparar com literatura e outros projetos artísticos, para os trabalhos de seminários. Estou mais confiante que vou ainda conseguir concluir o grande projeto-mestrado. Vejo que o caminho que leva não é o inicialmente planeado, mas também não estava à espera que o seria...

Como é que poderia alguma vez ser, se se trata, como tudo na minha vida, de um caminho incerto, de mais um processo de criação com tendências vagas que ao desenrolar-se tomam formas novas e levam a caminhos e pensamentos, escolhas e leituras novas...

Seria triste e aborrecido se não fosse assim. Mantenho o meu interesse na procura. E cada vez mais quero ver, ler e aprender. Mas também em termos concretos estou aliviada por ter conseguido acabar os trabalhos, e com eles cumprir com o que foi exigido para este segundo ano. Agora falta mesmo apenas finalizar o trabalho escrito do mestrado e apresentá-lo em forma de exposição. Falta um trabalho mais intensivo com as minhas orientadoras. Os desenhos já estão criados. Muito texto já está preparado. Penso que esta última fase vai correr bem. Mesmo assim tive de reduzir muito dos meus planos iniciais. Li tanto e com muita atenção, muito não vou conseguir usar e muito também não me vou conseguir lembrar, mas sei que sempre se acrescenta ao meu pensar de uma forma ou de outra.

Tenho vontade de continuar a escrever depois disto tudo. Mas por agora quero acabar o projeto-mestrado, esta grande tarefa, para poder dedicar-me mais livremente e com menos pressa e pressão, ao desenvolvimento profissional, intelectual e artístico.

Por agora não tenho muito mais para te contar querido amigo. Estou produtiva de uma forma muito concreta e real e vou continuar trabalho...

Até breve!

30-08-2024

Querido amigo!

Sei que passou imenso tempo sem dizer nada. O mestrado ficou à minha espera e quase já não me lembro do que escrevi até agora. Vou lendo e fico surpreendida com o meu pensamento de há uns meses. Entretanto aconteceu tanta vida pelo meio. Outros projetos criativos coletivos e individuais, trabalho na associação, burocracias, dar aulas e contactar com grupos, com pessoas, com amigos e família... Não consegui voltar a concentrar-me neste projeto até agora. Estou a começar a stressar com o Deadline e ao mesmo tempo fiquei bloqueada cada vez que olhei para o caos que ainda tenho, mas ontem comecei a escrever o capítulo sobre a alma, baseado no livro de Murrey Stein. Há tanta informação interessante que gostaria de aprofundar, mas já não vou ter tempo.... Vou ter de ficar um pouco à superfície. Mesmo assim já consegui entrar mais do que nos trabalhos de seminário onde surgiu esta vontade de comparar e interligar o trabalho do C.G. Jung com os estudos de processo de criação. Um início da análise desejada ainda vou conseguir. Será um começo de mais um processo inacabado? E assim a vida não pára de se desenvolver e desenrolar caminhos até à morte.

Mesmo assim, tendo estado desligada do trabalho real de escrita, sinto que tenho crescido bastante com todo este estudo. Mesmo não tendo pensado especificamente no assunto, penso que ele tem estado a trabalhar dentro de mim mesmo assim. Acompanha-me no meu dia a dia. Nos meus métodos de trabalho, mesmo no ensino, e também nas minhas interações pessoais e vice-versa. Agora, ao voltar, sinto que algo em mim amadureceu, talvez foi exatamente este percurso invisível que, conforme curador, me faltou para completar o trabalho neste projeto artístico. Aqui estou eu, de volta ao meu tema, mas, de certa forma, noutra nível de consciência. Espero conseguir acabar o trabalho a tempo. Já não tenho muito medo da defesa porque tenho a sensação de que compreendo, cada vez mais, o que escrevo, porque o experiencio simultaneamente. Se pudera explicar isso com as minhas palavras próprias tudo há de dar certo. Quero conseguir enviar uma primeira versão do mestrado ainda este fim-de-semana!

6. CONCLUSÃO: Sujeito em Comunidade (Community Art)

Community art is artistic activity that is based in a community setting, characterised by interaction or dialogue with the community and often involving a professional artist collaborating with people who may not otherwise engage in the arts.

The notion of community art evolved out of the idea of cultural democracy. Cultural democracy emerged after the Second World War and describes practices in which culture and artistic expression are generated by individuals and communities rather than by institutions of central power. Cultural democracy seeks to democratise culture in order to bring about an awareness and appreciation of art to as wide a section of society as possible; and to break down the boundaries between high and low culture in order to make art accessible to a wider audience. (Community art | Tate, 09-05-2024)

O objetivo desta dissertação foi apresentar uma reflexão teórica sobre o projeto RETRATOS DA ALMA, no qual se manifesta plasticamente sob a forma do desenho, mais especificamente sob a forma de retrato abstrato, uma reflexão sobre o desenvolvimento psicológico de indivíduos em relação com outros. No contexto do trabalho artístico-pedagógico que faz parte do processo do projeto RETRATOS DA ALMA, surgiu a importância da discussão da constituição da subjetividade na comunidade envolvente. Discuti, na afinidade com outros projetos artísticos e pedagógicos, a constituição de subjetividade na relação com os outros, enquanto processo criativo.

Espero ter conseguido deixar um contributo para as recentes discussões em torno deste assunto, trazendo à reflexão, em forma de projeto/dissertação, leituras transdisciplinares, numa abordagem que visa conciliar o conhecimento académico e artístico-prático.

Com perspetivas teóricas encontradas na semiótica do retrato e na constituição de subjetividade na relação com outros, discuti o meu processo de criação como fenómeno imerso nas relações e interações do sujeito com a comunidade, explorando as interações artísticas (e intelectuais) como não-lineares e geradoras de impulsos criativos (e teóricos).

Parti do princípio de que a ação artística se torna presença em diferentes contextos espaço temporais e que se materializa, neste caso, em forma de desenho, enquanto dispositivo para arquivo de memória de encontros entre sujeitos. Sugeri, nos vários capítulos desta dissertação, possíveis caminhos para uma reflexão sobre o retrato enquanto desenho

abstrato e dispositivo de arquivo de memórias de momentos de interação e transformação. Procurei também ideias para reflexão em contexto artístico-pedagógico, que, por sua vez, encontra, na crítica dos processos de criação, suporte para pensar a constituição de subjetividade em relação com outros, também em contexto pedagógico, no sentido de transformação social.

Coloquei a hipótese de que a constituição da subjetividade na comunidade que a rodeia, possa ser entendida como processo de criação do *self* e observo este processo durante o decorrer da minha pesquisa, registrando o meu pensamento nas “cartas escritas a um amigo fictício”. Propus organizar a dissertação por áreas que acabam por interligar-se na discussão teórico-prática. Sustentei as minhas pesquisas na literatura, na análise e na observação das várias etapas e dos vários processos de criação que fazem parte do desenvolver do projeto RETRATOS DA ALMA num todo. Recolhi documentos dos meus próprios processos de criação e pensamento que apresento em anexo. Estes documentos, de origens diversas, olham também para as diferentes componentes do trabalho, por um lado a componente artística, por outro a do desenvolvimento de pensamento e reflexão. A documentação acompanha e descreve o processo do projeto artístico, e do pensamento, que se desenvolveu à luz das leituras feitas e da experiência prática artística e artístico-pedagógica adquirida ao longo do projeto.

Tanto o projeto, como a dissertação escrita, partiram da necessidade de pensar a criação como uma rede de conexões, cuja densidade está estreitamente ligada à multiplicidade das relações que a mantêm. No caso do processo de desenvolvimento do projeto artístico, posso concluir que a rede ganhou complexidade à medida que novas relações se estabeleceram. A tentativa de sistematizar estes processos, sob a forma de Projeto/Dissertação, não foi uma tarefa fácil e está longe de ser concluída, mas quero terminar com este capítulo a minha análise teórico-prática do desenvolvimento do processo de criação, nas minhas relações com a cultura e sociedade na qual me insiro enquanto artista.

Interligando pensamentos encontrados em leituras transdisciplinares, criei uma base que funciona como rede de apoio teórica para a descrição do desenrolar do projeto artístico que se desenvolveu à volta das questões anteriormente colocadas: O que é um retrato? O que acontece no ato do “retratar”, no encontro de sujeitos e na interação que se reflete no gesto do retrato, entre artista e modelo? Que processo de pensamento e ação/interação impulsiona na restante comunidade envolvente, ou seja, no público que assiste ao ato do

“retratar” nas diferentes fases? Que transformação no pensamento e comportamento poderá acontecer através destas interações e do processo de criação específico?

Na primeira parte da dissertação contextualizei brevemente o retrato na história da arte e delimito a forma como entendo o conceito de retrato para o projeto RETRATOS DA ALMA. Na segunda parte procurei definir o que entendo por ALMA, no contexto do projeto. Analisei possíveis materializações de ALMA, processos que levam às mesmas, e relacionei-as numa perspectiva transversal e flexível para facilitar alguns desdobramentos interdisciplinares na complexa relação entre o processo, o pensamento e o desenvolvimento individual e o coletivo. Nisso abordei o processo de criação enquanto processo de interação de um indivíduo criativo inserido na comunidade que o rodeia.

Analisei em todos os capítulos, de ângulos diferentes, os procedimentos da minha prática artística e artístico-pedagógica, observando e descrevendo os métodos que adaptei para o processo de criação e pensamento. Com base na ideia do desenho como dispositivo de arquivo de memória de encontros entre almas, analisei, com o apoio da literatura, o processo de criação de um método que surgiu da interação com a comunidade. As interações, as relações, o diálogo e as transformações provocadas (ou não) nos encontros descritos, sugerem uma reflexão prático-teórica sobre a complexa relação entre o processo de criação e a interação com outros.

No corpo do texto apresentei, entre capítulos, imagens de alguns dos retratos resultantes dos processos descritos, tal como as cartas que acompanharam e registaram, de forma criativa, o processo de leitura e escrita. Em anexo apresento imagens de vestígios e arquivos de memória dos processos de pensamento e ação artística do projeto e da interação ao longo do desenvolvimento do projeto/dissertação. Ainda desenvolvi o conceito para uma exposição das obras materializadas ao longo do(s) processo(s), desenhos, objetos e vestígios que antecedem o projeto/dissertação. O plano da exposição apresento no anexo 2.

Durante o processo de investigação teórica sobre a minha prática artística fui ganhando consciência de que o meu caminho artístico-pedagógico já é, de certa forma, uma investigação enquanto prática, estando integrado desde sempre na minha prática uma forte componente reflexiva, desenvolvendo-se assim experiência prática e consciência

teórica ao mesmo tempo. Na prática artístico-pedagógica, o formular de temas e questões por refletir, o registo de memórias e a avaliação por parte dos participantes, ou seja, as contantes reflexões teórico-práticas, fazem parte do funcionamento destes caminhos.

O verdadeiro trabalho criativo é sempre, em alguma medida, um trabalho a ser ainda determinado; nunca é totalmente determinado ou exaustivamente realizado. Ser criativo é estar conectado de formas novas a fenômenos familiares e, além disso, estar produzindo novas conexões. (Colapietro, 1997, p.13)

O sujeito criativo não é mais supremo, não está em total posse ou autoridade de si mesmo. Não mais do que a subjetividade humana envolvida em qualquer outra prática histórica. Nem tem uma auto-compreensão totalmente abrangente e clara. Não conhece as fontes mais profundas da sua atividade... “Isto é, no entanto, não uma deficiência, mas uma virtude.” (Colapietro, 1997, p. 17)

Os artistas, enquanto sujeitos constituídos e situados, agem em meio à multiplicidade de interações e diálogos e encontram assim modos de exteriorização. A multiplicidade de interações não envolve desaparecimento do sujeito, e o locus da criatividade não é a imaginação de um indivíduo separado. Com isso surge um conceito de autoria nessa interação, entre o artista e a comunidade envolvente. É uma autoria distinguível, porém não separável dos diálogos com o outro; não se trata de uma autoria fechada num sujeito, mas não deixa de haver espaço de distinção. Sob esse ponto de vista, a autoria se estabelece nas relações, ou seja, nas interações que sustentam a rede de criação, que se vai construindo ao longo do processo. Essa abordagem de autoria dialoga, de modo explícito, com o conceito de criação que se sustenta em seu aspeto relacional. É, portanto, essencial pensar no ato criador como um processo de interferências, no qual toda ação está relacionada com outras ações de igual relevância, quando pensarmos o processo como um todo. Sob esse ponto de vista, qualquer momento do processo de criação é simultaneamente gerado e gerador.

“O próprio sujeito tem a forma de uma comunidade;” (Salles, 2006, p. 161)

Here my idea is to declare that art is the only possibility for evolution, the only possibility to change the situation in the world. But then you have to enlarge the idea of art to include the whole creativity. And if you do that, it follows logically that every living being is an artist – an artist in the sense that he can develop his own capacity. And therefore it's

necessary at first that society cares about the educational system, that equality of opportunity for self-realization is guaranteed. (Beuys Fonte, 1974:5)

Concluo a minha reflexão com as famosas palavras de Paulo Freire: "A teoria sem a prática vira "verbalismo", assim como a prática sem teoria vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis,

a ação criadora e modificadora da realidade

7. BIBLIOGRAFIA:

- Abramovic, M. (2010). *The Artist is Present*. Museum of Modern Art.
- Abramović, M. <https://citacoes.in/autores/marina-abramovic/>
- Ashbery, J. (1975). *Self-Portrait in a Convex Mirror*. Carcanet Press Ltd.
- Aymar, C. G. (1967). *The Art of Portrait Painting*. Philadelphia, Chilton Book Co.
- Bauman Z. (2003). *Amor Líquido*. Editorial Presença.
- Beuys, J. (2012). *A Language of Healing*. Victoria Walters, LIT Verlag Münster.
- Beuys, J. (1972), 1970's, *Every Man an Artist: Talks at Documenta 5'*
- Beuys, J. *„Leute frei zu machen, ist das Ziel von Kunst, Kunst ist für mich deshalb die Wissenschaft der Freiheit.* - <https://citacoes.in/autores/joseph-beuys/>
- Beuys, J. (1974). 1970's, *Public Dialogue*.
- Bezerra Roque, D. (2022). *PerformAfro – Pedagogias de Resistência*. Tese de doutoramento na Universidade de Coimbra.
- Bilstein, J. (2007). *Naive Anthropologie, naive pädagogische Praxis. Grundlagen der Pädagogik Oskar Kokoschkas*. Mietzner, Ulrike [Hrsg.]; Tenorth, Heinz-Elmar [Hrsg.]; Welter, Nicole [Hrsg.]: *Pädagogische Anthropologie – Mechanismus einer Praxis*. Weinheim u. a. : p.141-154. URN: urn:nbn:de:0111-opus-79073 - DOI: 10.25656/01:7907.
- Borgdorff, H. (2006). *The debate on Research in arts*. The Routledge Companion to Research in the Arts.
- Colapietro, V. (2014). *Pierce e a abordagem do self*. Intermeios.
- Colapietro, V. (1997) “The Dynamical object and the Deliberative subject” em *The Rule of Reason: The Philosophy of Charles Pierce*, editado por Jaqueline Brunning and Paul Foster (university of Toronto Press).
- De Bruyne, P. & Gielen, P. (2011), *The Politics of Trespassing*, Antennae Valiz.
- Fanon, F. (2022). Descolonização e o saber em saúde mental: contribuições para a saúde coletiva brasileira. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(3):937-946.
- Fanon, F. (2008). *Black skin, white masks*. Penguin Random House.
- Flusser, V. (2014). *Gestos*. Anablume.

- Freire, P. (2003). *A importância do ato de ler*, Certeza.
- Hüther G. (2009). *Die Macht der inneren Bilder*. Vandenhoeck & Ruprecht.
- Hüther, G. (2016). *Mit Freude Lernen*. Vandenhoeck & Ruprecht.
- Jung C.G. (2010). *Typologie*. Deutscher Taschenbuchverlag.
- Jung C.G. (1993). *Der Mensch und seine Symbole*, Walter Verlag.
- Leão L. (2016). Memória e Método: complexidades da pesquisa acadêmica em processos de criação. Atas do 15.º Art – Encontro Internacional de Arte e Tecnologia.
- Leão L. & Salles, C. (2011). *A pesquisa em processos de criação nas mídias*. Atas do Encontro Nacional da APAP, subjetividade, utopias e fabulações.
- Martinelli de Araújo, P. (2022). *Imagem: Do não-saber a uma epistemologia crítica*. Tese de Doutorado. Programa de Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Menezes, J.E., (2009). *Comunicação, espaço e tempo: Vilém Flusser e os processos de vinculação*. *Comunicação Mídia e Consumo*, 6(15), 165-181.
- Ramos, R.S. (2013). *O auto-retrato como consciência da nossa vida*. Colibri.
- Ranciére, J. (2009). *O inconsciente estético*. Editora 34.
- Salles, C. (2006). *Redes de Criação*. Editora Horizonte.
- Salles, C. (2011). *Gesto inacabado: processo de criação artística*. Intermeios.
- Salles, C. (2017). *Processos de criação em grupo: Diálogos*. Estação das Letras e Cores.
- Stein, M. (2009). *C.G.Jungs Landkarte der Seele*. Patmos.
- Salles, C. (2014) In Vincent Colapietro. *Pierce e a abordagem do self: Uma Perspetiva Semiótica Sobre a Subjetividade Humana*. Intermédios.

ANEXOS

Anexo 1: Desenhos criados pelos “modelos” dos RETRATOS DA ALMA



(Fig.12) Sem título, 2023. Caneta preta e aguarela sobre papel A4



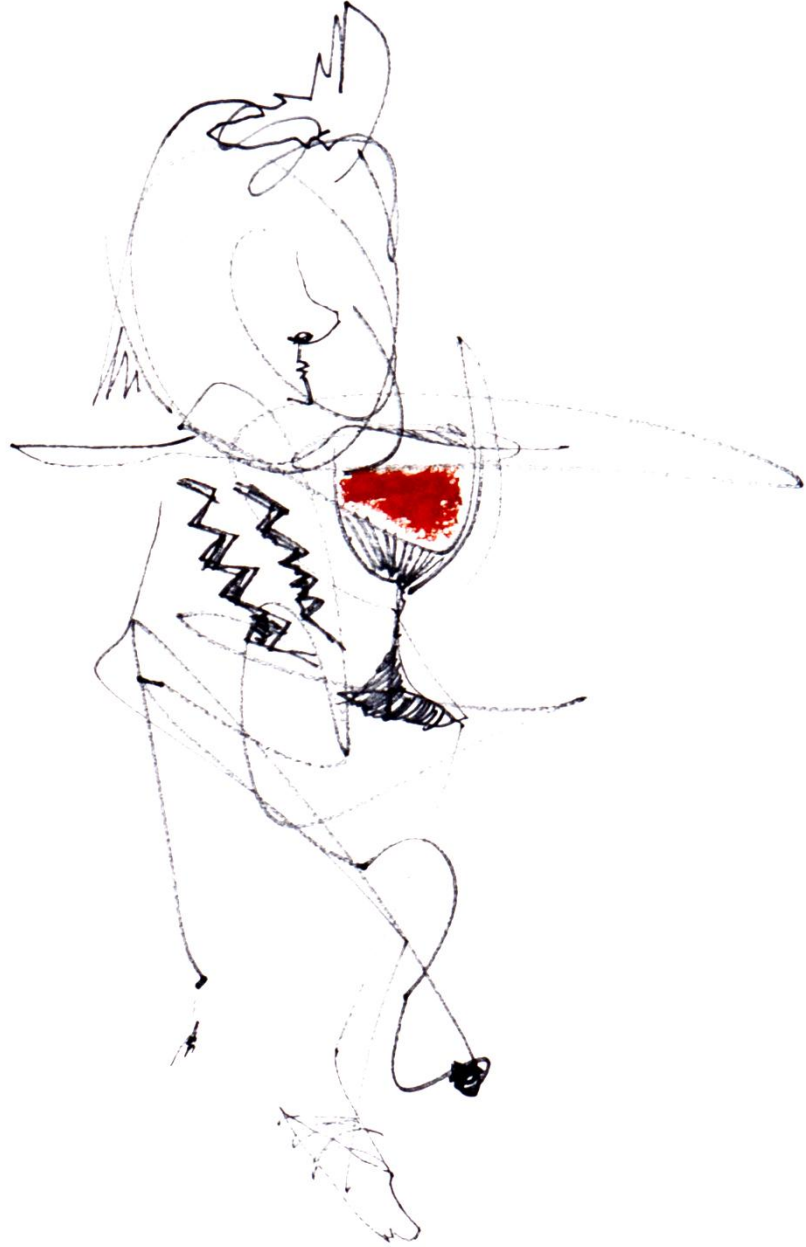
(Fig.13) Sem título, 2023. Caneta preta e aguarela sobre papel A4



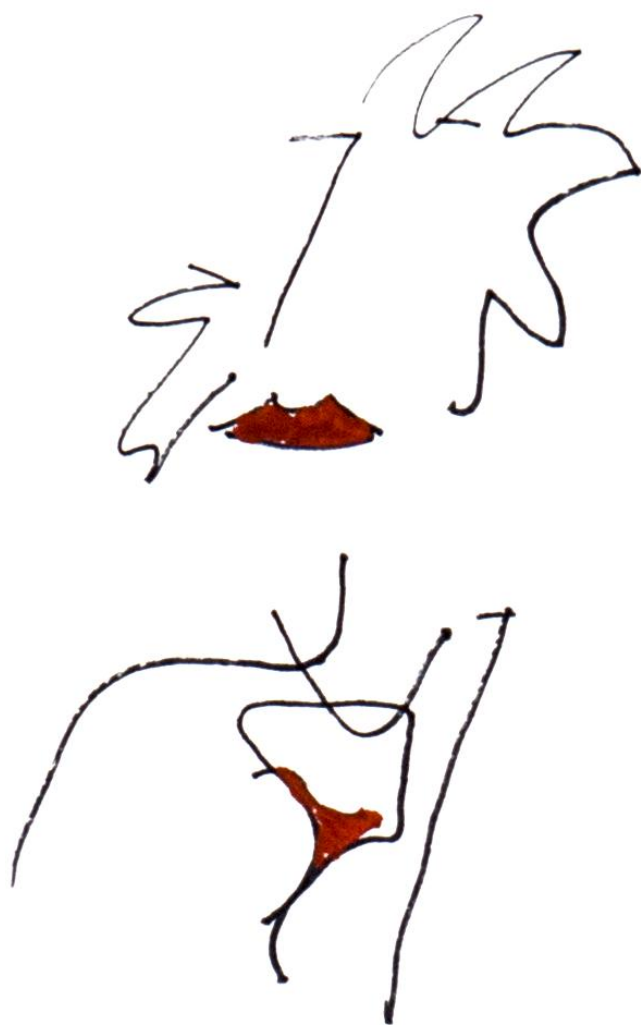
(Fig.14) Sem título, 2023. Caneta preta e aguarela sobre papel A4



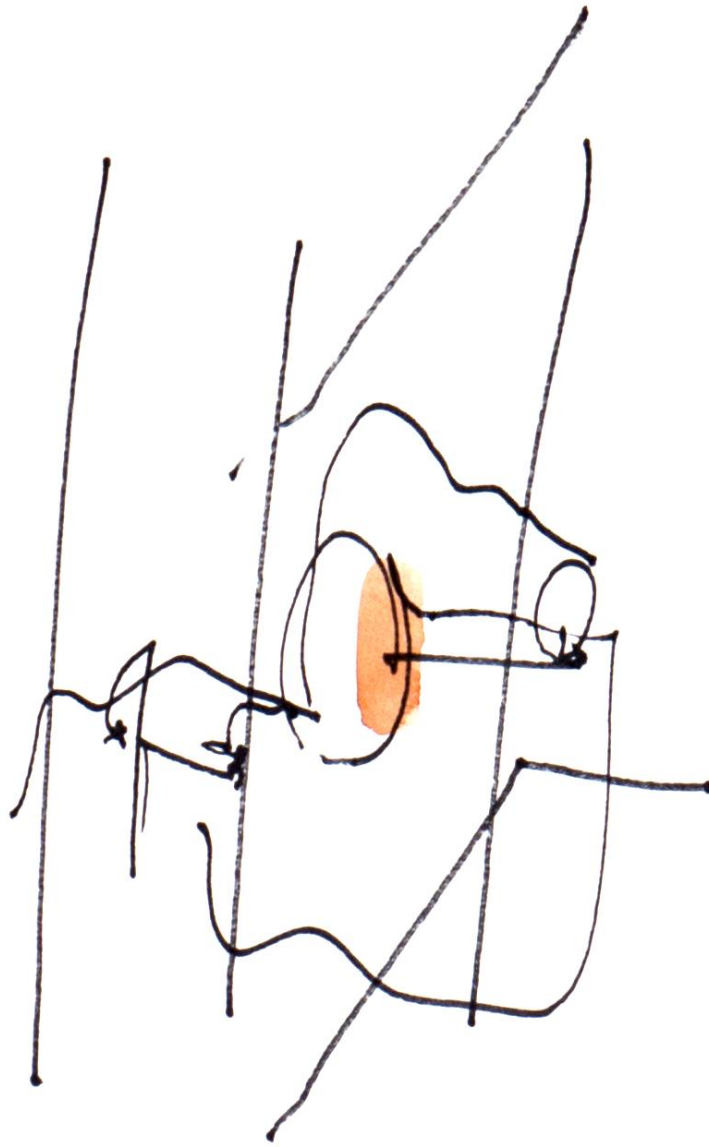
(Fig.14) Sem título, 2023. Caneta preta e aguarela sobre papel A4



(Fig.15) Sem título, 2023. Caneta preta e aguarela sobre papel A4



(Fig.16) Sem título, 2023. Caneta preta e aguarela sobre papel A4



(Fig.17) Sem título, 2023. Caneta preta e aguarela sobre papel A4

Anexo 2: PLANO EXPOSIÇÃO E APRESENTAÇÃO PÚBLICA

Conceitualização: Título RETRATOS DE ALMA

10 desenhos: caneta preta e aguarela sobre papel 100cm x 70 cm

Performance (ENTRE VISTAS)

Artista: Nicole Lissy em INTER AÇÃO com o público.

As obras expostas serão:

10 desenhos escolhidos, caneta preta com aguarela 100cm x 70 cm, penduradas na parede, sem moldura.

Objetos, desenho e vestígios do processo de criação deste projeto desde 2021.

Uma mesa e duas cadeiras no centro da sala de exposição.

A Dissertação impressa em forma de livro disponível enquanto objeto artístico e teórico para consulta.

Espaço: Associação Casa-Museu José Pinto Contreiras

Data: deve coincidir com a data da defesa;

Público: Júri, orientadoras, professores e colegas do curso, amigas, amigos e público geral com interesses, comportamentos, idades e contextos culturais diversos.

Recursos: Parcerias e candidaturas a fundos financeiros pontuais da Câmara Municipal de Faro ou apoio regional da CCDR.

Divulgação e convites pessoais:

- Cartaz
- publicar através do CIAC e da associação AMARELARTE
- enviar nota de imprensa para jornais e rádios locais
- publicar o evento em redes sociais

Montagem no local: uma semana antes da data da Inauguração/Defesa.

1 assistentes para a montagem.

1 técnico para cuidar da iluminação e preparar o equipamento técnico necessário.

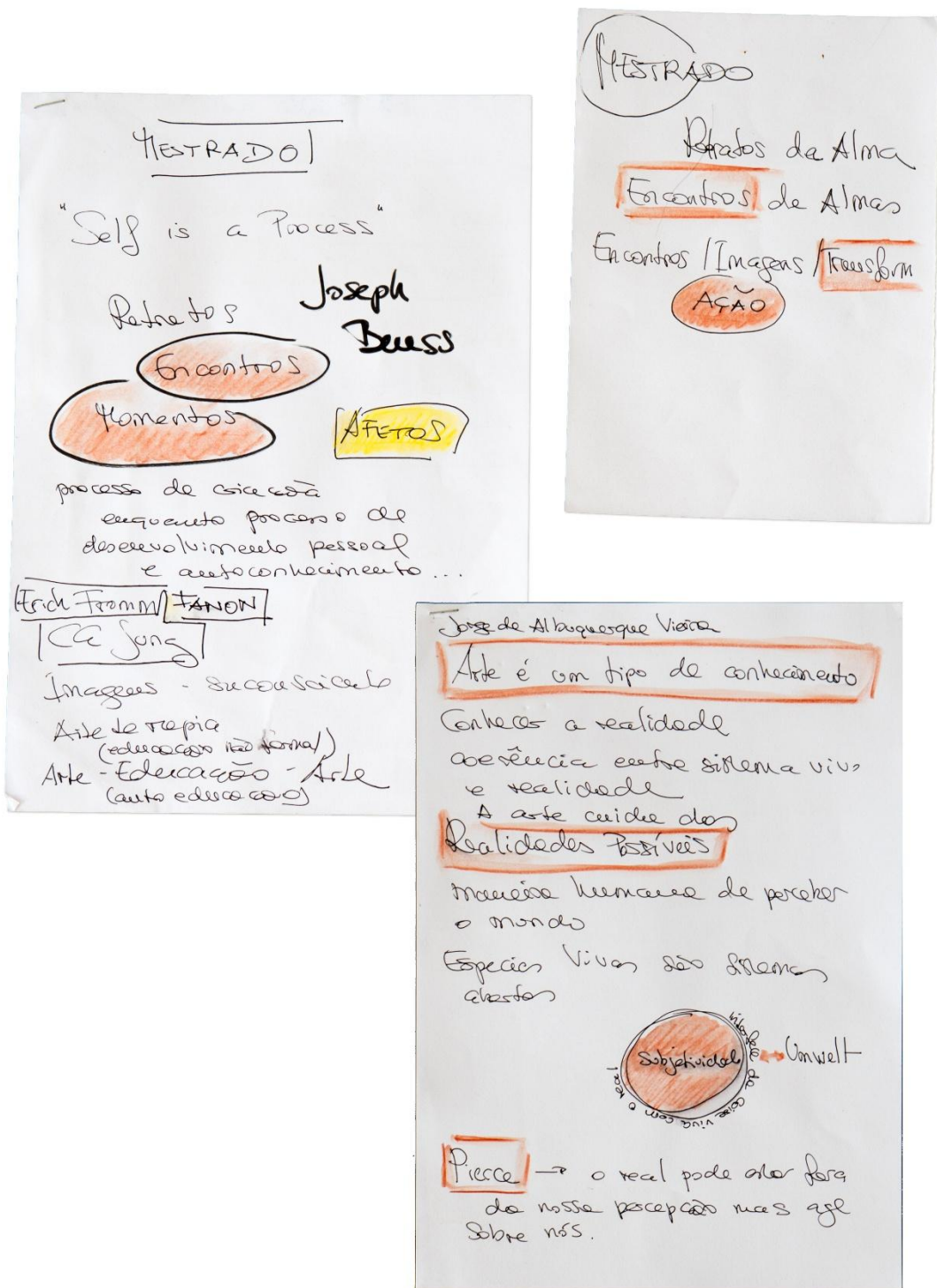
Inauguração: Abertura oficial e Apresentação do Projeto/Dissertação.

Performance: ENTRE VISTAS

Música ao vivo: músicos convidados

Convívio: Comes & Bebes.

Folha de Sala.



(Fig.20) Sem título, 2024. Imagem de momentos do processo de pensamento para a escrita da dissertação.

CRONOGRAMA

Novembro: Estrutura - Capítulos

1ª leitura:

- Community Art: The Politics of Trespassing
- Baseman
- Younis Khan! **Cartas**
- de leitura: Afonso
- Cecilia Salles **mais uma vez**
- Colapietro: **Pierce e a Alargação do Self**

Dezembro: **ENTRE VISTAS**

1ª leitura:

- Ca Jung
- Annamovic → **Esboço Capítulo**
- Bi/Moan / Kokoschka → **Esboço Capítulo**
- Wittkover **Requisito**

Esboço: **Relato e Arquivo do Projeto**

KAPITEL

① **Intro**: Vou começar por falar disto...

Self vs Subjetividade

O sujeito na comunidade e a comunidade no sujeito

Jung - Colapietro - Salles **MANON**

Constituição da subjetividade / **Self / consciência** no processo de criação e inconsciência?

② **Self portraits**: **Idem / Quanto**

A relação entre sujeito e obra

procura - **Walter Benjamin**

Spiegelh: baseada na

Contextualização

Afinidade de projetos artísticos (Hanna Annamovic)

Escolha de linhagem

Kokoschka: como descreve o retrato

"Afinidades Secretas"

Sigmund

Faço no meu Trabalho

Artistas como contextualização

Intrações Artísticas → Relação com o outro a partir do **RETRATO**

O que é um RETRATO?

COLAPIETRO: Constituição da Subjetividade

Deconstrução artística e **processo** de constituição do sujeito + construção

Recorde meu: para o retrato com referência para: **Redes de criação**

Colapietro

RELAÇÃO com outros artistas e técnicos

artístico - pedagógico

desenho - retrato

TÍTULO: "Self is a Process" (Ca. Jung)

O processo de criação enquanto constituição de subjetividade na relação com os outros

Faço no meu Trabalho

2. Análise como contextualização

Intrações Artísticas

Escolhas

Objeto e Projeto

Materialidade do Retrato, Entre os

O que é um RETRATO

Colapido / Realização / de subjetividade / o objeto

reflexão / processo / físico / hipotese

Relação com o outro

→ Relato

→ Desenho como Consequência

RESULTADO

Relação com o outro a partir do retrato

Sujeito (colapido)

construção / processo / de que outros

Projeto Técnico está relacionado ao processo

de constituição artística e processo do sujeito e coletivo

Relação **MANON** para retrato

Relação, rede de criação / Colapido

de relação com o outro

relação com outros artistas e técnicos

relação - processo

(Fig.21 e 22) Sem título, 2024. Imagem de momentos do processo de pensamento para a escrita da dissertação.